

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

CAMILA SISSA ANTUNES

Do passeio na *avenida* à balada no *prolonga*: sociabilidade no espaço público.
O caso da Avenida Getúlio Vargas, Chapecó (SC)

FLORIANÓPOLIS
2009

CAMILA SISSA ANTUNES

Do passeio na *avenida* à balada no *prolonga*: sociabilidade no espaço público.
O caso da Avenida Getúlio Vargas, Chapecó (SC)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em antropologia social.

Orientadora: Prof^a Dr^a Alicia Norma
González de Castells

FLORIANÓPOLIS

2009

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

A636p Antunes, Camila Sissa
Do passeio na avenida à balada no prolonga [dissertação]
: sociabilidade no espaço público. O caso da Avenida
Getúlio Vargas, Chapecó (SC) / Camila Sissa Antunes
; orientadora, Alicia Norma González de Castells.
- Florianópolis, SC, 2009.
152 f.: il., mapas, +; DVD

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

Inclui referências

1. Antropologia. 2. Antropologia social. 3.
Sociabilidade. 4. Espaços públicos - Chapecó (SC). 5.
Antropologia urbana. 6. Avenida Getúlio Vargas [Chapecó,
SC]. I. Castells, Alicia Norma Gonzalez de. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Antropologia Social. III. Título.

CDU 391/397

Ao meu pai e à minha mãe.

Agradecimentos

Não é possível evocar todos aqueles que foram importantes para a realização desta dissertação. Evidenciar nosso sentimento de gratidão envolve o reconhecimento de quão limitados somos, e que nossos grandes feitos somente se concretizam com a ajuda de muitas pessoas. Agradeço especialmente:

Ao CNPq pela bolsa de mestrado.

A todos com quem dialoguei para a realização desta pesquisa pela atenção e senso de colaboração. E a todos que, mesmo sem saber, estavam lá quando observei.

Ao PPGAS/UFSC, suas funcionárias Karla e Adriana, e especialmente seus professores, que participaram de uma maneira ou outra de minha formação acadêmica: Alberto Groismann, Alicia N. G. de Castells, Antonella Maria Imperatriz Tassinari, Carmen Rial, Esther Jean Langdon, Maria Amélia Dickie, Miriam Pillar Grossi, Miriam Hartung, Rafael Bastos, Sonia Weider Maluf, Theofilos Rifiotis, Vânia Zikan Cardoso.

Às professoras que compuseram a banca de minha de qualificação, professoras Sonia Weider Maluf e Vânia Zikan Cardoso. E às professoras da banca de defesa desta dissertação: Cornelia Eckert, Sonia Weidner Maluf e Vânia Zicán Cardoso.

A todos os colegas do NAUI pelos encontros, pesquisas e conhecimentos compartilhados, e ajudas variadas, especialmente a Mariela e Zoraia pelo auxílio na obtenção de preciosos textos e à Lara pela leitura cuidadosa do texto e comentários enriquecedores.

Aos colegas de turma, todos demasiado especiais para privilegiar algum.

À minha professora, amiga e orientadora Alicia Norma González de Castells, cuja presença está em cada linha desta dissertação. Agradeço pelo carinho, acolhida, diálogos, e orientação (não somente acadêmica). Eu te tenho um amor de filha.

Aos meus pais, Jair e Mari, educadores e lutadores que são para mim exemplos de integridade, ética, sabedoria e força... Com amor, carinhos e exemplos fizeram de mim o que sou e cuja importância em minha vida é indescritível. Os amo acima de tudo.

Ao meu irmão Izaquiel pelo amor mútuo e diálogo, e por compartilhar comigo momentos importantes desta pesquisa. Ao meu irmão Samuel por existir nas nossas vidas, por provocar doces lembranças e me fazer sorrir cada vez que lembro seu sorriso.

À Penélope, pelo carinho e companhia durante a escrita desta dissertação.

Ao meu amado Serginho, que trouxe completude à minha existência e cujo amor torna belos todos os meus dias. Obrigado por fazer parte da minha vida, pelo apoio, companhia, carinho e amor que me tens. Em você minha existência tem mais sentido.

O que sabemos dos lugares é coincidirmos com eles durante um certo tempo no espaço que eles são. O lugar estava ali, a pessoa apareceu, depois a pessoa partiu, o lugar continuou, o lugar tinha feito a pessoa, a pessoa transformou o lugar, o tempo vem sempre depois do tempo.

(José Saramago, Palavras para uma cidade.
Folhas Políticas, 1999).

RESUMO

Esta pesquisa busca compreender as sociabilidades no espaço público da Avenida Getúlio Vargas no município de Chapecó. É resultado de uma pesquisa etnográfica na rua que teve como foco de análise as práticas que delimitam, fragmentam e criam lugares no espaço público chapecoense. São apresentados diferentes contextos de sociabilidade, diferentes *cenários* que abrigam desde o *passeio* – como uma forma costumeira de uso do espaço público que aparece na parte central da avenida – às *baladas* na rua – criadas a partir de práticas de jovens que se reúnem em espaços determinados, criam cenários e pontos de encontro. Estes lugares são constituídos por dinâmicas específicas de sociabilidade, analisadas, nesta dissertação, em torno das relações do “ver e ser visto”. As diferentes sociabilidades urbanas identificadas na Avenida Getúlio Vargas ressaltam a importância desta enquanto ícone do espaço público da cidade de Chapecó, sendo o envolvente físico e simbólico dessas diferentes sociabilidades. Dos cenários analisados, o *prolonga* aparece como espaço paradoxal, envolvido simultaneamente por conotações de transgressividade e permissividade. Relações ambíguas que se organizam em termos de coexistência, de simultaneidade e complementaridade, permitindo analisar o espaço público em termos de permanências e descontinuidades.

Palavras-chave: sociabilidades, espaço público, Avenida Getúlio Vargas, antropologia urbana, Chapecó.

ABSTRACT

This research focuses on sociability in the public space of Avenida Getúlio Vargas in the municipality of Chapecó. It is a result of ethnographic research in the street that had the focus of analysis practices that define, fragment and create posts in the public space chapecoense. Are presented different social contexts, different scenarios that harbor from the tour - as a form of customary use of public space that appears in central part of the avenue - the ballads in the street - established practices of young people who gather in certain spaces, create scenarios and points of meeting. These places are made of specific dynamics of social, analyzed in this work, around the relations of the "see and be seen". The different urban sociability identified on Avenida Getúlio Vargas emphasized the importance of this as an icon of public space in the city of Chapecó and the surrounding physical and symbolic of different sociability. Of the scenarios examined, the *prolonga* appears as paradoxical space, surrounded both by connotations of transgressive and permissiveness. Ambiguous relationships that are organized in terms of coexistence, of simultaneity and complementarity, consider allowing the public space in terms of permanence and discontinuities.

Keywords: sociability, public space, Avenida Getúlio Vargas, urban anthropology, Chapecó.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo I – Nuanças entre teoria, empiria e método.....	18
1. O outro antropológico: da aldeia à cidade.....	18
As diversas tradições da antropologia urbana.....	20
Antropologia urbana e globalização.....	24
Espaço público e antropologia: breves apontamentos teóricos.....	27
2. Da especificidade de se fazer etnografia na rua – refletindo sobre método.....	29
Capítulo II – Lugares na Avenida: práticas e usos do espaço público.....	40
1. Chapecó: uma cidade planejada.....	40
Planejamento urbanístico <i>versus</i> urbanidade.....	43
Centros: cidades metropolitanas <i>versus</i> cidades médias.....	46
2. Um olhar sobre a Avenida Getúlio Vargas.....	48
3. A parte central da avenida: lazer e sociabilidade na rua.....	56
Comércio de rua: pontos, lazer e performance.....	60
Sobre o passeio na avenida: cenário, points e trajetos.....	68
4. Prolonga e outros pontos de agito – as “baladas” na avenida.....	77
Descrevendo as baladas: cenários, pré-balada e estabelecimentos de lazer.....	78
Quando a “balada” é na rua: <i>prolonga</i> e final do prolongamento.....	85
Encontros e sociabilidades no <i>prolonga</i>	89
Sobre conflitos e eventos violentos.....	104
Capítulo III – Sociabilidades e Lazer no Espaço Público Chapecoense....	109
1. Sociabilidades na Avenida: do “passeio” à “balada na rua”.....	111
2. Ver e ser visto: sobre as dinâmicas de sociabilidade no <i>prolonga</i>.....	119
3. Entre permanências e discontinuidades – o paradoxal (no) espaço público.....	130
Considerações finais.....	138
Referências Bibliográficas.....	141
Anexos.....	151

Introdução

Esta dissertação reflete, de uma forma ou outra, minha trajetória acadêmica no curso de ciências sociais e os vínculos que estabeleci no decorrer do curso, destacando a relação com a professora Alicia Norma González de Castells e, conseqüentemente, com o núcleo de pesquisa que coordena nesta universidade, o NAUI – Núcleo de Pesquisa Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural – dentro do qual participei de diversas pesquisas que culminaram, entre outras coisas, em uma importante produção intelectual¹. A partir de minha inserção no curso passei a me interessar pela antropologia urbana, e mais especificamente pela habitação de interesse social – a partir do qual desenvolvi um estudo de caso em um conjunto habitacional na cidade de Florianópolis, como trabalho final de curso (Antunes, 2007, 2008). Embora esta não tenha sido a minha primeira experiência de pesquisa, foi a primeira vez que exerci a solidão antropológica em campo (nas vezes anteriores fui parte de uma equipe de pesquisa), dessa forma, ela contribuiu, entre outras coisas, para um amadurecimento intelectual e metodológico. Ao me apresentar na seleção de mestrado, vislumbrei a possibilidade de continuar com o enfoque sobre habitação, desta vez realizando um estudo etnográfico de duas experiências em políticas habitacionais na cidade de Chapecó. No entanto, à medida que fui aprofundando minhas leituras sobre o urbano, cresceu meu interesse pelo tema do(s) espaço(s) público(s) e foi assim, que a partir de uma pesquisa de campo exploratória feita no centro do município de Chapecó (cidade onde eu cresci) decidi por estudar as sociabilidades presentes nesse espaço, focando principalmente os usos e práticas de seus usuários.

De forma mais geral este trabalho discute *espaço público*, concebido como um espaço inconsistente, instável, fluido, com a característica de estar sempre *se estruturando* (Delgado, 1999; 2007)². Entendemos que sua análise pode ser fundamental na identificação e compreensão das práticas sociais (Castells, 1999). Na análise procuramos compreender o espaço público como espaço vivido, ou seja, um *lugar praticado*, nos termos de Certeau. Em outras palavras, o espaço público é um lugar que se faz e se desfaz, território de uma cultura dinâmica e instável, elaborada e reelaborada constantemente pelas práticas e discursos de seus usuários (Delgado, 2007). Nesta perspectiva os sujeitos são concebidos enquanto praticantes

¹ Ver Guimarães e Antunes (2008); Reis, Bauermann e Antunes (2008); Castells *et al* (2008).

² Utilizarei a fonte itálica neste trabalho para dar ênfase ou destacar conceitos. As aspas duplas indicam termos nativos ou relativizados.

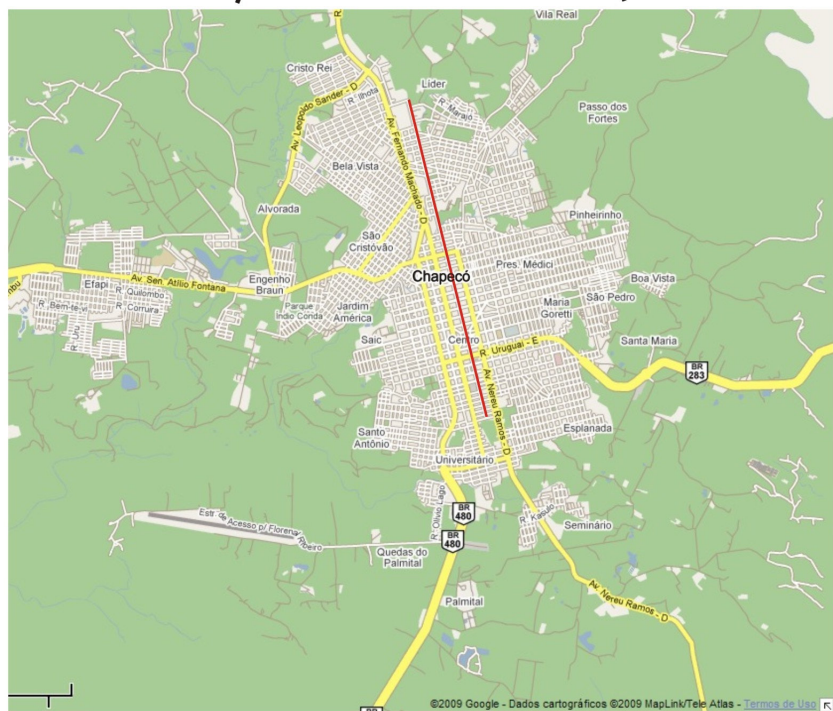
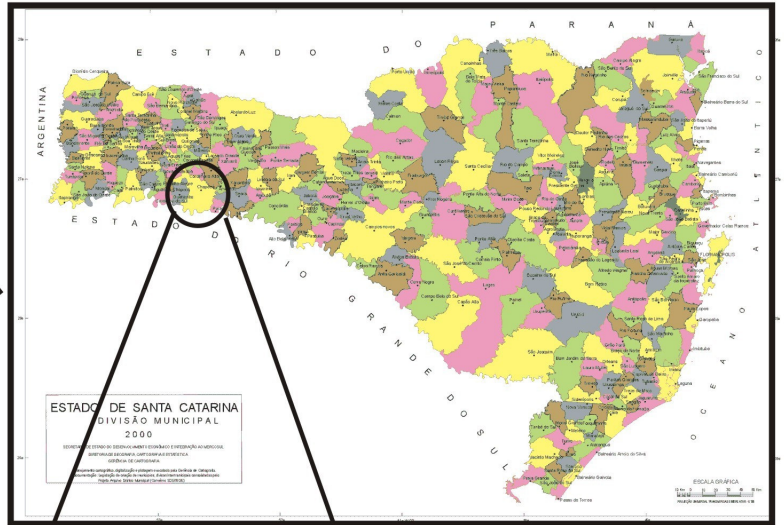
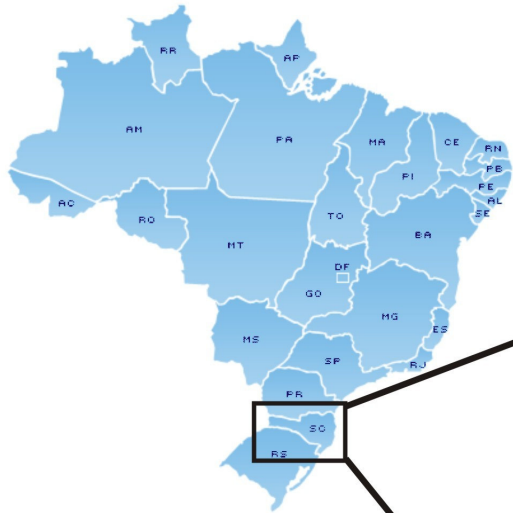
do espaço, e suas práticas podem ser consideradas condições determinantes da vida social (Certeau, 1994; Castells, 1999). O enfoque desta investigação está centrado nas práticas dos sujeitos, em seus usos e em suas sociabilidades³. Considerando, entre outras coisas, que o estudo destas práticas pode elucidar questões mais amplas relacionadas à própria concepção de espaço público.

O município de Chapecó/SC, foco desta dissertação (ver figura 1), encontra-se entre as cinco maiores cidades do Estado de Santa Catarina e exerce importância regional, sendo considerada a Capital do Oeste Catarinense, região que conta com mais de oitenta municípios e aproximadamente um milhão de habitantes. Uma das características de Chapecó é ter nascido como cidade planejada: foram os atores sociais políticos da época da colonização que estabeleceram os parâmetros de urbanização, definindo, entre outras coisas, o traçado das ruas. Entre alguns dos agentes que determinaram de forma mais radical o planejamento urbano da cidade está a colonizadora Bertaso, que instaurou um desenho das ruas caracterizado por uma “ordenação cartesiana, que possui um traçado urbano xadrez, com avenidas largas, quadras bem definidas, passando para o migrante ou visitante a visão de uma cidade planejada, organizada, que caminha para o desenvolvimento” (Hass, Aldana e Badaloti 2008, p. 211; Reis e Villela, 2005).

A história da região oeste, onde está localizado o município de Chapecó (ver figura 1), possui segundo Poli (2006), três fases de ocupação: fase indígena (até meados do século XIX a região era território tradicionalmente ocupado pelos índios Kaingang); fase cabocla (população que sucedeu a primeira e se miscigenou aos indígenas, sua principal atividade era a agricultura de subsistência, o corte de erva-mate e o tropeirismo); e fase de colonização (caracterizada pela vinda de migrantes de origem alemã e italiana do Rio Grande do Sul através do desenvolvimento de projetos de colonização e exploração madeireira (Poli, 2006, p. 149).

³ O conceito de *sociabilidade* foi originalmente proposto pela filosofia de Simmel, que foi um dos primeiros a estudar as especificidades das sociedades modernas nos contextos de crescente industrialização e mudanças sociais e urbanísticas das cidades. Para Simmel (1983) *sociabilidade* significa uma forma de interação social que “não possui fim definitivo, nem conteúdo, e nem resultado fora dela mesma”. Sendo uma “forma pura” de relação na qual não há interdependência entre os indivíduos. Na antropologia urbana contemporânea recebeu novas releituras, como o uso do conceito feito por Frúgoli Jr (1992) para compreender um conjunto específico de interações sociais em um espaço de acesso público – os *shoppings centers*. Utilizo o conceito de *sociabilidade* a partir das considerações elaboradas por Frúgoli Jr (1992) que considera a sociabilidade um “jogo simbólico, forma lúdica de associação e interação, em que determinadas diferenças sociais são reelaboradas”. Essas formas de relação social podem e devem ser interpretadas levando em conta o campo comunicacional no qual “grupos, redes e indivíduos interagem, dizem coisas uns aos outros, trocam significados e elaboram sua inserção na sociedade e na cidade” (Frúgoli Jr., 1992, p. 78).

Figura 1 – Mapa de localização do município de Chapecó



Segundo Rosseto (2006) a fase de colonização se inicia a partir do final da Guerra do Contestado em 1912⁴, somente após a dissolução do conflito as terras da região passam a ser colonizadas através de um projeto do governo estadual que objetivava povoar todo o oeste. Em 6 de março de 1917, quando se encerram as disputas do território entre Paraná e Santa Catarina, o governo toma posse das novas terras e cria o município de Chapecó (Alba, 2002).

O período histórico do município de Chapecó, desde sua criação em 1917 até a sua instalação definitiva na Vila Passo dos Índios (em 1931), é marcado por disputas políticas as mais diversas que culminaram em transferências sucessivas da sede do município. Neste período a região começava a acolher colonos italianos e alemães vindos do Rio Grande do Sul. A sede do município foi instalada inicialmente na Vila de Passo Bormann, no ano de 1919, depois foi transferida para a Vila de Xanxerê, retornando a Passo Bormann em 1923, e novamente transferida para Xanxerê em 1929, até que (finalmente) em 1931 é instalada definitivamente na Vila de Passo dos Índios (Bellani, 1989). Esta ficava localizada entre as duas vilas citadas, sendo, portanto, passagem obrigatória para qualquer uma das duas vilas. Supõe-se que este caminho tenha sido trilhado ainda no século XIX, e segundo a tradição oral era “ponto de parada obrigatória para tropeiros e viajantes” (Cadernos CEOM, 1989).

Ainda em 1922 se instalava na Vila Passo dos Índios a sede da colonizadora Bertaso, Maia e Cia., que recebeu a concessão de três fazendas na região, e foi a principal responsável pelo povoamento e colonização da região oeste. A Vila a partir do Decreto Estadual nº 100, de 2 de maio de 1931, passa a ser a sede do município, escolha que é justificada, entre outras coisas, pelo fato de a Vila Passo dos Índios ser “o ponto mais central, porque já havia mesmo uma colonização de Ernesto Bertaso. Era um lugar mais progressista da colonização no Oeste, e, encontraram mais vantagens por ser mais centro e aí ficou estabelecido e nunca mais saiu” (Lajus *apud* Cadernos CEOM, 1989).

A partir deste processo, a administração estadual passou a atuar na região. O relato a seguir descreve a visão que tinham os dirigentes encarregados da colonização no oeste:

Em meados de 1920, era eu auxiliar da Comissão Técnica Discriminadora de Terras, quando esta recebeu instruções para se transferir para Chapecó, a fim de demarcar as terras concedidas a Empresa Colonizadora Bertaso, Maia & Cia. O Chefe da Comissão, engenheiro Eurico Borges dos Reis, disse-me então: - Não vou. Tenho mulher, filhos e

⁴ O episódio conhecido como “Guerra do Contestado” é um marco histórico de extrema. Iniciou em 1912 e durou quatro anos, foi um movimento de insurreição de “jaguços” e caboclos. Embora a região oeste não tenha sido palco das lutas armadas, toda a região fazia parte das terras “contestadas” e somente passou a ser ocupada após a guerrilha ser sufocada pelo exército: “Equivale dizer que a área foi efetivamente varrida dos remanescentes caboclos que poderiam reivindicar o uso e a posse daquelas terras, como representantes ou descendentes dos primeiros ocupantes” (Rosseto, 2006, p. 260).

essa é uma região onde se mata um homem por simples divertimento. E demitiu-se. O Dr. Adolfo Konder, Secretário da Fazenda, Viação e Agricultura e Obras Públicas, mandou me chamar: - Quer ir você substituir Eurico interinamente? Eu era moço e solteiro. A aventura tentou-me. Fui e não me arrependi (Breves, 1985, p. 7).

Se por um lado se tem como justificativa da conquista e povoamento do oeste a curiosidade, o desejo de aventura, o pioneirismo e o espírito desbravador, prevaleceram, segundo Bellani (1989), interesses econômicos capitalistas e sua “dinâmica própria de relações econômicas baseadas na exploração da mão-de-obra e na economia de mercado” (Bellani, 1989, p. 79). A “frente pastoril” da colonização não necessitava da mão-de-obra indígena, mas sim de suas terras. Apesar disso, foram agregados neste processo os chamados “índios mansos” que se aliaram ao colonizador e somente mais tarde perceberam ser apenas mais uma ferramenta de dominação contra seu próprio povo. Estes “índios mansos” eram chamados pelos colonos de *bugres*, maneira pejorativa para denominar aquele indígena dominado (Bellani, 1989, p. 80). Na sequência da ocupação do oeste, os índios passaram a servir de mão-de-obra barata nas indústrias extrativistas, disputando lugar com os caboclos pobres, também expropriados de suas terras.

O processo de colonização do oeste praticamente dizimou a população originária. A população indígena foi reduzida drasticamente, e vivem atualmente em reservas, como Xanxerê e Toldo Chimbanguê (Rosseto, 2006). Segundo Renk (2006) a colonização para a população de brasileiros (caboclos) representou uma mudança acelerada acompanhada da desestruturação dos seus modos de vida anteriores (Renk, 2006). O relacionamento dos caboclos “desapossados” de suas terras com o colonizador e com os imigrantes “de origem” (como eram conhecidos os colonos vindos do Rio Grande do Sul) foi permeado por conflitos (Poli, 2006). Werlang (2003) enfatiza que o avanço do processo de colonização na região gerou inúmeros problemas com as populações estabelecidas, indígenas e brasileiras (especialmente caboclos), marcando para sempre sua história, visto que elas foram excluídas do acesso a terra e, em geral, passaram a viver à margem da sociedade. O fato de os indígenas e caboclos, estabelecerem uma relação de uso com a terra, em contraponto à relação comercial dos colonizadores, favoreceu o processo de domínio e quase extermínio dessas populações.

Segundo Alba (2002) a colonização do município até os anos 40 foi realizada pelas companhias colonizadoras⁵ que foram as responsáveis pela abertura de estradas e organização de povoados. Além disso, impulsionaram a ocupação trazendo migrantes descendentes de alemães e italianos vindos do Rio Grande do Sul – estes se organizaram em pequenas propriedades. Segundo Renk (2006) esta organização atendia aos interesses da companhia de vender terras, do Estado de ocupar a área e dos colonos de conquistar o acesso à terra.

A partir da análise do processo inicial de urbanização realizado em Chapecó, pode-se perceber que as ruas criadas de forma espaçosa foram pensadas para remeter aos migrantes que chegavam a ideia de uma cidade em pleno crescimento e era sinal de progresso (Alba, 2002; Petroli, 2008). A ênfase foi colocada somente no migrante (geralmente de origem italiana ou alemã vindo do Rio Grande do Sul) à custa da exclusão dos moradores locais (índios Kaingang e caboclos) que foram expropriados de suas terras por essas colonizadoras, sendo relegados ao papel de excluídos do desenvolvimento da cidade. O embrião original de urbanização da cidade constitui hoje seu único centro, não somente em termos geográficos, mas também pelas atividades que nele se desenvolvem, tanto em termos comerciais, como culturais e políticos, e em seu cerne encontra-se a Avenida Getúlio Vargas, que foi eleita o local de análise desta pesquisa.

Na minha pesquisa pude perceber que a Avenida Getúlio Vargas cumpre um papel importante na sociedade chapecoense, podendo considerá-la o principal símbolo do centro da cidade. Nela acontecem os eventos de maior destaque de Chapecó: desde passeios costumeiros pelas suas calçadas, bares, gruta e praça; baladas de jovens a partir da exposição e circulação de seus carros, em uma dinâmica que envolve músicas, bebidas, etc. até o lugar de festa dos torcedores de times de futebol. A importância que assume a Avenida Getúlio Vargas para os chapecoenses pode ser ainda reforçada pelo fato de que os sujeitos dão o mesmo uso para os termos *centro* e *avenida*.

Uma das hipóteses deste trabalho é que esta avenida, para além de sua importância social e histórica enquanto o lugar central da cidade – levando em conta as diferentes sociabilidades que aparecem em seu espaço, identificadas na etnografia a partir de usos e práticas que criam classificações e delimitações – está a sua importância enquanto referencial de *espaço público*. Foram identificadas diferentes práticas em toda a sua extensão, e apresentam desde formas costumeiras do uso do espaço público (como aparece no seu trecho central), até formas, digamos, inusitadas, que instauram em pleno espaço público, dinâmicas

⁵ Estas eram empresas que recebiam concessões de terras do governo estadual e tinham como compromisso efetivar a colonização da região, doando ou vendendo terras.

que podem ser diretamente relacionadas à balada (nos trechos: *alpes*, *prolonga* e *final do prolongamento*). Estes últimos são freqüentados majoritariamente por grupos de jovens, dedicados ao lazer e ao encontro, criando interessantes dinâmicas de sociabilidades que são analisadas em torno da prática do *ver* e *ser visto*.

A avenida é *cenário* de diferentes modos de sociabilidades, que a constituem no *lugar público* por excelência. Foram identificadas diferentes práticas na Avenida, que acabam por criar territorializações ou *lugares*⁶: a *parte central da avenida* (centro) que se caracteriza por um uso intensivo no horário comercial e para além deste se torna um lugar de encontro, onde as pessoas *passeiam*, estabelecem vínculos e criam sociabilidades, que em alguns casos se traduz na apropriação simbólica e espacial de lugares que conformam o que denomino *points*; outras territorializações aparecem em trechos opostos, mas que mantêm relações entre si: o *prolonga* e o *final do prolongamento* no sentido norte, e o *alpes* ao sul – sendo lugares que atraem jovens, mas não exclusivamente, onde se montam *cenários* nos quais se desenvolvem sociabilidades baseadas na visibilidade mútua, na dinâmica que denomino *ver e ser visto*, e que entre outras coisas, estabelece uma dinâmica que envolve pessoas, carros, músicas, circulação, posturas, etc. (ver mapa da avenida e esses trechos no anexo II). Procuramos analisar estas práticas que delimitam, fragmentam e criam *lugares* no espaço público chapecoense, especificando suas lógicas e regras de sociabilidade, realizando uma leitura de sua dinâmica social, a partir de uma análise focada nos comportamentos e práticas dos sujeitos.

O primeiro capítulo trata das relações entre teoria, empiria e método, presentes como planos de fundo desta dissertação, permitindo a enunciação dos principais conceitos utilizados na apreensão, análise e compreensão do tema escolhido. Início com um panorama do estudo antropológico na cidade, trazendo as questões mais recorrentes a partir de algumas tradições da antropologia urbana. Também faço uma breve aproximação com os autores que discutem a globalização e as maneiras como este processo interfere nos âmbitos locais. Procuro também problematizar questões referentes ao espaço público enquanto objeto antropológico

⁶ Através da etnografia foram identificados *lugares* que fragmentam a Avenida Getúlio Vargas e produzem nela descon continuidades. Tomo o conceito de *lugar* a partir da definição de Augé (1994) que apresenta o conceito de *lugar antropológico* como uma “construção concreta e simbólica do espaço (...) que é ao mesmo tempo princípio de sentido para aqueles que o habitam, e princípio de inteligibilidade para aquele que o observa” (Augé, 1994, p. 57-58). De maneira complementar, considero a definição de Leite (2004) relacionando *lugar* à existência reconhecida e compartilhada de demarcações espaciais e ações simbólicas, ou seja, o espaço somente pode se efetivar em *lugar* através das práticas sociais que lhe significam (Leite, 2004, p. 293). Desta maneira, utilizo o conceito de *lugar* considerando uma mútua influência e imbricação simbólica e material que articula espaço e ação, considerando a constituição simbólica e concreta de espaços, através das práticas dos sujeitos (Certeau, 1994).

sustentando-me em antropólogos que tem refletido sobre esta condição de pesquisa (Certeau 1994; Delgado 1999, 2003, 2007; Eckert e Rocha 2002; Magnani 1984; 1996; 2002; 2003); e ao final faço uma reflexão sobre o trabalho etnográfico na rua, a partir de apontamentos sobre a minha própria experiência de pesquisa, procurando enfatizar os passos empíricos e teóricos percorridos para a sua realização.

No segundo capítulo faço uma descrição do espaço público chapecoense, focando a Avenida Getúlio Vargas. Início fazendo referência ao município alvo da pesquisa com uma breve síntese histórica; discuto a relação entre planejamento urbano e urbanidade (as formas que o espaço assume quando praticado pelos seus usuários); contextualizo a atual configuração sócio-espacial do centro de Chapecó e sua importância para a cidade em termos comparativos com os desenvolvimentos dos centros metropolitanos. Neste capítulo é utilizado um recurso audiovisual, trata-se de um vídeo com duração total de quinze minutos, produzido pela autora e inicialmente utilizado na banca de defesa, e que, por sugestão das professoras membros da banca foi incluído na dissertação. O documentário apresenta um panorama da Avenida Getúlio Vargas, traz imagens e textos tanto da parte central quanto do *prolonga*, e torna-se parte integrante da dissertação, pois permite melhor compreender os cenários que serão descritos e analisados na sequência do texto. Na sequência do capítulo apresento os resultados da pesquisa de campo que serão suporte para as reflexões teóricas posteriores. Abordam-se formas de sociabilidades emergentes em dois cenários da Avenida Getúlio Vargas: a parte central da *avenida* – caracterizada pela prática de “passear”, pela criação de *trajetos* e *points* (formas de apropriação física e simbólica do espaço) – e a parte do *prolonga* – um dos pontos de agito identificados e que juntamente com outros dois (*alpes* e *final do prolongamento*) constituem “baladas na rua”, pontos de encontro usados especialmente por jovens e dotados de lógicas singulares de sociabilidade.

O terceiro capítulo sintetiza as questões mais relevantes a partir da etnografia feita na avenida. Assim são retomadas as sociabilidades presentes fazendo-se uma análise das práticas desses *cenários*, evidenciando diferentes comportamentos e apropriações do espaço. Na parte central da *avenida*, as pessoas passeiam, podendo-se identificar comportamentos pautados a partir da *conveniência* (Mayol, 1996) própria do espaço público. O *prolonga* é analisado enquanto dinâmica de sociabilidade sintetizada na expressão “ver e ser visto”, procurando compreender as formas de sociabilidades criadas, pautadas na concepção de uma *visibilização mútua*, na qual se estabelece um jogo de *aparências* – definidas, estas últimas,

como tudo o que atinge os sentidos do *outro*. O capítulo é finalizado apresentando uma discussão sobre o caráter de descontinuidades e permanências do espaço público chapecoense.

Capítulo I

Nuanças entre teoria, empiria e método

Este capítulo trata das articulações que envolvem teoria, empiria e método, presentes nesta pesquisa etnográfica. A tentativa é explicitar o contexto teórico e metodológico que envolve as discussões aqui apresentadas, além de enunciar os conceitos principais utilizados na apreensão, análise e compreensão das sociabilidades urbanas. Na primeira parte do capítulo apresento um panorama da antropologia urbana, que se caracteriza, entre outras coisas, por ter como interlocutores *outros* que compartilham o mesmo ambiente que os próprios antropólogos: as cidades. Apresenta-se uma breve revisão do surgimento desta subdisciplina e as principais questões abordadas, a partir de tradições diversas, envoltas pela discussão sobre a dicotomia antropologia *na / da* cidade. Na continuação se faz uma aproximação com os autores que têm problematizado o processo de globalização e sua significativa influência na antropologia que se faz nas cidades; além de comentar o tema espaço público e suas abordagens antropológicas, enfatizando o enfoque que procuro privilegiar nesta dissertação. Na segunda parte do capítulo trago uma reflexão sobre o trabalho etnográfico na rua, a partir de apontamentos sobre a minha própria experiência de pesquisa, procurando enfatizar os passos empíricos e teóricos percorridos para a sua realização, trazendo os teóricos que me subsidiaram para realizar uma pesquisa que toma como objeto de análise o espaço público.

1. O outro antropológico: da aldeia à cidade

Tradicionalmente a antropologia dentro do campo das ciências sociais teve como foco principal o estudo do *outro*, do raro e do exótico, ou seja, esteve prioritariamente designada a estudar as ditas sociedades tradicionais e/ou primitivas. Neste princípio, a perspectiva teórica e os métodos da investigação etnográfica pareciam mais adequados aos estudos de sociedades pequenas e tradicionais, que desenvolviam-se em um ritmo mais “lento” que as sociedades modernas. No entanto, com o impacto do colonialismo e a

revolução industrial, este panorama se transforma e as sociedades tradicionais remodelam suas próprias estruturas em função dos processos socioculturais que se desencadeiam com o urbanismo e a modernização. Deste modo, os métodos da etnografia clássica (estadia prolongada no campo, observação participante, entrevistas em profundidade, etc.), utilizados tradicionalmente para o estudo antropológico de povos “primitivos” em seus locais de origem, são utilizados agora para estudos na sociedade dos próprios antropólogos, nas cidades. Estas, enquanto lugares que agregam pessoas de distintas procedências interagindo cotidianamente, oferecem a interessante oportunidade de analisar novas práticas e novas relações entre as práticas (Pastor, 2008). O *cidadão* representa para a antropologia a novidade, o *outro* generalizado, em relação a um homem supostamente local e conhecido (Homobono, 2000). A antropologia, em questão de poucas décadas, procedeu à interiorização progressiva desse *outro*, convertendo-se em *urbana*.

Na origem das ciências sociais o estudo da sociedade moderna, complexa e urbana, esteve principalmente sob a égide da sociologia, sendo que a cidade representava o oposto à alteridade cultural (aspecto definidor da antropologia)⁷. De um modo geral os estudos antropológicos deste período permanecem relegados às práticas etnográficas clássicas, voltando-se para uma descrição do *outro* na cidade (priorizando análises sobre o parentesco, aculturação, marginalidade, entre outros temas). Neste contexto também estão incluídos os *community studies*⁸, os quais foram aplicados a partir dos critérios de análise que pressupõe a existência de comunidades dotadas de um sistema integrado em contextos urbanos. As críticas a estes estudos se pautam principalmente na constatação de que os espaços da urbanidade se constituem de uma miscelânea de linguagens, de comunicação polidirecional, de uma trama imensa da qual não se pode recortar instâncias sociais estáveis e homogêneas (Delgado, 1999, p. 43).

O surgimento da antropologia urbana como tradição analítica pode remontar à etnografia urbana da Escola de Chicago, principalmente, como uma das tradições acadêmico-intelectuais que atribuiu uma identidade diferenciada à disciplina (Feixa, 1993). Segundo Homobono (2000b), enquanto precursora da etnologia urbana, a metodologia analítica da

⁷ Esta realidade reflete a visão que diferencia “civilização ocidental” e “civilização primitiva”. Assim, ficaria a sociedade civilizada e industrializada reservada ao estudo da sociologia, enquanto a análise das culturas primitivas cabia à antropologia. Neste contexto, a antropologia urbana surgiu em parte como consequência da Segunda Guerra Mundial e os processos de *descolonização* (Homobono, 2000).

⁸ Esta opção, segundo Durham e Cardoso (1973), coincidia com a própria posição da antropologia como “ciência de certo modo também marginal à civilização urbano-industrial”. Na mesma linha, Velho e Machado da Silva (1978) sustentavam que a antropologia, tanto na cidade quanto na sociedade tribal, era o estudo da organização, dos símbolos, das estratégias de vida e da solução de conflitos. Urbanidade ou ruralidade seriam somente contextos.

Escola de Chicago instituiu os estudos de caso, etnografias completas em âmbito urbano, privilegiando os estudos de recomposição de grupos humanos em função de sua origem ou atividade nesse contexto⁹. Foi a primeira escola a ensaiar a incorporação de métodos qualitativos e comparativos tipicamente antropológicos, partindo da constatação de que o que caracteriza a cultura urbana é a inexistência de uma realidade dotada de uniformidade (Delgado, 1999, p. 28).

A Escola de Chicago produziu um conjunto de excelentes trabalhos de etnologia urbana, da cidade como modelo espacial e ordem moral, que constituem um verdadeiro inventário da modernidade; grupos sociais e territórios, segregações raciais e culturais, desvio/integração, mobilidade e redes de relações, mentalidades e sociabilidade. (Homobono, 2000b, p. 16)¹⁰.

Em oposição ao empirismo da Escola de Chicago, surgem com proeminência os estudos interacionistas, dentro do qual teve grande importância o micro-estudo de Erving Goffman "The Presentation of Self in Everyday Life" (1959), no qual o autor define a interação humana em termos de uma metáfora dramática, uma análise do comportamento humano como o desempenho de uma série de performances. A sua ênfase nos jogos sutis da interação humana, oferece até os dias de hoje uma importante ferramenta para os estudos das interações urbanas.

As diversas tradições da antropologia urbana

A antropologia urbana pode ser considerada uma tradição universal de reflexão sobre a cidade e o urbano. Neste cenário, a tradição norte-americana e a ecologia urbana da Escola de Chicago aparecem como atores preponderantes. No entanto, é preciso considerar a importância da tradição britânica (especialmente vinculada aos processos de urbanização e descolonização na África) e da tradição francesa (preocupada com a alteridade do imigrante africano e pelas culturas urbanas autóctones, a partir de paradigmas estruturalistas e simbólicos). E também, como assinala Homobono (2000) a antropologia urbana é constituída por outras tradições periféricas que, ao contrário das tradições centrais – que se constituíram em torno da reflexão sobre a alteridade de *outros* – têm se constituído em torno do estudo de *si mesmas* ou identidade nacional, e a alteridade interna dos estados plurinacionais e suas minorias étnicas (Homobono, 2000, p. 25). Ainda, se nas primeiras tem se caracterizado um

⁹ Ver Wirth (1928, 1938) e Whyte (1943).

¹⁰ Todas as citações em outros idiomas foram traduzidas a fim de dinamizar a leitura da dissertação.

processo de ruptura com antigos objetos de estudos, nas antropologias periféricas há uma maior continuidade, já que os temas de estudos mais frequentes se articulam em torno de identidade coletivas em âmbito urbano (Feixa 1993) ¹¹.

A definição do campo da antropologia urbana, propriamente dito, está permeada por um debate em torno da relação: antropologia *da* e antropologia *na* cidade. Neste sentido há uma diversidade de proposições, sempre em torno desta dicotomia ¹².

Neste âmbito a antropologia *na* cidade se teria limitado a transportar para este novo contexto urbano seus temas tradicionais, embora qualquer investigação que não traga nada de novo sobre as especificidades da vida urbana, tomando a cidade como texto a decifrar, seria simplesmente uma péssima antropologia (Feixa 1993:18 *apud* Homobono 2000:19). A este propósito Hannerz (1991) coloca que a antropologia urbana não tem contribuído propriamente para a discussão do urbano, e questiona se há algo de propriamente *urbano* nessa antropologia que se faz nas cidades.

Segundo Homobono (2000) nos estudos urbanos deste tipo, que a cidade como um todo não constitui a unidade de análise, os grupos, os bairros, etc., são estudados como “ilhas sociais”, recebendo a qualificação de antropologia *urbana*, somente porque os grupos objeto de análise estão na cidade. A estes falta uma reflexão sobre o espaço social, para além do espaço físico, que permita compreender as relações dos grupos estudados com os espaços (Homobono, 2000, p. 21). Entre os temas estudados por este tipo de antropologia urbana estão: urbanização da sociedade rural, processos migratórios, gênero e espaço urbano, processos produtivos, marginalização, movimentos sociais, identidades coletivas, rituais festivos, entre outros.

¹¹ Para ter um panorama geral das tradições nacionais da antropologia urbana, especialmente a espanhola e portuguesa ver Homobono (2000), texto no qual se realiza um extenso inventário da produção acadêmica na área, destacando desde os pioneiros e suas principais obras, até as tendências mais recentes. Ver também Sanjek (1990) que apresenta uma revisão de etnografias urbanas nos anos 80, identificando assuntos, processos e locais estudados, trazendo exemplos de etnografias realizadas nos Estados Unidos e Caribe, América Latina, Europa, Oriente Médio, África, Ásia e Oceania. É uma verdadeira “excursão mundial através de etnografias urbanas”. Também ver Hannerz (1991) para um rigoroso histórico das principais escolas da antropologia urbana: Escola de Chicago, Escola de Manchester e antropólogos expoentes como Max Gluckman e Erving Goffman.

¹² Sendo que para Hannerz (1991), por exemplo, a antropologia urbana deve se caracterizar por uma perspectiva relacional distinta, centrando nos processos de interação e de interdependência das instituições. Já Althabe (1984) aponta três correntes na subdisciplina: 1) Etnologia na cidade – estuda o espaço de habitação, conflitual e lúdico, articulação entre o âmbito profissional e residencial; 2) Etnologia da cidade – em continuidade com a perspectiva da Escola de Chicago, centrada na sociabilidade urbana por contraste com as sociedades rurais ou tradicionais; 3) Imaginário na cidade – relação entre o espaço urbano e as práticas de seus habitantes enquanto agentes de produção da cidade, apropriação e uso dessa área (Althabe 1984 *apud* Homobono 2000:19). No Brasil este debate sobre o caráter da disciplina: se seria uma antropologia *da* cidade ou mais uma antropologia *na* cidade, contou com a participação de vários autores, ver especialmente Durham (1997); Velho e Machado da Silva (1977); Oliven (1980); Magnani (1996).

Por outro lado, os antropólogos *da* cidade estariam interessados na urbanidade, ou seja, nas formas de vida, nas representações e nas práticas dos habitantes das cidades. Nesta perspectiva o urbano se constitui em objeto de investigação em si mesmo, e se consideram premissas importantes como a noção de que a cidade está inserida em redes e incluída em um sistema global, não se podendo pensar nenhuma cidade como realidade circunscrita ou isolada. A antropologia urbana adquire, assim, um enfoque relacional e situacional (Homobono, 2000).

Nesta perspectiva, Hannerz (1999) acredita que a antropologia urbana deve se focar nos aspectos peculiares da cidade. Mas sustenta que ao invés de perceber a cidade como lugar para pensar a cultura em termos de uma organização da diversidade, os antropólogos têm, em sua maioria, dado ênfase às camadas de vida menores e mais homogêneas, percebendo-as isoladamente, não imersas na diversidade. A sua proposta para uma antropologia urbana indica “pensar não somente sobre o que é antropológico na antropologia urbana, mas também sobre o que ela tem de propriamente urbano” (Hannerz, 1999, p. 154) ¹³.

Uma alternativa, que em parte supera esta dicotomia (*da* ou *na* cidade), é apresentada por Delgado (1999) que considera que a antropologia não deve se limitar a ser uma antropologia *da* ou *na* cidade, e procura estabelecer uma antropologia do *urbano*, das sociedades urbanas ou em processo de urbanização. Neste sentido considera que *cidade* e *urbano* não são sinônimos. A primeira se refere a um assentamento amplo de construções estáveis, uma comunidade humana densa e heterogênea conformada essencialmente por estranhos entre si, enquanto que *urbano* é um estilo de vida definido pela proliferação de relações práticas e representações deslocalizadas e precárias, que se dá em contextos que vão além da cidade enquanto território. O *urbano* é o “trabalho da sociedade sobre si mesma” e está constituído daquilo que se opõe a qualquer cristalização estrutural, é flutuante, aleatório, fortuito. Por consequência, a antropologia urbana seria uma antropologia que foca na urbanidade como uma forma de vida, de dissoluções e simultaneidades, e se definiria, em grande medida, como uma antropologia dos espaços públicos, onde os vínculos são débeis e precários, os encontros fortuitos e desconhecidos e onde predomina a incerteza (Delgado, 1999, p. 23-26).

¹³ Hannerz (1998) contribui para o desenvolvimento de um campo conceitual específico para a antropologia urbana, passando a assumir em seus trabalhos as características de uma antropologia das conexões transnacionais, conexões estas que cada vez mais variadas e penetrantes, estão afetando a cultura, os lugares e as gentes (embora continue havendo um enfoque sobre as cidades, pois estas ocupam lugar chave nessas conexões). Esta “tendência” aos estudos com enfoque sobre os temas gerados a partir de uma realidade cada vez mais globalizada vem se tornando uma característica marcante dos estudos em antropologia urbana.

Delgado (1999) reconhece que a sua proposta de uma *antropologia do urbano* desenha-se como uma subdisciplina com projeto próprio, e que de fato está “tudo por fazer”. Não se pode negar que a antropologia urbana ainda não tem um pleno desenvolvimento a nível conceitual, mas não se requer do antropólogo urbano a renúncia ao patrimônio e identidade de sua disciplina, pelo contrário, muitos antropólogos têm usado conceitos e proposições de antropólogos de outros “campos” como da antropologia simbólica¹⁴.

Considero pertinente para pensar a antropologia urbana o que Certeau (1994) apresenta como elementos para um olhar “embaixo” no lugar em que “vivem os praticantes ordinários da cidade” em oposição a um olhar de “cima” – que constituiria o marco de uma “cidade-panorama”, que indica o esquecimento e o desconhecimento das práticas. Em outras palavras, de um lado está o conceito instaurado pelo discurso utópico e urbanístico de cidade e de outro as práticas urbanas que fazem a cidade. O enfoque analítico de Certeau está nas práticas urbanas, o autor considera que “as práticas do espaço tecem, com efeito, as condições determinantes da vida social” (Certeau, 1994, p. 175). De maneira semelhante, Castells (1999) considera o espaço como um indicador fundamental para a identificação e compreensão das práticas sociais do cotidiano e considera que a constatação de diferentes percepções sobre o espaço permite melhor entender essas práticas.

Focalizando ponto de vista semelhante, Magnani (2002) elabora uma proposta para a antropologia urbana em contraponto às abordagens da cidade que denomina “de longe e de fora” (dois blocos de análises e diagnósticos que enfatizam aspectos desagregadores do processo: um primeiro foca nos problemas sociais da cidade, e um segundo aborda os cenários marcados por uma deslumbrante sucessão de imagens nas metrópoles, resultado da superposição e conflitos de signos, não-lugares, redes, etc.). Os diagnósticos realizados por ambos os blocos são semelhantes: apresentam a deteriorização do espaço público, segregação, confinamento social, situações de violência. Dentro destes estudos estão aqueles que pensam a cidade para além de suas fronteiras físicas, e a pensam no contexto do mundo globalizado (García Canclini, 2005; Borja, 1998; Hannerz, 1997, 1998, 1999; Sassen, 1998). Um dos pontos em comum destas abordagens (Cf. Magnani) é a *ausência de atores sociais*. Os atores em suas formas de sociabilidade não aparecem, e sua incorporação permitiria vislumbrar outros pontos de vista sobre a dinâmica da cidade.

A proposta de Magnani para a antropologia urbana é procurar os cenários do exercício da cidadania, das práticas urbanas e dos rituais da vida pública. Segundo ele, as

¹⁴ Como faz Delgado, por exemplo, ao utilizar em suas análises Durkheim, Van Gennep, Mauss, Lévi-Strauss, Bateson, Turner entre outros.

idades são importantes para pensar, pois concentram serviços, oferecem oportunidades, produzem comportamentos e determinam estilos de vida. A proposta de Magnani é pensar a diversidade da cidade, enfatizando não a sua fragmentação, mas os possíveis sistemas de trocas, permitindo diferentes arranjos e experiências. Um “olhar de perto e de dentro” que busca ir além da fragmentação, procurando identificar regularidades e padrões (Magnani, 2002). Além disso, em trabalho mais recente, Magnani (2007) aponta para a possibilidade de analisar como as categorias por ele elaboradas (*circuito, mancha, trajeto*, entre outros) se articulam para revelar padrões complexos de uso e apropriação da cidade, sendo crucial buscar regularidades de uso e comportamentos que ocorrem no espaço urbano (Magnani, 2007, p. 16).

A idéia [é] levar em conta tanto os atores sociais com suas especificidades (determinações estruturais, símbolos, sinais de pertencimento, escolhas, valores, etc.) quanto o espaço com o qual interagem – mas não na qualidade de mero cenário e sim como produto da prática social acumulada desses agentes, e também como fator de determinação de suas práticas, constituindo, assim, a garantia (visível, pública) de sua inserção no espaço (Magnani, 2007, p. 19).

Compartilho das proposições de Magnani, e o enfoque que pretendo dar sobre a cidade está, de fato, mais próximo do que ele define como uma “etnografia de perto e de dentro”. O foco analítico desta pesquisa não se baseia em uma visão macro social, mas volta o olhar para aquelas ações e práticas cotidianas figuradas pelos sujeitos na cidade, procurando contribuir para uma análise da cidade a partir dos usos e sentidos atribuídos pelos cidadãos no cotidiano. Por outro lado, me aproximo também de uma antropologia *da* cidade, como define Homobono (2000), por estar interessada no fenômeno da urbanidade – nas formas de vida, nas representações e nas práticas dos habitantes das cidades, sendo tema desta pesquisa as relações sociais – que denomino genericamente de sociabilidade – e lugares de encontro no espaço público, ambos relacionados muito mais com uma antropologia do urbano e mais especificamente dos espaços públicos, onde se estabelecem vínculos provisórios e predomina a incerteza (Delgado, 1999). Nesta dissertação, o estudo das sociabilidades no espaço público deriva para uma análise do próprio espaço no qual se desenvolvem, e cuja fragmentação é também significativa.

Antropologia urbana e globalização: premissas para o enfoque das cidades globalizadas

Para contextualizar o espaço público na nossa contemporaneidade é preciso fazer inicialmente referência ao processo de globalização que tem influenciado significativamente a antropologia que se faz nas cidades e a própria concepção desse espaço, tema privilegiado no nosso trabalho.

A globalização provoca, por um lado, uma tendência à padronização cultural (que toma o padrão dos países mais poderosos e industrializados), por outro lado acarreta inevitáveis e contínuas transformações socioeconômicas, políticas e ecológicas que afetam o conjunto da humanidade, provocando uma multiplicidade de processos sociais e culturais que surgem a partir dessa nova situação mundial, se conformando como o objeto de estudo da antropologia contemporânea. Neste marco, muitos antropólogos e estudiosos de outras áreas optam por explorar o que acontece nas múltiplas situações de contato intercultural (Hannerz 1997, 1998, 1999; Sassen 1998; Garcia Canclini 2005) ¹⁵.

A globalização e seu impacto na produção teórica antropológica são problematizados por Homobono (2000) quando discute a gênese da antropologia urbana. Conforme o autor, o cidadão representa para a antropologia, como já foi comentado, *outro* generalizado cuja interiorização progressiva, converteu-a em *urbana*. Atualmente, o autor aponta para uma realidade de institucionalização da subdisciplina e certa superposição com outras disciplinas especializadas no urbano (como sociologia, geografia, psicologia, história, etc.), e que diante de uma realidade cada vez mais global, faz com que alguns antropólogos urbanos considerem uma perda de identidade da própria disciplina.

Neste contexto, Porto (2008) aponta que a partir da antropologia urbana, pode-se estudar como se vive cotidianamente as situações atuais de contato intercultural nos diferentes espaços sociais da cidade, gerando importantes mudanças na vida dos indivíduos e dos diferentes grupos, partindo para a busca de uma compreensão destas novas realidades urbanas e dos atuais processos de interação social e hibridização cultural. Teoricamente, a antropologia urbana envolve o estudo dos sistemas culturais de cidades como também as redes de cidades como parte do sistema urbano mundial (Kemper 1993).

¹⁵ É visível uma maior importância da antropologia urbana nos últimos anos, e isto se deve especialmente a esta mudança de cenário, processo gradual de urbanização do mundo, sendo que nos anos 90 havia previsões de que na virada do século mais de cinquenta por cento da população mundial viveria em cidades. Assim Nas (1997) define o momento atual: “O mundo está se tornando uma cidade global, cada vez mais pessoas se mudam para a cidade ou nascem lá. Esta cidade global é caracterizada, por um lado, por uma tremenda heterogeneidade arraigada na diversidade existente de estilos de vida e na criação constante de novos, e por outro, em valores compartilhados, conhecimento e produtos baseados em consumo de massa, novas formas transnacionais de produção, e a influência dos meios de comunicação de massa” (Nas, 1997, p. 94).

Trazendo a questão da globalização e da transnacionalidade para o centro do debate antropológico Hannerz (1999) considera que “fluxo, mobilidade, recombinação e emergência” tornam-se os temas preponderantes neste contexto. Pensar em termos de fluxo remete a uma macroantropologia (Hannerz, 1997) com pontos de vista abrangentes das dinâmicas de entidades sociais e territoriais, propondo a tarefa de problematizar a cultura em termos processuais. Além disso, o autor aponta que embora o debate sobre a globalização esteja em voga atualmente na antropologia – mas não de maneira generalizada – parece que chegará o tempo em que será evidente perceber que o mundo é uma mistura de relações locais e de longa distância (Hannerz, 1999).

Diante deste panorama globalizado, em que os processos culturais atingem uma nova centralidade diante do desenvolvimento político e econômico da sociedade global, e os meios de comunicação têm crescente importância social, os processos de comunicação adquirem papel estratégico nas sociedades. Maihold (2002) concebe o espaço público através dos seus principais eixos: os meios, a comunicação e a cultura. Ao mesmo tempo, o espaço público está sujeito a diferentes processos de reestruturação: desterritorialização/ relocalização das identidades; hibridizações da ciência e arte, das literaturas escritas e audiovisuais; reorganização dos saberes e do mapa dos ofícios a partir de fluxos e redes; intercâmbio e realização conjunta de projetos, de investigações científicas e experiências estéticas, processos que põe em questão as construções tradicionais de identidade (Maihold, 2002, p. 83).

Estão-se gerando formas diferentes de presença pública. Diante das novas representações sociais que estão se criando com base em códigos transnacionais a nível global (...), da proliferação de novos atores comunicativos (...) e a nova relevância dos atributos e direitos do conceito de cidadania, estão surgindo novos eixos de discussão sobre a composição e a extensão do espaço público na América Latina. Hoje em dia a auto-afirmação cultural se gera muito mais no “público” que no “âmbito estatal”, que era o lugar tradicional das lutas pela apropriação de sentidos na arena onde os atores disputavam sua visibilidade. Contudo, não há que perder de vista que o espaço público, como o âmbito estatal, está caracterizado pela conflitividade social e a competência econômica (Maihold 2002, p. 85).

Para este autor, os estudos dos processos simbólicos e materiais de caráter transnacional e sua repercussão nos âmbitos nacionais e locais é um tema central para poder aproximar-se das dinâmicas comunicacionais e sua capacidade de reestruturação das culturas latinoamericanas. Realidade que é analisada por Bodemer (2003) que aponta para uma realidade em que as cidades estão cada vez mais conectadas entre si através de redes regionais e/ou

globais. Esta inter-relação se expressa nas formas específicas da divisão do trabalho, na competência pela localização e a cooperação transnacional entre diferentes centros urbanos. E aponta que o desafio colocado para as cidades latinoamericanas em responder aos desafios globais depende do desenvolvimento de melhores formas organizativas: “Seu futuro depende também de que em grande medida seus responsáveis sejam ou não capazes de criar estratégias de inclusão social, ou seja, de fomentar um convivência sem exclusão e discriminação” (Bodemer, 2003, p. 95).

García Canclini (2005) afirma que os novos objetos teóricos (como a interculturalidade) criam novas situações que demonstram maneiras pelas quais se articulam os âmbitos locais e globais, as desigualdades de acesso aos movimentos transnacionais e os processos contrastantes de globalização e desglobalização, tendo como plano de fundo a concepção não linear da mundialização, que a considera não como uma imposição do centro às periferias, mas uma relação de ida e volta entre estes: periferias – centro – periferias. Desta maneira, a antropologia globalizada (que supera a concepção simplificada da mundialização econômica e cultural homogeneizadora) passa a contribuir politicamente e encontra um novo papel entre as ciências sociais, ao propor pensar o social a partir de um lugar intermediário ou de entrelaçamento entre o global e o local contribui para a criação de novas condições de diálogo e de intercâmbios (García Canclini, 2005, p. 147).

Espaço público e antropologia: breves apontamentos teóricos

Em antropologia a ideia de que se atribuem significados ao espaço é praticamente premissa compartilhada. Pelo menos desde Durkheim sabe-se que a experiência do espaço é sempre socialmente construída. A questão central na antropologia urbana seria problematizar esta observação, compreender essa atribuição de sentido como uma prática, e questionar, entre outras coisas: como se estabelecem os sentidos espaciais, quem tem o poder de tornar os espaços *lugares*, etc.

Segundo Gomez (1999) a representação moderna de espaço público estava concebida num projeto racional, no qual a esfera pública girava em torno da realização da máxima kantiana do uso livre e público da razão. Esta concepção é substituída na contemporaneidade pela representação que faz da *civilidade* o cenário de intercâmbios móveis e efêmeros, o espaço da dramaturgia urbana, a arena pública dos “praticantes do urbano” (Delgado, 1999).

Estas proposições fazem parte de um discurso muito difundido de decadência do espaço público, ressaltando suas mudanças em relação às práticas vivenciadas no século XIX, permanecendo apenas aquelas que as políticas urbanísticas, a vigilância intensa (em nome da ordem pública), a zonificação e o despotismo do automóvel haviam respeitado¹⁶. Delgado (1999) aponta que, no entanto, a situação do espaço público tem se modificado de maneira substantiva, de forma que muitas das práticas que lhe eram próprias e pareciam estar em crise estão reaparecendo com extraordinária força nos últimos anos: “Se vive um momento em que a rua volta a ser reivindicada como espaço para a criatividade e a emancipação” (Delgado, 1999, p. 19). Ao mesmo tempo em que surgem novas modalidades de espaço público como o *ciberespaço* que obriga uma revisão sobre o lugar que as relações entre desconhecidos e baseadas em interações efêmeras ocupam no mundo atual.

O espaço público é, pois, um território desterritorializado, que passa o tempo reterritorializando-se e voltando a se desterritorializar, que se caracteriza pela sucessão e amontoamento de componentes instáveis. São nessas arenas movediças que se registra a concentração e o deslocamento das forças sociais que as lógicas urbanas convocam ou desencadeiam, e que estão cronicamente condenadas a sofrer todo tipo de composições e recomposições, ao ritmo lento ou em sacudidas. O espaço público é reterritorializado também porque em seu seio tudo o que ocorre é heterogêneo: um espaço esponjoso no qual apenas nada merece o privilégio de *permanecer* (Delgado, 1999, p. 46).

Delgado (1999) concebe a sociedade urbana como constituída de *lugares* – pontos ou níveis distribuídos em uma estrutura espacial. O espaço originalmente não demarcado, não pensável (inconcebível antes de sua organização¹⁷) torna-se *território* a partir da intervenção da sociedade, sendo que todo espaço estruturado é um espaço social. Entre os diversos espaços/lugares há uma rede de circuitos e corredores que permitem a comunicação entre os elementos e estabelecem trocas. Além disso, o autor desenvolve uma argumentação em torno das “práticas da urbanidade” (*urbs*) e a “cidade politicamente centralizada” (*polis*), oposição que constitui discursos diferenciados e que aparecem em confronto na realização cotidiana da cidade. O espaço público é o que constitui a *urbs*, um espaço paradoxal e aberto, no sentido de predisposto a conhecer e criar informações, experiências e novas finalidades, e a

¹⁶ Ver Jacobs (1973) e Sennet (1974).

¹⁷ Segundo Delgado (1999) o espaço só pode ser um “algo que não é”, e o “espaço não pode ser nem dito, nem pensado, nem imaginado, nem conhecido, já que dizer-lo, pensar-lo, imaginar-lo e conhecê-lo o converteria de imediato em uma marca ou território, ainda que somente por um instante” (p. 121). Assim, seria semelhante ao que a semiologia chama de *sentido* – algo que não está conformado, mas que é totalmente suscetível de conformação, de qualquer conformação através da língua. Se for certo dizer que *tudo tem sentido*, o sentido não o tem, porque não significa nada em si mesmo, senão a pura possibilidade de significar (Delgado, 1999, p. 121).

concretizá-las (Delgado, 1999, p. 195). As relações que se desenvolvem no espaço público não compõem um sistema organizado, não é constituído por uma comunidade estruturalmente acabada (objeto tradicional da antropologia), mas por uma profusão de confusões relacionais, consideradas por Delgado movimentos e ocupações transitórias que formam mapas móveis e sem bordas, relações feitas de usos e adequações mútuas que emergem continuamente, “um agrupamento polimorfo e inquieto de corpos humanos que somente pode ser observado no instante preciso em que se coagula, pois está destinado a dissolver-se de imediato” (Delgado, 2007, p. 12).

Procurando situar o objeto desta dissertação, considero aqui a definição de espaço público conforme Delgado (1999, 2007), o qual reconhece por um lado as suas características instáveis e incompletas e, por outro, admite a possibilidade de nele encontrar regularidades e organizações momentâneas de sujeitos, ocupações transitórias que podem ser identificadas, e constituem também este espaço público. Lugar onde se fazem e desfazem “associações humanas espontâneas” – configurações sociais compostas por estranhos entre si – que se caracterizam por sua fluidez, bem como interrupções e irrupções que as afetam. Este caráter inacabado do espaço público suscita refletir a possibilidade de estudar etnograficamente este espaço feito de fluxos e em constante construção, tema que será trabalhado em seguida.

2. Da especificidade de se fazer etnografia na rua – refletindo sobre método

Procuro aqui evidenciar os passos empíricos e teóricos percorridos para a realização desta etnografia, trazendo os teóricos que me subsidiaram para realizar uma pesquisa que toma como objeto de análise o espaço público. Trabalhando com autores que trazem indicações mais diretas de como fazer pesquisa de campo na rua, sugerindo metodologias (Eckert e Rocha, 2004, 2007, 2008; Eckert, 2008; Magnani, 2002, 2003, 2003b) até outros que aprofundam mais nas próprias relações que se estabelecem no espaço público, problematizando questões teóricas e etnográficas (Certeau, 1994; Delgado, 1999, 2007). Realizar esta etnografia na rua foi uma decisão desafiante, porque já de antemão envolve diferenças significativas daquelas realizadas em um lugar definido, com papéis sociais minimamente delimitados, e relações mais estáveis; significa realizar uma etnografia em lugares mais fluidos, instáveis e indefinidos. No entanto, a proposta desta dissertação é estudar sociabilidades no espaço público, relacionamentos quase nada tangíveis e

materializáveis, o que dificulta o seu mapeamento – que, por certo, será sempre um mapa com bordas maleáveis e transparentes.

Dados os desafios que enfrentei ao observar o espaço público – âmbito caracterizado pelas heterogeneidades, encontros e desencontros – e ao realizar um mapeamento de suas sociabilidades, também inconstantes; procuro aqui estabelecer minimamente pressupostos teóricos e metodológicos que auxiliaram nesta tarefa – seja na pesquisa de campo em si, ou na reflexão posterior sobre os dados coletados. Esta pesquisa *na e da* Avenida Getúlio Vargas, que teve como campo privilegiado o cenário da rua, suscita questões a serem problematizadas em relação às formas de apreender, abordar e reflexionar sobre esse objeto tão próximo e familiar ao antropólogo.

O que fica cada vez mais evidente é que não há um *método definitivo*, algo a seguir, um receituário para se fazer etnografia. Pelo contrário, proposições cristalizadas estão sendo desconstruídas, ao invés de respostas o que brotam são questionamentos. Não há uma fórmula, ou um modo certo de fazer uma etnografia, mas é preciso trazer reflexões, na medida em que nossas construções textuais são tentativas de representação de um Outro, e do qual ecoam diferentes vozes, diferentes *registros alegóricos* (Clifford, 2002), nesta nossa tentativa de transcrever *experiências em representações escritas*.

No início desta pesquisa, propositalmente não foram fechadas as questões que seriam analisadas, entre outros motivos, para permitir vivenciar, com maior liberdade, o campo escolhido. Por outro lado, se evitou adentrar no campo tendo em mente teorias que deveriam ser confirmadas e/ou negadas. Ou seja, a intenção sempre foi a de não submeter os dados de campo a nenhuma camisa de força pré-estabelecida. Delgado (2007) argumenta que os dados obtidos em campo, os caminhos seguidos ou mesmo as interpretações possíveis devem ser o resultado de um conhecimento íntimo com a área empírica submetida ao estudo, e não do esquema teórico de investigação (Delgado, 2007, p. 95). O processo desta pesquisa esteve sempre num constante trânsito entre teoria e empiria, pois se por um lado procurou-se não entrar com essa camisa de força citada, a teoria antropológica foi norte e ferramenta constitutiva do objeto antropológico.

A experiência de observar a rua e sua dinâmica foi um trabalho bastante difícil, principalmente pela relação de impessoalidade que se estabelece com um campo deste tipo. Ao mesmo tempo, o *estar na rua*, compreende não somente exercitar um distanciamento do “objeto” como também uma aproximação. Um distanciamento do olhar corriqueiro, da atividade que todos realizam, inclusive eu: andar na rua, circular pela avenida, observar

vitruínas, etc. É uma aproximação, porque também foi necessário integrar-se em atividades outras, como o *estar no prolonga*, atividade que envolve uma série de dinâmicas por mim desconhecidas e com as quais tive que “familiarizar”. Ao comentar sobre a inversão metodológica de transformar o *estranho* em *familiar*, e o *familiar* em *exótico*, Canevacci (1993) afirma que,

(...) o processo de estranhamento deve ser conduzido ao ponto em que o nosso relacionamento com o mundo é mais costumeiro e, portanto, mais ‘familiar’, enquanto o processo oposto de familiarização deve focalizar e descobrir o que é desconhecido. Nesta *vizinhança que deve ser distanciada* se situa a arte hermética e etnográfica da decodificação das mensagens urbanas. A arte de *interpretar* (Canevacci, 1993, p. 30).

A minha pesquisa de campo se insere neste terreno paradigmático, por um lado observando características de uma cidade que conheço minimamente, fato que me fez experimentar e reivindicar uma espécie de estranhamento neste excesso de familiaridade; e por outro lado, tive de me familiarizar com um tipo de cultura urbana diferente da minha experiência (principalmente nas observações de campo no *prolonga*).

É preciso reconhecer que são muitos os problemas suscitados para identificar, definir, classificar, descrever, comparar e analisar aquilo que acontece nas ruas, o que não significa que não seja possível elaborar hipóteses ou “proposições descritivas, relativas a acontecimentos que tem lugar em um tempo e espaço determinados, e, a partir delas, generalizações tanto empíricas como teóricas” (Delgado, 2007, p. 85), mas que devem ser, no entanto, *modestas* e *provisórias*, porque o objeto da antropologia urbana é um meio ambiente dominado por emergências dramáticas, de papéis e identidades segmentados, condutas sutis, gestos na aparência insignificantes, ou seja, uma entidade flutuante, aleatória e fortuita. A questão aqui colocada é sobre a possibilidade de desenvolver uma “etnografia canônica” que ao menos considere certos requisitos inegociáveis (Delgado, 1999, 2007).

Levando em conta a peculiaridade dos espaços públicos enquanto objetos da etnografia, é preciso considerar por um lado, a impossibilidade de empregar protocolos metodológicos convencionais, como a longa permanência e observação em uma comunidade claramente contornável; por outro, diante da tendência a fragmentação presente no urbano, não é possível uma renúncia completa às técnicas de campo canônicas da antropologia, sendo a observação uma das mais importantes, e no espaço urbano o antropólogo “observa participando”:

O etnógrafo de espaços públicos participa das duas formas mais radicais de observação participante. O etnógrafo urbano é *totalmente participante*, e ao mesmo tempo, *totalmente observador*. No primeiro caso, o etnógrafo da rua permanece oculto, se mescla com seus objetos de conhecimento – os seres da multidão –, os observa sem explicitar sua missão e sem pedir-lhes permissão. Passa-se por *um deles*. É um viandante, um curioso, um manifestante que em nada se distingue dos demais. Beneficia-se da proteção do anonimato e joga com seu papel de observador de maneira totalmente clandestina. Mas, a vez que está totalmente envolvido no ambiente humano que estuda, se distancia absolutamente dele. O etnógrafo urbano adquire (...) a qualidade de observador invisível, que o permite olhar e inclusive anotar o que acontece ao seu redor sem ser percebido, aproximar-se de conversações privadas que acontecem em sua volta, experimentar pessoalmente as vicissitudes da interação, seguir os fatos sociais muitas vezes *com o canto dos olhos* – de *rejojo* (Delgado, 1999, p. 49 grifos do autor).

A experiência de campo desta dissertação teve a característica de um trabalho com muitas novidades para mim, pois foi preciso, de certa forma, “romper” com visões anteriores do que significa “fazer campo”, significou desconstruir visões quase naturalizadas de conceber a pesquisa como um trabalho eminentemente de interlocução com os sujeitos através de entrevistas, que embora seja um ato comunicacional altamente complexo não precisa ser, necessariamente, a forma privilegiada para a obtenção de dados. Nos períodos iniciais da pesquisa, desenvolvi certa angústia, sentindo ainda a necessidade de interagir mais diretamente com os sujeitos, lhes interrogar sobre o que estavam fazendo e o que pensavam sobre o que estavam fazendo (Geertz, 1989).

O meu trabalho de campo na avenida esteve envolvido tanto com processos intensos de subjetividade como de objetividade¹⁸. Em uma primeira fase de reconhecimento prevaleceu a primeira, o que me permitiu vivenciar uma experiência totalmente nova de encontro com o Outro. Fora através dos meus sentidos sensoriais, principalmente a visão, que percebi as coisas em minha volta de uma maneira totalmente nova, criando uma relação subjetiva com os espaços, pessoas e situações, um envolvimento muito íntimo, na posição solitária que assumi enquanto pesquisadora daquela realidade social. Durante muitos momentos desta pesquisa exerci minha paciência ao esperar por supostos *eventos extraordinários* e/ou o momento certo de me aproximar de alguém, situação que me colocava numa posição diferente daquela das outras pessoas: enquanto elas circulavam com destinos

¹⁸ A duração da pesquisa de campo foi de cinco meses (de setembro de 2008 a janeiro de 2009).

determinados (a princípio), eu vagava sem rumo, à maneira de um *flâneur*¹⁹ para cima e para baixo da avenida, seguindo minha intuição ou vontade momentânea. No entanto, como coloca Delgado (2007) o etnólogo das ruas – um *flanêur* dotado de um aparato conceitual adequado – pode reconhecer como também analisar e comparar as profundidades sobre as quais “desliza”. Por isso mesmo, nestes momentos que podem ser considerados de observação preliminar, já iniciei um processo de análise, selecionando cenários possíveis, sujeitos para serem entrevistados, horários mais adequados para a observação, etc.

Esta etapa inicial de ambientação e familiaridade com o objeto permitiu visualizar tanto aqueles trechos da avenida consolidados como espaços públicos, como aqueles lugares emergentes fruto de deslocamentos, próprios da dinâmica do urbano. Esta etapa da descoberta pautou a segunda fase da pesquisa de campo. Nas primeiras incursões em campo, realizei aquilo que Magnani (1996) denomina “caminhada de reconhecimento”, a partir da qual foi possível identificar, superficialmente, os locais que seriam mais propícios para a observação, destacando-se, já neste momento inicial, a parte central da avenida como um lugar importante para compreender o espaço público. Além disso, foi observado que a alternância de tempo influencia nos usos, criando uma lógica inicial de separação dos usos da avenida de acordo com seus “tempos”, que desenvolvi mais tarde. Essas caminhadas permitiram um contato visual com a totalidade da avenida, mas de maneira superficial. As primeiras passagens pelo *prolonga* se deram de carro, e somente mais tarde fiz caminhadas (neste contexto sempre estive acompanhada de outras pessoas, por questões de segurança). Este período que considero de ambientação com a avenida teve uma duração de um mês e meio aproximadamente, com observações em dias esparsos, em locais e em períodos diferenciados (esta etapa este acompanhada de registro em diário de campo e registro fotográfico). Nesta fase, procurei através do “reconhecimento de campo”²⁰ (Magnani, 1996), mapear zonas de interação, temporalidade das atividades, equipamentos urbanos, pontos de encontro, etc. Essas primeiras incursões no campo têm um caráter de mapeamento inicial, mas são momentos

¹⁹ O *flâneur* (do francês – flainador, passeante) é descrito por Benjamin (1989) como um dos personagens tipicamente urbanos, e é aquela pessoa que se recusa a ser absorvido pelo ritmo frenético e impessoal das cidades, não perdendo sua subjetividade. Caminha lentamente e experimenta de modo subjetivo cada detalhe visual, tátil, auditivo ou olfativo das ruas, experiência de ociosidade e contemplação, que faz da *flânerie* (do francês – passeio casual, sem destino definido) o ato de “sair quando nada nos força a fazê-lo e seguir nossa inspiração como se o simples fato de dobrar à direita ou à esquerda já constituísse um ato essencialmente poético” (Benjamin, 1989, p. 210 *apud* Gonçalves, 2003, p. 179). O ócio característico do *flâneur* oculta um enorme interesse pela vida à sua volta, dedica-se a adivinhar características dos transeuntes, como sua origem ou personalidade, através da observação de suas roupas, gestos, voz, modo de caminhar, entre outros

²⁰ Magnani (1996) aponta que esta técnica do *reconhecimento de campo* permite ao antropólogo “treinar e dirigir o olhar por uma realidade inicialmente tida como familiar e conhecida” (Magnani, 1996, p. 36).

cruciais da pesquisa e, no meu caso, foi fundamental para defini-la, pois delimito os dois “focos” da observação e durante o qual estabeleci contatos importantes.

A partir desta leitura inicial da avenida em sua totalidade, passei a realizar observações mais objetivas – no sentido de observações pontuais mais apuradas, privilegiando alguns elementos identificados como os mais importantes. Tentava, nessas circunstâncias, buscar um reconhecimento através do *deslocamento*, como sugerem Eckert e (2003) a: “exploração dos espaços urbanos a serem investigados através de caminhadas ‘sem destino fixo’ nos seus territórios”. O simples ato de andar torna-se uma estratégia do pesquisador para interagir com a população, o ato simples de cruzar com os frequentadores da rua estimula o etnógrafo a “perfilar personagens, descrever ações e estilos de vida a partir de suas performances cotidianas”. (Eckert e Rocha, 2003).

Através da técnica da etnografia de rua (...) o antropólogo observa a cidade como objeto temporal, lugar de trajetos e percursos sobrepostos, urdidos numa trama de ações cotidianas. Percorrer as paisagens que conformam um território, seguir os itinerários dos habitantes, reconhecer os trajetos, interrogar-se sobre os espaços evitados, é evocar as origens do próprio movimento temporal desta paisagem urbana no espaço (...) Uma etnografia de rua não se sustenta como prática antropológica de investigação sem contemplar, desde seu interior, uma reflexão sobre o forte componente narrativo que encerra os deslocamentos humanos (Eckert e Rocha, 2003).

A etnografia no meio urbano (Magnani, 2002) demanda focar nas formas de participação do indivíduo na cidade. Este autor, por exemplo, desenvolve uma metodologia *de passagem*, a qual consiste em percorrer a cidade observando espaços, personagens, conflitos, imagens. O *caminhar metodológico* permitiria ao antropólogo, realizar um olhar de perto e de dentro, a partir da observação dos atores sociais e suas práticas articuladas com a paisagem, equipamentos e instituições urbanas como constitutivas dessas práticas. Sob este mesmo viés da observação da rua, faz sentido fazer referência ao enfoque analítico de Certeau (1994) que propõe analisar o social a partir das *formas de fazer* dos usuários no espaço urbano.

Procurei focar a observação da avenida nos diferentes *cenários* de lazer constituídos naquele espaço. Obviamente, a sua leitura foi baseada em percepções pessoais, a partir das quais foram eleitos dois cenários preponderantes para a pesquisa: a parte central da avenida e o *prolonga*. Cenário é concebido não apenas como um conjunto de elementos físicos (uma espécie de palco no qual os atores desenvolvem seus papéis), mas também produto das práticas:

Delimitar o cenário significa identificar marcos, reconhecer divisas, anotar pontos de intersecção – a partir não apenas da presença ou ausência de equipamentos e estruturas físicas, mas desses elementos em relação com a prática cotidiana daqueles que de alguma forma outra usam o espaço: os atores (Magnani, 1996 p. 37).

Olhar de longe o movimento destes cenários é diferente de integrar-se neste, e acompanhar não somente os itinerários, como também o ritmo de transitar – mesclando-se, de certa maneira, entre os transeuntes, que nesses casos não estavam cientes dos meus reais objetivos. Este tipo de observação permitiu entender melhor as *posturas corporais* presentes durante as sociabilidades observadas no espaço público, não somente pela proximidade, mas também porque permitiu um contato “espontâneo” com os sujeitos, que em muitas ocasiões relacionavam-se comigo como mais uma “consumidora” ou “baladeira”, dependendo do contexto. Este contato permitiu uma observação próxima dos gestos e falas, que se revelaram importantes indicadores para a compreensão dos dois contextos de sociabilidades eleitos para a etnografia: a parte central da *avenida* e o *prolonga*. Esta pesquisa na rua possibilitou realizar uma observação não-intrusiva (Delgado, 2007) ²¹ permitindo minha inserção de forma não conflitiva nos contextos de pesquisa. Este tipo de etnografia, por estar focada nas percepções imediatas, em que indivíduos e grupos se *dão a ver* e que se submetem ao princípio de publicidade e acessibilidade que fazem deles seres públicos, ao etnógrafo(a) se inserir nesse cenário como perfeito observador e participante: “é porque observam que participam, posto que esse contexto social seja um espaço de e para a aparição, uma sociedade óptica, isto é, uma sociedade de percepções imediatas, de olhares e seres olhados” (Delgado, 2007, p. 144).

Porém, há que ressaltar que observar de maneira simples, direta e não intrusiva não significa uma observação encoberta, considerada desonesta; pelo contrário, implica *estar* como todos os outros transeuntes, mas adotando uma atitude de expectador de tudo que acontece em sua volta, sempre atento ao que ocorre, assumindo posturas de um *flâneur* ou um passeante ocioso que decide sentar-se em um café e assistir a vida pública como um espetáculo. Além disso, no caso específico do prolongamento, pertencer à mesma faixa etária da maioria de meus informantes teve um importante diferencial, pois permitiu uma inserção e

²¹ A proposta de Delgado (2007) de uma *investigação naturalista* se opõe conceitualmente à investigação formalista, de maneira que os problemas, critérios, procedimentos, técnicas, conceitos e teorias se moldam no mundo empírico, possível através de uma minuciosa e honesta observação da área estudada, aplicando uma “máxima agudização dos sentidos, mas também uma imaginação criativa, mas disciplinada, ao mesmo tempo séria e flexível, que facilita o que logo se torna uma reflexão serena sobre os encontros, incluindo os inesperados” (Delgado, 2007, p. 96).

convivência que não causava estranhamento²², embora deixasse sempre claro as minhas intenções de pesquisa.

A observação direta e a subsequente descrição, bem como a comparação e a elaboração teórica, são pré-requisitos da antropologia com aspirações científicas. Neste contexto a descrição serve como suporte material: “consiste em um conjunto de enunciados que se supõe, remetem a uma experiência”, mas que não devem ser confundidos com os enunciados teóricos derivados a partir da descrição (Delgado, 2007, p. 101). A observação deve ser ainda *não-intrusiva*, buscando captar a conduta observável, anulando ao máximo a eventual incidência do antropólogo sobre o objeto: “a observação se realiza de maneira nem tanto oculta ou encoberta, como dissimulada” (Delgado, 2007, p. 104), em um contexto no qual a entrevista, embora seja um recurso pertinente, fica em segundo plano, especialmente nos estudos centrados nos usos e práticas.

Em resumo, se trata de restabelecer a confiança na *observação* direta dos fluxos da ação humana como método coerente para detectar, selecionar, registrar, transmitir e explicar os fatos urbanos. Estratégias deste tipo configuram o que parece ser a maneira possível de desenvolver estudos das estruturas precárias e provisórias, das situações auto-organizadas e encontros não programados que constituem os elos difusos do urbano (Delgado, 2007).

(...) se está falando aqui, certamente, de uma *atitude*, uma predisposição a entender que a etnografia – primeiro passo de qualquer indagação antropológica – é antes de tudo uma atividade perceptiva baseada em um aproveitamento intensivo, mas metódico, da capacidade humana de receber impressões sensoriais, cujas variantes estão destinadas logo a ser organizadas de maneira significativa. O trabalho etnográfico consiste, pois, em uma imersão física exaustiva no tangível – essa sociedade que forma corpos móveis e visíveis, entre si e com os objetos de seu entorno – com o propósito de, em uma fase posterior, converter as texturas em texto – a etnologia – e o texto em análise que permitam tornar manifesto o sentido do sentido: a antropologia propriamente dita (Delgado, 2007, p. 110).

Priorizar a observação direta não implica descartar a entrevista como método que ajude a conhecer o que torna possível e que formas a vida social adota nos espaços públicos, de maneira que Delgado (2007) sugere a realização de entrevistas abertas – o mais próximo

²² O estranhamento apareceu quando utilizei instrumentos de registro como máquina filmadora ou fotográfica, tanto em movimento (filmando de dentro do carro) ou parada (registrando de fora, na calçada ou rua). Esta situação é complexa, pois ao mesmo tempo em que não seria possível solicitar a permissão de todos para a gravação, criava uma interação intrusiva, no sentido de chamar muito a atenção e suscitar comentários como: “Olha só a RBS” (canal de televisão), ou expressões como “Filma eu”. Embora não diretamente agressivas, estas reações são reveladoras de que as pessoas se deixam expor, mas até certo ponto. Não é visto com bons olhos uma intervenção mais “agressiva” em sua intimidade.

possível de conversas – que permita uma aproximação da composição dos fluxos humanos que circulam ou se fixam no espaço a analisar. Através da entrevista pode-se estabelecer os motivos de permanência em determinados pontos, os quais os sujeitos podem reclamar certo direito de uso.

Foram realizadas entrevistas, tanto na parte central da avenida, como no *prolonga*²³, mas a maior parte do período em campo esteve voltada para a observação, tomada de notas e registro audiovisual. Procurei variar os horários e dias da pesquisa de campo, privilegiando aqueles de maior movimento; durante a observação alternava momentos de caminhadas com momentos de paradas. No *prolonga* também circulei de carro, caminhei e permaneci parada na beira da rua com amigos; nesses casos não levei caderno de notas, apenas o gravador digital. Utilizei as ferramentas de registro visual e sonoro (a maioria das entrevistas foram gravadas e transcritas) com a finalidade de auxiliar nas análises posteriores. As conversas informais foram registradas no caderno de notas, durante ou depois do encontro. Na parte central da *avenida* a maior parte das entrevistas foi realizada com os comerciantes de rua, pois estes estão em uma situação mais acessível e, mesmo assim, não foram poucos os que se recusaram a conceder entrevista²⁴. A negociação sobre a entrevista envolveu, em alguns casos, contato por vários dias seguidos, e algumas pessoas não se sentiram à vontade para uma interlocução mais formal (diga-se gravada), nesses casos não utilizei gravador nas entrevistas. As conversas foram muito importantes durante a pesquisa e permitiram uma aproximação aos sujeitos de maneira mais informal, e forneceram informações preciosas, tanto quanto aquelas que foram gravadas.

No *prolonga* a interação verbal se tornou mais difícil, principalmente por causa do barulho formado pela mistura de músicas e sons automotivos. Mesmo assim foram realizadas três entrevistas, além de duas entrevistas coletivas em ambientes residenciais e duas entrevistas circulando pela Avenida de carro, experiência que foi muito interessante, pois permitiu que os sujeitos falassem sobre os lugares pelos quais passávamos, identificando

²³ Das entrevistas realizadas foram utilizadas treze nesta dissertação. O restante do material, referente especialmente ao comércio de rua (outras dez entrevistas), será utilizado em trabalho posterior.

²⁴ Ao negar exporem-se na entrevista, os sujeitos revelam uma postura de preservação diante do estranho, uma medida de precaução diante de alguém que não conhecem e que não conseguem compreender claramente sua intenção (por mais que eu tenha tomado o cuidado de anunciar meu pedido da maneira mais clara possível). Uma dessas negociações foi especialmente interessante, quando me disse Rose, vendedora de churros que entrevistei juntamente com Maria, vendedora de frutas: “A gente acaba falando o que não queria falar”. Ou seja, que não somente “invadimos” o cotidiano dos sujeitos, inserindo uma nova modalidade de interlocução, como também acabamos por expor os sujeitos de maneira que falem sobre coisas que não necessariamente expressariam sem nossa intervenção. Neste caso, Maria aceitou participar, mas Rose deixou claro que ia escutar as perguntas e decidir se iria ou não responder. Apesar do impasse inicial, no decorrer da conversa, ambas participaram e interagiram de maneira muito agradável.

pontos de referência, lembrando histórias, trajetos costumeiros, etc. No *prolonga* também foram fortuitas as conversas informais e os contatos imediatos que realizei durante a pesquisa, possibilitando obter informações importantes para compreender as dinâmicas de interação naquele contexto, além de ajudarem na minha inserção enquanto frequentadora reconhecida do *prolonga*.

Como sugere Magnani (1984), comportamentos e discursos não são realidades que se opõe, mas diferentes formas de expressão de um mesmo universo simbólico. Observar a reação dos atores sociais na dinâmica da festa e acompanhá-los em seu cotidiano, no discurso e na ação “implica estar presente para ouvir relatos, comentários e observar comportamentos, no momento em que manifestam” (Magnani, 1984, p. 168). Nesses termos, participar dos eventos na praça, circular pela avenida nos seus mais diversos contextos, ir para a balada na rua, foram momentos cruciais da pesquisa, sendo que desenvolvi muito minhas percepções sensoriais, principalmente o *olhar*. A este respeito são importantes as lições de Canevacci (1993) para quem a seleção do que é representativo para a narração está condicionada pela biografia do pesquisador, pelas suas preferências literárias, estéticas e emotivas, mais do que científicas e disciplinares e, sobretudo, pelo *olhar*. Olhar que a metrópole desenvolve, sendo este o principal instrumento de percepção cognitiva da cidade (Canevacci, 1993).

A proposta de uma etnografia das ruas é algo ainda muito nebuloso e carente de maiores reflexões, ainda necessita um desenvolvimento pleno, esta que seria basicamente o registro das formas de sociabilidade que acontecem nas calçadas, nos corredores suburbanos, nos parques, e também naqueles espaços semi-públicos como bares, danceterias, centros comerciais, estádios de futebol (Delgado, 2007, p. 84). Esta abordagem do público, no entanto, traz muitas questões problemáticas que devem ser discutidas. Torna-se necessário problematizar, entre outras coisas, as formas mais adequadas de estudar este espaço repleto de formalidades sociais inéditas, improvisações, com regras e códigos interpretados de uma maneira inesgotavelmente criativa, de acontecimentos simultâneos, alguns previsíveis, outros improváveis. Sendo inevitável que neste âmbito se encontrem “(...) desequilíbrios entre modelos explicativos idealizados e nossa competência real na hora de representar – leia-se reduzir – certas parcelas da vida social” (Delgado, 2007, p. 85).

Gostaria de ressaltar que a leitura/interpretação/representação criada deste *cenário* de sociabilidades, a Avenida Getúlio Vargas, deve ser lida como uma das leituras possíveis destes *cenários*, permeada por minhas escolhas teóricas e metodológicas, baseada na parcialidade do meu olhar subjetivo, que embora possa levar em conta aspectos analíticos

mais englobantes sobre o espaço público, toma como centrais os usos e práticas desenvolvidos no *prolonga* e na parte central desta avenida específica.

Gostaria de finalizar este capítulo trazendo a discussão sobre a relação tensa entre teoria, campo e escrita etnográfica. Em relação ao lugar que ocupa a teoria antropológica, Goldman (2006) sugere que esta seja o ponto de partida do processo da investigação etnográfica, colocando dessa forma as teorias “sob crítica das idéias e práticas dos grupos estudados”. Ou seja, a possibilidade de que o campo permita a reformulação da própria teoria podendo-se criar o que ele denomina de *teoria etnográfica*.

O texto etnográfico é um instrumento do conhecimento no qual podemos “fabricar artefatos conceituais arbitrários que tornem comunicáveis certas qualidades do vivido, estruturas parciais que tem valor operativo se nos permitam confrontar os dados obtidos com os dados obtidos por outros” (Delgado, 2007, p. 112). Nesta perspectiva, que defende o papel da observação, e também da etnografia como *prática corporal*, que esteja muito mais atenta aos atos do que aos discursos, coloca para o antropólogo a tarefa de “catador-coletor”, um trabalho absolutamente difícil de *tentar* adaptar-reduzir o percebido ao narrável – traduzir o visto e o ouvido que são em realidade indescritíveis (Delgado, 2007, p.125). São muitas as discussões referentes à textualização e a antropologia²⁵, especialmente sobre a questão do processo de produção das representações antropológicas e a autoridade do texto etnográfico²⁶. Mas o texto ou a escrita etnográfica continuam sendo o meio privilegiado de elaboração e transmissão do conhecimento antropológico, de modo a ser uma espécie de *ponte* entre dois momentos da etnografia: o “estar lá” e o “estar aqui” nos termos de Geertz (1989).

García Canclini (2005) aponta que a preocupação com a escrita é um requisito fundamental para pensar questões relacionadas às condições de produção e comunicação do trabalho etnográfico. Assim o reconhecimento da complexidade envolvida no trabalho de campo além da sua interação com os dispositivos textuais e institucionais, não deve reduzir o valor atribuído à pesquisa de campo. De maneira que as discussões teóricas e a crítica textual que aparecem no campo antropológico “(...) servem para nos tornar mais conscientes de que os dados não estão no campo, esperando-nos, e são resultado de processos sociais, institucionais e discursivos de construção” (García Canclini, 2005, p. 141).

²⁵ Ver Marcus e Cushman (1982); Marcus e Fischer (1986); Clifford (2002), entre outros.

²⁶ Para Rabinow (1999) o tema da autoridade não se refere apenas aos problemas subjetivos que cercam a escrita antropológica na produção do rigor científico de suas afirmações em relação às culturas e sociedades. As correntes contemporâneas dentro da antropologia concordam sobre a necessidade de destacar a existência de uma relação interna e necessária entre as dimensões teórica e meta-teórica do saber antropológico. Com isso, torna-se imprescindível tornar mais explícitas as implicações cognitivas, comunicativas e morais que envolvem o falar do outro e o falar de si mesmo.

Partilho das proposições de Delgado (2007) sobre o fato de que nossos trabalhos enquanto cientistas sociais são apenas tentativas através das quais buscamos esclarecer a organização de fatos por meio de simplificações “de cujos efeitos redutores somos (ou deveríamos ser) plenamente conscientes, e da nossa incapacidade para esgotar esse mundo exterior por meio da representação modélica que fazemos” (Delgado, 2007, p. 93). Esta é uma atitude de prudência e humildade, ao explicitar que não ignoramos o caráter incompleto e provisório no nosso trabalho.

Capítulo II

Olhares sobre o espaço público chapecoense

Neste capítulo faço uma descrição do espaço público chapecoense, focando a Avenida Getúlio Vargas. A primeira parte refere-se ao município de Chapecó, que é contextualizado historicamente em torno do seu caráter de surgimento como uma cidade planejada, além de realizar uma discussão com relação ao seu planejamento urbano e as formas de urbanidade emergentes em seu interior. Contextualizo a atual configuração sócio-espacial do centro de Chapecó e sua importância para a cidade em termos comparativos com os desenvolvimentos dos centros metropolitanos. Em seguida apresento os resultados da pesquisa de campo que são suporte para as reflexões teóricas posteriores. Abordam-se formas de sociabilidades em dois cenários específicos da Avenida Getúlio Vargas: a parte central da *avenida* – caracterizada pela prática de “passear”, pela criação de *trajetos* e *points* (formas de apropriação física e simbólica do espaço) – e a parte do *prolonga* – um dos pontos de agito identificados e que juntamente com outros dois (*alpes* e *final do prolongamento*) constituem “baladas na rua”, pontos de encontro usados especialmente por jovens e dotados de lógicas singulares de sociabilidade. Neste capítulo inserimos um documentário que apresenta um panorama da Avenida Getúlio Vargas, apresenta os principais temas a serem tratados e explora o universo imagético que consideramos contribuir para a posterior leitura e compreensão do trabalho. Sugerimos que seja visto antes da leitura deste capítulo, pois permite melhor compreender os cenários que serão descritos e analisados na sequência do texto (ver anexo I).

1. Chapecó: uma cidade planejada²⁷

A cidade de Chapecó e em particular seu planejamento urbano – traçado urbano, avenidas, ruas, etc. – nasce, segundo Hass, Aldana e Badalotti (2008), marcada desde sua criação em 1917, por um poder político caracterizado por um “mandonismo local” e com base econômica no extrativismo florestal. A partir da década de 20 estabelece-se um novo padrão de ocupação com a chegada das empresas colonizadoras – entre elas a Colonizadora Bertaso, Maia e Cia – que se dedicavam ao comércio de terra e de madeira. Ainda segundo as autoras, foram estas empresas que, além de preocuparem-se com o desenvolvimento econômico do município, promoveram o planejamento da ocupação do espaço urbano. No ano de 1931 a Vila Passo dos Índios foi o território escolhido para ser efetivamente a sede do município. Neste mesmo ano foi implantado o Plano Diretor feito pela Empresa Colonizadora Bertaso, este se caracteriza por uma “ordenação cartesiana, que possui um traçado urbano xadrez, com avenidas largas, quadras bem definidas” (Hass *et al*, 2008, p. 211; Reis e Villela, 2005).

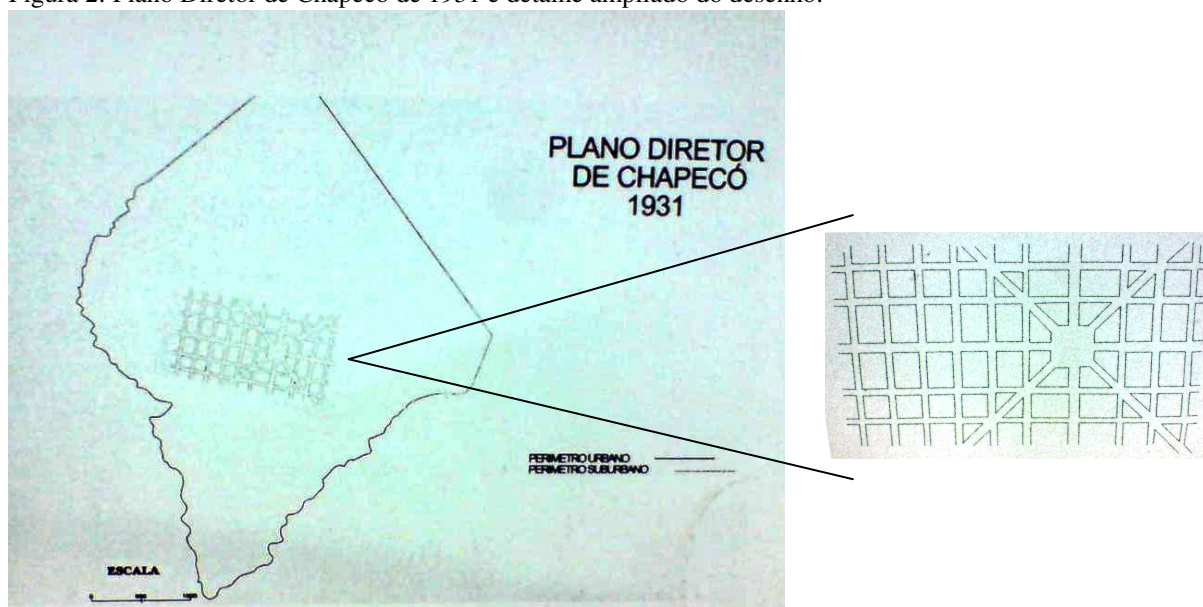
Desde o início da urbanização de Chapecó, as ruas foram organizadas de forma espaçosa, pensando no migrante e excluindo os moradores locais: “um traçado que induzia no migrante que chegava, a idéia de progresso”, imbuída de “um significado de uma terra de gente de trabalho e enriquecimento, conforme queriam as forças políticas e econômicas do lugar” (Alba, 2002, p. 135). A cidade foi historicamente construída com base no crescimento agroindustrial, e ficou marcada por uma intensificação das desigualdades sociais quando, desde sua origem, volta-se para a satisfação das necessidades das elites, deixando os pobres, indígenas e caboclos à parte do seu “progresso” e desenvolvimento (Alba, 2002).

O projeto da colonizadora Bertaso fazia parte de um contexto mais amplo que envolvia vários atores sociais e políticos interessados no desenvolvimento do município. Para Zolet e Silvestrin (2006) “a cidade de Chapecó já nasceu planejada. Mas os primeiros governantes municipais, contando com o total apoio dos primeiros habitantes (...) foram os que deram continuidade a esse planejamento” (p. 49). Este primeiro Plano Diretor de Chapecó definiu um traçado de amplas ruas e avenidas (ver figura 2), podendo ser considerado hoje o centro histórico e geográfico de Chapecó. Cabe reforçar que esse embrião original atualmente é o único centro da cidade, não somente em termos geográficos, mas pelas diferentes atividades que nele convergem e se desenvolvem, abrigando, inclusive, as instituições e

²⁷ Para ver uma síntese histórica de Chapecó ver Anexo III.

estabelecimentos mais importantes da cidade (Igreja Matriz, Praça Central, prédio tombado da antiga prefeitura, etc.). Esclareço isto porque contrariamente a algumas cidades brasileiras onde existe mais de um centro²⁸, Chapecó (considerada Capital do Oeste) continua mantendo um centro único. Em um segundo documento de 1938 (ver figura 3) aparece mais claramente como o centro da cidade foi planejado, aparecendo já a Avenida Getúlio Vargas mais larga que as demais e quatro ruas diagonais. Este planejamento, segundo Petrolí (2008) indicava uma preocupação do colonizador com o futuro crescimento da cidade, pois uma avenida de 40 metros de largura para uma pequena vila cujo trânsito se resumia quase que exclusivamente às carroças, indicaria uma “preocupação moderna” com a circulação de veículos e pedestres.

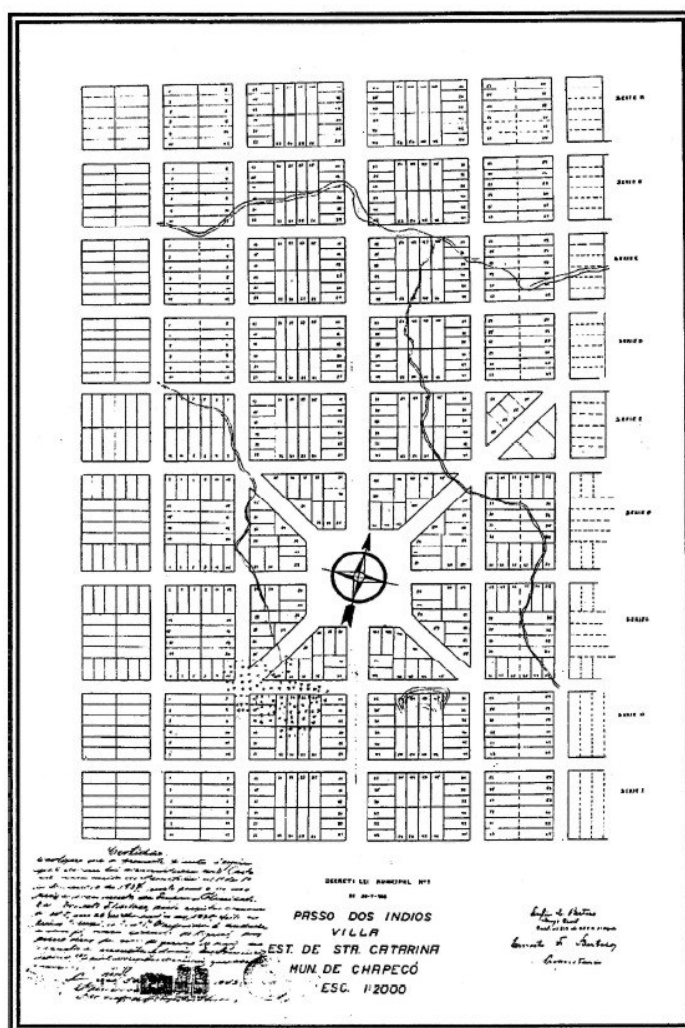
Figura 2: Plano Diretor de Chapecó de 1931 e detalhe ampliado do desenho.



Fonte: Zolet e Silvestrin (2006).

Figura 3: Plano urbanístico para a Vila Passo dos Índios.

²⁸ Ver Frúgoli Jr (2000).



Fonte: Petrolí (2008)

Planejamento urbanístico *versus* urbanidade

Os traçados viários (ruas, avenidas, viadutos) dos projetos urbanísticos cf. Delgado (1999) são concebidos pelos seus projetistas como aquele aspecto do plano urbano que fixa a imagem mais duradoura e memorável de uma cidade, o esquema que resume sua forma, o sistema de hierarquias e pautas espaciais que determinará muitas de suas mudanças no futuro (Delgado, 1999, p. 36). No entanto, o mesmo autor considera que o urbano pode ser definido como o processo realizado pela própria sociedade urbana ao esculpir-se a si mesma, citando as palavras de Joseph (1984): “A urbanidade designa mais o trabalho da sociedade urbana sobre si mesma que o resultado de uma legislação ou de uma administração” (Joseph, 1984, p. 28 *apud* Delgado, 1999, p. 179).

Assim, a cidade não seria consequência de um processo de planejamento imposto a uma população passiva que se molda tanto aos administradores e planejadores. Para além de

planos e maquetes, a urbanidade é, sobretudo, a sociedade que os cidadãos produzem e as maneiras com que essa forma urbana é consumida pelos seus usuários, por assim dizer (Delgado, 1999, p. 181).

A rua, o bulevar, a avenida, a praça, a rede viária em geral, se convertem mais que num instrumento ao serviço das comunicações da cidade, num meio para o intercâmbio circulatório entre sítios. É, antes de tudo, o marco em que um universo polimórfico e inumerável desenvolve suas próprias teatralidades, sua desordem, o cenário irisado em que uma sociedade *incalculável* desenvolve uma expressividade muitas vezes espasmódica. Se proclama que existe uma *forma urbana*, resultado do planejamento politicamente determinado, mas em realidade se suspeita que o urbano, em si, *não tem forma* (Delgado, 1999, p. 181 *grifos do autor*).

Em outras palavras, somente a existência de um plano urbanístico não significa que este será seguido, pois muitas vezes são os próprios usuários da cidade os que criam seus próprios caminhos, atalhos e/ou desvios, reconfigurando de fato a dita *forma urbana*. Ao mesmo tempo, diante da realidade fragmentada do urbano, formada por diferenças que se intensificam e de acontecimentos imprevistos, há um constante esforço por estabelecer uma administração política da cidade que transforme esta *urbanização* em *politização* – culminando com um domínio do Estado sobre a confusão e os esquemas paradoxais que organizam a cidade. Esta relação cria a dicotomia entre cidade *concebida* e cidade *praticada* (Delgado, 2007). O espaço urbano, em si mesmo, se constitui em um “espaço desterritorializado”, não possui objetos, mas relações: “é uma mera atividade, uma ação não-terminada cujos protagonistas são os usuários, que reinterpretam a forma urbana a partir das formas que concedem a ela e a caminham” (Delgado, 2007, p. 12).

Retomando Delgado e focando a cidade de Chapecó, observamos que o plano urbanístico idealizado e executado contemplou o sistema viário de circulação, a localização dos bairros, praças, canteiros, prédios religiosos e institucionais etc., em síntese, concebeu formas locais de sociabilidade, porém os chapecoenses foram também criando novas formas de uso, novas práticas e territorializações desse mesmo espaço que não foram previstas nos planos e no traçado da cidade (tema que será retomado posteriormente).

Reforçando a idéia de que os *lugares* não cumprem meramente o definido nos planos urbanísticos, a própria história da cidade feita através de narrativas remete a lembranças onde tanto se ressaltam lugares considerados de encontro e sociabilidade contemplados pelo plano, como lugares onde se desenvolviam práticas que poderiam hoje ser consideradas de contravenção. De acordo com relatos sobre a Avenida Getúlio Vargas quando o município

ainda era a Vila Passos dos Índios, e que não era mais que um vilarejo com poucas casas, há relatos que falam sobre as pessoas saíam a passear pelas ruas, e a atual Avenida Getúlio Vargas era local de corrida de cavalos de carreiras (Silva *apud* Cadernos Ceom, 1989), ou seja, que a mesma rua onde as pessoas passeavam (prática que permanece até os dias atuais), era também palco para corridas com cavalos (nesse caso os cavalos foram substituídos por carros).

Outros relatos, vinte e cinco anos depois, depõem que “o povo pacato passeava e conversava à vontade pela rua” (Zolet e Silvestrin, 2006, p. 14). Nesta época o centro possuía ainda casas dispersas de no máximo dois pisos, e já concentrava os serviços básicos que a cidade oferecia. Por outro lado, a juventude daquele tempo estabelecia vínculos de lazer com o espaço da avenida:

À tardinha e nas folgas dos finais de semana colegas (...) e hóspedes do Hotel Avenida, passam horas em frente à própria hospedaria, sentados em enormes bancos de madeira colocados no passeio. Eles admiram as moças que, em grupos e abraçadas, desfilam num vai e vem de sobe e desce pela Avenida Getúlio Vargas mostrando a moda do momento. (Zolet e Silvestrin, 2006, p. 19).

Nos depoimentos supracitados se faz sempre referência ao núcleo que se consolidou como o *centro* da cidade. Diferentes autores (Castells, 1979; Frúgoli Jr, 2001), consideram-no *locus* privilegiado onde múltiplas atividades acontecem ao mesmo tempo, podendo ser tanto o lugar da troca econômica como espaço da vida simbólica e de lazer. O centro de Chapecó reúne estas condições, nele coincidem atividades comerciais e de lazer, além de abrigar edifícios religiosos (igreja matriz católica), a praça central, e os principais estabelecimentos comerciais da cidade, entre outros.

Nas cidades modernas (Caldeira, 2000) o ideal de espaço público estaria identificado pela circulação livre de seus espaços, dos encontros impessoais e anônimos entre pedestres, uso público e espontâneo das ruas, presença de pessoas de diferentes grupos sociais passeando e observando, se apropriando das ruas para atividades culturais ou políticas ou usando os espaços de lazer (Caldeira, 2000), porém a mesma autora ressalta que as cidades modernas nunca deixam de ser segregadas socialmente, inclusive em seus espaços públicos.

O plano urbanístico de Chapecó, embora contemple um uso igualitário do espaço público, não impede que exista na cidade, ao mesmo tempo, um movimento permanente de exclusão e inclusão. Desde sua origem foram criadas medidas de exclusão social nem sempre explícitas, que excluem os mais pobres deste cenário. O projeto colonizador da região, por exemplo, tratava os índios e caboclos como “intrusos”. Para estes, expropriados de suas terras,

o trabalho assalariado nas madeireiras (e mais tarde nos frigoríficos) passou a ser a alternativa. Essas pessoas passaram a se estabelecer no perímetro urbano, formando “cinturões de barracos”. Na época, a alternativa encontrada pela Empresa Bertaso, apoiada pelas elites econômicas e políticas, foi a criação de um loteamento popular para os expropriados da cidade. Com a criação deste loteamento – onde atualmente está localizado o bairro São Pedro – consolida-se uma “reorganização do espaço urbano, quando através da distribuição e ocupação do espaço impõe-se uma política de inclusão e exclusão social” (Hass *et al*, 2008, p. 212). Deste modo, a vila criada no final da década de 60, resultado da “limpeza urbana” permanece sendo, nos dias atuais, uma das regiões mais desprovidas de infraestrutura urbana e com presença significativa de moradias precárias²⁹.

Estas e outras atitudes administrativas que contribuíram para a manutenção deste centro único podem ser analisadas como medidas de instauração de uma *paisagem de poder*, nos termos de Zukin (2000), que indica o processo de concentração espacial que culmina com uma equiparação de centralidade e poder. Em Chapecó uma das maneiras de visualizar este processo, além de que o centro é super valorizado territorialmente (restringindo seu uso residencial e comercial), é observar sua paisagem que conta, entre outras coisas, com um monumento que homenageia a figura do “desbravador” – o colonizador da região³⁰. A paisagem se completa com um dos maiores hotéis da cidade, propriedade da família Bertaso (atores preponderantes da história de colonização do oeste). No decorrer da avenida aparecem ainda outros prédios, que embora não sejam muito altos, ostentam fachadas espelhadas e grandes vitrines. Em estudo sobre a Avenida Paulista o olhar de Oliveira (2000) privilegia destacar as práticas de imaginação e produção de um lugar singular, atentando para os processos de reconstrução “dos sentidos de exclusividade inscritos na materialidade das edificações, das legislações, das formas de uso e das imagens dessa avenida” (Oliveira, 2000, p. 215). O autor aponta que se por um lado há a discriminação de certas atividades e usos do espaço público por outro lado, as táticas dos atores sociais marginalizados revelam-se como questionamentos e negações ao domínio do lugar e de seus *próprios* (Oliveira, 2000). A partir desta constatação de Oliveira (2000), embora em Chapecó se possa reconhecer o centro e

²⁹ É neste bairro, não por acaso, que moram Dona Maria (coletora de material reciclável) e Jonas e André (engraxates), sujeitos desta pesquisa, trabalhadores que conheci na Avenida Getúlio Vargas.

³⁰ O monumento “O Desbravador” foi construído em 1981 e projetado pelo artista plástico Paulo de Siqueira. Este monumento foi pensado para “homenagear os primeiros desbravadores que colonizaram e construíram o município” (Prefeitura Municipal de Chapecó, 1989, p. 10). A figura de oito metros de altura representa um “migrante sul-riograndense”, com vestimentas típicas da época, empunha na mão direita um machado (que representa os colonizadores que venceram os obstáculos naturais) e na mão esquerda um louro (que simboliza a transformação de uma então inóspita região em uma sociedade produtiva e feliz (idem).

principalmente a Avenida Getúlio Vargas como uma *paisagem de poder*, por outro lado, os sujeitos também impõem suas significações, seja através da sua presença, como quando se torna palco para protestos e mobilizações, ou, no caso dos índios Kaingang, que apesar de discriminados, participam do espaço público da cidade, principalmente comercializando seu artesanato. Aparecem também ações mais diretas como a reivindicação de um monumento que homenageie os povos originários da região (índios e caboclos) que, como foi visto, foram relegados ao papel de coadjuvantes na história chapecoense, mas que aos poucos reaparecem no cenário e buscam reconhecimento. Esta ação parte de movimentos sociais e culturais, entre eles o Puxirão dos Caboclos, movimento atuante no resgate e promoção da cultura cabocla.

Centros: cidades metropolitanas *versus* cidades médias

Nas cidades metropolitanas são identificados fenômenos recorrentes que apontam para uma mudança nos níveis de sociabilidade: de espaços de encontro, as ruas converteram-se em espaços de fluxos, deixam de ser espaços de encontro, para se transformarem em espaços de reconhecimento social (Martín-Barbero, 1998, p. 23). Embora Chapecó pertença à categoria de *cidade média*, a cidade está entre as cinco maiores do Estado de Santa Catarina. Situada na região oeste, a cidade de Chapecó é considerada a Capital do Oeste Catarinense e município pólo de uma região que conta com aproximadamente 80 municípios e mais de um milhão de habitantes, e abriga um dos maiores complexos agroindustriais do país. A população cresce aceleradamente, atualmente estima-se seu total em torno de 180 mil habitantes, sendo que destes, 93% vivem na área urbana e 7% na área rural³¹.

Este crescimento repercute de formas diversas na *cidade média* de Chapecó, influenciando processos como: migração, expansão dos limites urbanos originais, verticalização de suas propriedades, valorização da terra urbana, entre outros. Uma questão a ser pensada é se este crescimento não repercute também nas formas de sociabilidade, culminando com as mudanças das *cidades metropolitanas*, apontadas anteriormente por Martín-Barbero.

Procurando problematizar essa questão, minha proposta é analisar a consolidação do centro de Chapecó, que de maneira diversa do que ocorre nas grandes cidades, se configura como espaço singular. Ao analisar a questão da centralidade em São Paulo, Frúgoli Jr (2001)

³¹ Dados obtidos do sítio da Prefeitura Municipal de Chapecó: <http://www.chapeco.sc.gov.br>. Acesso em: 05/06/2008.

traz os argumentos de Soja (1993), para quem o *centro* tem grande importância no processo descentralizador e recentralizador nas grandes cidades capitalistas. O centro define e dá substância ao urbano, conferindo seu sentido social e espacial singular (Soja 1993, 1995 *apud* Frúgoli Jr 2001). Já García Canclini (1993) ao estudar a Cidade do México, ressalta que o seu crescimento não possui qualquer foco organizador do urbano, é uma “cidade sem mapa”, cujo centro está marcado por um declínio da densidade populacional e a intensificação de usos mais lucrativos, voltados para o comércio e o turismo (García Canclini, 1993 *apud* Frúgoli Jr, 2001) processo semelhante ao observado em São Paulo por Frúgoli Jr (2001). Levando em conta os contrapontos entre as duas abordagens, Frúgoli Jr constata que o processo de metropolização converge com o surgimento de outras áreas urbanas, conformando diversas *centralidades*.

Segundo Frúgoli Jr (2000), o surgimento de subcentros configura um contexto multipolar nas cidades metropolitanas, no qual o centro tradicional passa a competir com os demais. Desta maneira, transforma-se a centralidade e sua relação com a metrópole. Nas grandes cidades, os centros comerciais tradicionais (nos quais prevalecem as noções modernas de circulação e especialização) são substituídos gradativamente pelos *shopping centers*, neste contexto a “rua moderna” (contexto marcado pela diversidade de atores sociais) “foi simbolicamente substituída nesse modelo pela rodovia, transformada numa máquina de gerar um tráfego eficiente e produtivo” (Frúgoli Jr, 2000, p. 26).

A realidade é que devido a diversos fatores sociais e econômicos, há cidades em que se visualizam mais claramente a descentralização e outras que ainda prevalece a organização do espaço urbano a partir de um pólo principal; há, portanto, uma diferença entre as cidades marcadas pela dispersão e declínio das áreas centrais e aquelas marcadas por áreas centrais mais densas. Assim, o desenvolvimento da metropolização envolve o surgimento de outras áreas urbanas que passam a competir com a área central e a configurar uma realidade multipolar. No entanto, este processo evidencia que mesmo que não se possa encontrar nas metrópoles o ideal de uma “vida de rua moderna”, que está em crise, “a interação social típica dos grandes centros define em grande parte uma identidade à metrópole, devendo por isso mesmo ser mantida ou recriada” (Frúgoli Jr, 2000, p.33). É nas regiões centrais que se realizam a densidade dos contatos face a face que marcam a vida pública moderna, “constituída por múltiplas dimensões como o encontro e a sociabilidade, a mediação de distintos conflitos, a tolerância à diversidade sociocultural, as manifestações políticas etc., que ganham nesses espaços a expressão mais acabada” (Frúgoli Jr, 2000, p. 42). Esta *vida de rua*

envolve a sociabilidade urbana, que no caso de Chapecó está concentrada no centro, e mais especificamente na sua avenida central, a Avenida Getúlio Vargas.

Neste capítulo é utilizado um recurso audiovisual, trata-se de um vídeo com duração total de quinze minutos, produzido pela autora e inicialmente utilizado na banca de defesa, e que, por sugestão das professoras membros da banca foi incluído na dissertação. O documentário apresenta um panorama da Avenida Getúlio Vargas, traz imagens e textos tanto da parte central quanto do *prolonga*, e torna-se parte integrante da dissertação, pois permite melhor compreender os cenários que serão descritos e analisados na sequência do texto.

2. Um olhar sobre a Avenida Getúlio Vargas

A Avenida Getúlio Vargas³² é um importante contexto para pensar espaço público na cidade de Chapecó, e é também cenário de uma diversidade de sociabilidades urbanas que definem e são definidas por esta. A avenida³³ é o espaço público por excelência da cidade, é um referencial simbólico e espacial no decorrer do qual se estabelecem diferentes usos e práticas que acabam por criar classificações deste espaço³⁴, é adjetivada simbolicamente como um espaço importante na cidade, e se pode dizer ainda mais: tem para os chapecoenses um valor de *lugar referencial*.

Há demarcações (compreensíveis pelas atribuições nominais que dão os sujeitos) compartilhadas de maneira ampla pelos chapecoenses e que dividem a Avenida Getúlio Vargas basicamente em dois trechos: *avenida* e *prolongamento* da avenida. Esta definição aparece bem claramente no discurso dos sujeitos e envolve principalmente o critério de anterioridade de um sobre o outro: inicialmente surge a *avenida*, onde se estabelecem marcos físico e simbólico do centro da cidade, como a Igreja matriz, praça central, centros políticos e econômicos, estabelecimentos comerciais, etc., marcos que permanecem até os dias de hoje, embora com transformações, e que acabam por qualificar este espaço em termos de referenciais e práticas, típicos de centros urbanos; posteriormente esta avenida é estendida

³² Fisicamente a Avenida Getúlio Vargas está localizada não somente no centro como também nos Bairros Passo dos Fortes e Líder. Se caracteriza por ser uma rua mais larga que as demais, sua calçada em ambos os lados mede aproximadamente 10m. A pista de veículos é dupla em ambos os lados da rua, e há área destinada para estacionamento transversal, o canteiro central tem aproximadamente as mesmas proporções das calçadas laterais. Sua extensão total é de aproximadamente 5,6Km.

³³ Será usada a palavra avenida para se referir à Avenida Getúlio Vargas especificamente, que embora haja outras avenidas na cidade, é a única assim referenciada pelos chapecoenses.

³⁴ É preciso lembrar que oficialmente não há nenhuma denominação de diferentes trechos da avenida, mas no discurso e representações nativas aparecem definições claras, que foram levadas em conta ao elaborar essas delimitações. Ver mapa dos trechos da avenida em anexo.

fisicamente no sentido norte criando um novo trecho de rua que passa a ser denominado prolongamento da Getúlio Vargas, no qual, pelos mais variados motivos, não se desenvolvem as mesmas modalidades comerciais e econômicas presentes na parte central da *avenida* (este prolongamento ultrapassa os limites do centro e passa pelas bordas de dois bairros).

Na classificação nativa desta rua da cidade, alguns quando se referem à *avenida*, estão referindo-se à *avenida* com qualificações de centro (entendido aqui como lugar aglutinador e que possui marcas que lhe conferem identidade, apropriações, conflitos e negociações e um ordenamento que é ao mesmo tempo móvel e estável), o termo *avenida* é usado para designar especificamente a parte central da *avenida*; trecho marcado claramente pela diversidade e densidade comercial. Sendo possível relacionar, nestes termos, as denominações: *avenida* e *centro* (que aparecem no discurso constantemente como sinônimos). O prolongamento, por sua vez, diferencia-se substancialmente desta parte central da *avenida*, é sua continuação, mas não sua continuidade (em termos de significação). Embora, muitos dos sujeitos da pesquisa utilizem a expressão *avenida*, também para designar o lugar em que está instituído o *prolonga* – que não deixa de fazer da Avenida Getúlio Vargas. Para simplificar, nesta dissertação utilizarei a expressão: parte central da *avenida* para designar o que para os nativos é apenas *avenida*; e *prolonga* quando referir-se ao trecho específico do prolongamento da avenida.

A Avenida Getúlio Vargas na cidade de Chapecó enquanto referencial simbólico possui significações de um espaço público amplamente usado pelos chapecoenses, mas não é vivenciado da mesma forma. Foram identificadas diferentes práticas em toda a sua extensão que incluem formas mais típicas de espaços urbanos (a *vivência de rua* que fala Caldeira), como o *passar* que aparece na parte central da avenida, até formas emergentes como as práticas que convertem o espaço público em verdadeiras *baladas* ao céu aberto, criando *pontos de agito* como o *prolonga*. Estas demarcações e classificações fazem da Avenida um espaço feito de fragmentos e descontinuidades, pois, embora se trate de uma mesma rua, localizada em uma cidade específica, a Avenida não é homogênea em suas sociabilidades. Em toda sua extensão surgem delimitações que criam *lugares* que se justapõem e coexistem.

Enquanto locais privilegiados para análise e observação foram selecionados dois desses *lugares*, baseando-se em elementos empíricos que levaram em conta, principalmente, o fato de serem locais em que se desenvolvem usos e práticas relacionados com o lazer, são estes: a parte central da *avenida* e o *prolonga* (este último se complementa com a análise de

outros dois lugares relacionados a ele de maneiras distintas: o “final do prolongamento” e o “alpes”), que serão detalhados em seguida.

Procurando facilitar a compreensão da Avenida e seus trechos, optei por iniciar com uma descrição física de cada uma das suas partes, classificando-as de acordo com seus usos e características físicas a partir das categorias: (a) lugar de convergência ou concentração; (b) lugar de transição; e (c) lugar de dispersão; esta classificação leva em conta principalmente a existência de movimento durante o horário comercial (Ver mapa dos trechos em Anexo).

A parte central da *avenida* é um lugar de convergência e concentração, é o trecho mais centralizado e em termos comerciais, o mais importante. Inicia-se no cruzamento com a Rua Uruguai e termina no cruzamento com a Rua Quintino Bocaiúva. Durante o horário comercial é intenso o sobe e desce de pedestres pela avenida, o ritmo do andar das pessoas é normalmente acelerado, embora alguns sempre parem por algum motivo, seja para tomar sorvete, observar vitrines, comer churros³⁵ ou um lanche, etc.

Atraídos pelo comércio (e segundo relatos, principalmente por sua característica variada e diversa, possibilitando um campo maior para escolhas), os transeuntes vivem a experiência da rua de forma intensa na cidade de Chapecó. Em vários trechos de sua extensão, onde se percebe uma intensificação dos usos, mas principalmente em sua parte central, e nas suas ruas paralelas, o movimento de pessoas e carros é intenso durante todo o horário comercial. Raramente se vêem mendigos e meninos de rua pela avenida, as pessoas mais pobres que circulam são os coletores de material reciclável e os engraxates, que estabelecem vínculos quase que exclusivamente com aqueles que utilizam seus serviços. Sobre os meninos engraxates, vários se vestem com terno e gravata (encontrei pelo menos três meninos que assim se vestem para o trabalho). Também crianças trabalham vendendo artesanato (como os pequenos Kaingangs que acompanham suas mães) ou vendendo botões de rosas nos bares e lanchonetes. Existem algumas pessoas já bastante conhecidas na *avenida* que atuam como personagens, um desses é o Jeremias, que transita a pé ou de bicicleta pela rua, coleta material reciclável, às vezes está embriagado, mas não “incomoda ninguém”, como me disseram. Embora Chapecó seja uma cidade cujo desenvolvimento é desigual, gerando mazelas sociais, são poucas as pessoas que literalmente vivem nas ruas (embora por todo o centro apareçam placas que solicitam às pessoas que não dêem esmolas, e que denunciem esses casos para a

³⁵ O churros é um alimento feito de uma massa adocicada que é frita na hora, recheado (geralmente com doce de leite) e passado no açúcar, ou no chocolate granulado. Este produto já faz parte da tradição chapecoense, sendo praticamente o principal alimento vendido nas ruas durante o dia, e pode-se dizer que os carrinhos de churros fazem parte da paisagem da avenida.

assistência social), ou seja, aparece uma pobreza velada, oculta, que pode não aparecer nos cenários públicos da cidade, mas que nos bairros mais pobres mostra sua face mais cruel.

Na avenida pude vivenciar diferentes percepções de ritmo e de tempo. De manhã o tempo parece começar desacelerado. As vitrines despertam preguiçosas, umas antes do que as outras abrem suas pálpebras para a luz do sol. Funcionários chegam e aguardam em frente a lojas, aglomerando-se e criando um clima agradável de bate-papo e sociabilidade. Conversam sobre amenidades, sobre os últimos acontecimentos, sobre o próprio trabalho, etc. Há aqueles que começam a trabalhar mesmo antes do comércio abrir, como os que trabalham com os carrinhos de churros, que desde muito cedo começam a perfumar a avenida com seu cheiro de fritura adocicada. Também os coletores de material reciclável iniciam cedo sua jornada³⁶, aproveitando as primeiras horas da manhã para visitar as lojas antes de abrirem para o público. Em alguns casos o material já é deixado em frente às lojas pelos primeiros funcionários da limpeza. Ainda cedo é possível cruzar com estudantes apressados indo para a escola. Pessoas mais idosas (especialmente nos dias iniciais do mês) preferem as manhãs para frequentar o centro, evitando o calor e o movimento excessivo. Alguns permanecem por algum tempo na praça, conversando com amigos, discutindo acontecimentos recentes, ou apenas observando os transeuntes. O tempo vai passando e a avenida finalmente desperta. O fluxo de carros e pessoas aumenta de acordo com o aproximar do meio dia, quando há um auge no movimento. Muitos funcionários saem das lojas e escritórios para almoçar, mas poucas lojas da avenida fecham efetivamente. Inclusive para alguns trabalhadores do centro é este um momento propício para realizar compras. Os bancos dos canteiros centrais ficam mais disputados nesse horário, e ao contrário do que acontece na maior parte do tempo durante o dia, o uso desses canteiros, nesses momentos, deixa de ser quase que exclusivamente para passagem³⁷.

A parte central da *avenida* tem um ritmo peculiar composto de simultaneidades. Se durante o horário comercial na praça as pessoas sentam nos bancos e parecem apenas esperar o tempo passar, na baixada da parte central da Getúlio o corre-corre de carros e pedestres é constante. Em um ritmo frenético de entra e sai de Bancos, entra e sai de carros, sinal aberto,

³⁶ Como já foi explicitado antes, estas pessoas são moradores da periferia de Chapecó que se dedicam ao trabalho informal na ausência de posto de trabalho melhor qualificados. Prática recorrente na maioria das cidades contemporâneas.

³⁷ Esses canteiros centrais são usados pelos pedestres para atravessar de um lado para outro da rua, e visivelmente não foram projetados para o trânsito de pessoas. A configuração das calçadas e canteiros não forma um traçado contínuo possível de ser identificado enquanto caminho, permanecendo apenas como lugar para travessia, possuindo, além disso, árvores e canteiros de flores. Há também vários pontos de táxi e estacionamento para motos.

sinal fechado. É nesses lugares que o *centro* pulsa seu ritmo mais acelerado, as pessoas andam mais apressadas, poucas param para observar vitrines, e mesmo dentro das lojas, o movimento é mais intenso, apressado. No caso de cruzar com alguém conhecido, o cumprimento se resume, na maioria dos casos, a um aceno com a cabeça, ou no máximo na troca de duas ou três palavras. Neste movimento os pedestres precisam estar atentos para não colidirem entre si e com carros. A travessia das ruas é em grande parte realizada nas faixas de pedestres, o que facilita o trânsito e evita acidentes. Mas muitos pedestres não respeitam as regras de trânsito e realizam a travessia em locais proibidos, além de não respeitarem o sinal de trânsito para pedestres quando, especialmente nos cruzamentos, invadem a pista fazendo com que os automóveis tenham que frear bruscamente. Em alguns casos a espera pela travessia pode demorar alguns minutos, e quando algum motorista dá a vez para os pedestres, pode receber um cumprimento de agradecimento³⁸.

Há diversos estabelecimentos comerciais que oferecem serviços de alimentação, como bares, cafés, lanchonetes e sorveterias. Em frente destes são colocadas mesas e cadeiras nas calçadas para abrigar os clientes, durante o dia e final de tarde é bastante comum as pessoas sentarem nessas mesas para descansar à sombra de seus guarda-sóis. Durante a noite alguns desses locais fecham (como os cafés), mas os bares e lanchonetes permanecem movimentados. Neste ponto é preciso lembrar que a minha pesquisa de campo se realizou durante o verão, fato que influencia no movimento noturno da avenida (mas mesmo nos dias mais frios do inverno, as pessoas se dirigem para a Avenida).

O movimento de pessoas na parte central da *avenida* é constante, sendo mais intenso nas primeiras semanas do mês. As pessoas vão para avenida comprar, passear, encontrar pessoas, comer, tomar sorvete, etc. Se no horário comercial é mais comum cruzar com pessoas sozinhas ou em duplas, a partir do final da tarde podem-se observar pequenos grupos caminhando, famílias, casais, etc. A partir deste horário são raros os solitários. As sorveterias, lanchonetes, cafés e carrinhos de churros, permanecem abertos até mais tarde (fechando, em dias normais de verão, em torno das 22h), aproveitando o movimento para comercializar.

Figura 4 – Transeuntes observando vitrines – Sábado à noite, em torno das 22h.

³⁸ Esta relação que se estabelece não entre pedestres e automóveis, mas entre sujeitos posicionados diferentemente no trânsito em determinado momento, está repleta de conflitos, que embora não prejudique de maneira significativa o trânsito da cidade, constitui um campo de tensões, em que ambos os lados defendem sua razão, culpando o outro lado pelos percalços, embora, em alguns casos, motoristas cheguem a admitir que sua posição enquanto pedestres é diferente da sua posição ao dirigir.



Figura 5 – Transeuntes passeando na Avenida – Domingo à tarde



Neste passeio pela avenida, tanto no período noturno como diurno, as pessoas geralmente caminham com passos mais lentos, conversam entre si ou com algum conhecido que encontram, observam as vitrines, consomem sorvete, enfim, circulam pelas calçadas usufruindo o espaço. Estas práticas acabam por configurar este local como um importante cenário de lazer na cidade, que será mais bem descrito adiante.

A continuação da parte central está imediatamente em seguida desta e vai até o início do prolongamento (este trecho fica entre as ruas Quintino Bocaiúva e São Pedro). Apesar de poder ser considerada uma subdivisão da parte central, é um *lugar de transição*. Este trecho ao mesmo tempo em que não se caracteriza como um lugar de intenso comércio, como acontece na parte central, também não se caracteriza por baixo movimento de pessoas no horário comercial, como no caso do prolongamento. Ali o comércio visivelmente é mais “fraco” que na parte central, mas mesmo assim existem várias lojas de roupas, bancos, bazares, lanchonetes, padarias, etc. Também o movimento noturno não é tão intenso quanto no *prolongamento*, mas abriga estabelecimentos importantes no contexto do lazer como: a casa noturna Asa Delta, lanchonetes, posto de gasolina, restaurantes, cantina, entre outros.

O topo sul da Avenida Getúlio Vargas (extensão da avenida para o sul que surge posteriormente) tem como limites o início da Avenida ao sul e vai até o cruzamento com a Rua Uruguaí e eu o considero um *lugar de dispersão* durante o horário comercial. Isso porque há um menor número de empreendimentos comerciais que ficam dispersos, e sendo também um lugar para o qual as pessoas se deslocam esporadicamente em busca de algum serviço específico, além da grande concentração de prédios residenciais – que o caracteriza com ênfase residencial em detrimento da comercial. De maneira que o trânsito de pessoas praticamente inexistente, sendo o movimento de carros predominante, mas não intenso. Neste trecho destaca-se a presença da Prefeitura Municipal e da sede municipal da CASAN (Companhia Catarinense de Águas e Saneamento). Além desses estabelecimentos públicos, também é importante a presença do Cemitério Municipal (cujo acesso se dá pela rua paralela, e não pela Getúlio Vargas). Entre os estabelecimentos comerciais há clínicas médicas, óticas, restaurantes e bares. O acesso a esta porção da avenida se dá quase que absolutamente usando veículos, como já foi dito, o trânsito de pessoas é mínimo. Neste trecho os canteiros centrais estão praticamente isentos de qualquer uso, constando apenas lixeiras em frente aos prédios residenciais, e não possuem calçada, somente gramado e árvores. Mas apesar destas características de *dispersão* é este trecho que abriga o “alpes” – local para onde se destinam jovens durante a noite (especialmente nos finais de semana) para encontrar-se com outras pessoas, ouvir música e consumir bebidas alcoólicas. Neste local também aparecem práticas transgressoras como “rachas”³⁹, derrapagens e “cavalinhos de pau”⁴⁰ exercidas em horários mais avançados da madrugada, que embora não tenham sido observados, foram conhecidos através de relatos e marcas deixadas no asfalto.

O prolongamento (que abriga o *prolonga* e o final do prolongamento – lugares que se convertem em baladas na rua) guarda muitas semelhanças com o topo sul especialmente no que se refere ao trânsito. Nessas regiões o movimento de pessoas é também pequeno. Em seu início aparecem lojas de vestuário, decoração, lanchonetes, bazares, mercearia, lojas de motos, etc., e do meio até o final prevalecem pontos comerciais de venda de carros, oficinas, lojas de autopeças, postos de gasolina, distribuidores, etc. Há também o Eco Parque (parque público localizado na Avenida, com pista para caminhadas), a sede da Polícia Militar, da CDL (Câmara de Dirigentes Lojistas) e do Corpo de Bombeiros. O prolongamento inicia na

³⁹ Atividade de disputa de breves corridas entre dois carros, que tem por objetivo o divertimento, mas que também servem como maneiras de dar visibilidade e status aos sujeitos.

⁴⁰ Quando um carro em velocidade freia bruscamente e gira o volante rapidamente, fazendo com que o veículo faça um giro sobre si mesmo.

esquina da Avenida com a Rua São Pedro e vai até o seu final. Nesses dois locais a maioria dos estabelecimentos como lanchonetes, restaurantes, bares, sorveteria e pizzarias abrem somente no período noturno. Neste trecho o canteiro central passou por uma reforma recente, foi transformado em uma pista para caminhadas, sendo bastante utilizado nos finais de tarde até a noite para atividades esportivas, formando, juntamente com o Eco Parque, um circuito para a prática de esportes e lazer na cidade. É aí também que se constituem *lugares* usados para a prática do lazer quando, durante a noite abrigam centenas de pessoas que se encontram compartilhando momentos de lazer, encontro e sociabilidade, com características que serão evidenciadas mais adiante.

As sociabilidades presentes na avenida como um todo são bastante diversificadas, atraindo públicos diferentes, e cuja interação é mediada pelo tempo e pelo espaço. Grupos diversificados de pessoas usam o espaço da avenida em tempos diferentes: nos finais de tarde, primeiras horas da noite até horas mais avançadas muitas pessoas circulam pela avenida, principalmente famílias, mas também grupos de jovens; já em horários mais avançados, principalmente nos finais de semana (noite e madrugada, e no domingo no período da tarde até a noite), circulam principalmente jovens. Quanto aos espaços, os primeiros circulam principalmente na praça e na parte central da avenida, os outros se expandem em direção ao topo sul e ao prolongamento, mas também nesta parte central da avenida, existem vários empreendimentos voltados para o lazer (baladas) que funcionam também no período noturno.

Para melhor descrever as sociabilidades no espaço público da avenida, optei por separar dois trechos específicos: a parte central da *avenida* e o *prolonga*. Dois lugares que se diferenciam entre si tanto quanto aos usos, como quanto a sua dinâmica de funcionamento. A parte central se caracteriza por um foco no comércio durante o dia, e uma dinâmica específica de uso noturno (que envolve, entre outras coisas, a prática do *passeio*). O *prolonga*, embora localizado em um trecho que não tenha movimento tão intenso quanto a parte central durante o dia, possui certa dinâmica de comércio (mais direcionado para o ramo de automóveis, contando com muitas garagens de carros semi-novos, lojas de carros e motos novas, lojas de autopeças, entre outros), e um intenso e diferenciado movimento noturno, que o transforma em uma “balada na rua”. Ambos os trechos (parte central e *prolonga*) contribuem para a constituição do valor social da avenida como um todo, através das práticas instituídas pelos sujeitos que significam aquele espaço, lhe atribuindo identidade de *lugar*.

3. A parte central da avenida: lazer e sociabilidade na rua

A parte central da *avenida* sempre teve um papel preponderante no cenário urbano de Chapecó, sendo o espaço privilegiado para atividades *culturais* (como carnaval, festas, shows e comemorações de datas especiais como o natal, dia do trabalhador, etc.), *sociais* (desfiles cívicos, cerimônias de posse, exibição de maquinário novo, etc.) e *políticas* (protestos e atos, passeatas, distribuição de panfletos, coleta de abaixo-assinados, ocupações reivindicatórias – acampamentos no espaço público como forma de chamar a atenção da sociedade para sua causa, etc.). Também é o lugar escolhido para a divulgação de eventos culturais e shows, sendo bastante comum encontrar “barraquinhas” instaladas no canteiro central da avenida com esta finalidade⁴¹.

Durante o horário comercial a parte central da *avenida* se caracteriza por um movimento intenso de pessoas, que buscam o centro para usufruir seus equipamentos comerciais e de serviços, trabalhar ou procurar emprego, passear e/ou fazer compras. Pelos motivos mais diversos as pessoas se encontram na avenida, estabelecem contatos, vivenciam um contexto de sociabilidade bastante fértil (no sentido de produtora de relações). Meu olhar esteve voltado para a rua, o espaço no qual prevalece, na maioria do tempo, a circulação, o fluxo, o movimento. Mas se, por um lado, devido a este caráter de circulação a rua seja espaço de encontros impessoais, imediatos e superficiais, por outro, pode ser lugar de encontros cotidianos, duráveis e significativos. Esses últimos são os que mais interessam para compreender mais profundamente como se dão as sociabilidades no espaço público na avenida, especialmente na sua interface com o lazer, proposta desta dissertação.

No fluxo do movimento de pessoas pela *avenida*, no intenso sobe e desce pelas calçadas durante o horário comercial, essas relações mais “diretas”, por assim dizer, aparecem de forma sutil, em encontros fortuitos, formas de cumprimentar, posturas que as pessoas assumem, entre outras expressões que são perceptíveis ao olhar. É possível identificar locais nos quais este tipo de relação se estabelecem mais comumente, e embora não seja este o foco principal do trabalho, são importantes para compreender o contexto no qual se instauram as relações. O foco não está em conhecer o caráter e intensidade das sociabilidades, mas elucidar o contexto em que ocorrem, os atores sociais envolvidos, as regras nas quais estão inseridas, etc. Neste contexto, farei uma breve síntese de alguns contextos observados na parte central

⁴¹ Durante a pesquisa, não passou uma semana sem que houvesse pelo menos uma barraca de eventos da cidade e região na avenida, estes *stands* possuem *banners* do evento, cartazes, etc.; nesses locais ficam pessoas atendendo, dando informações e vendendo ingressos, e em alguns casos tem um sistema de som que fica tocando músicas relacionadas ao evento, antecipando, de certa forma, o clima de festa.

da *avenida* durante o horário comercial, que embora não seja o foco principal, como explicitarei anteriormente, fazem parte do contexto das relações estabelecidas naquele espaço, e são importantes para a compreensão das sociabilidades na Avenida como um todo.

No horário comercial, há um lugar especial, diferente de todos os outros (como lanchonetes, bares e praça), é um lugar tranquilo e silencioso, que durante todo o dia abriga pessoas que permanecem lá por alguns instantes e depois seguem seu caminho. Trata-se da *gruta*, que fica aos fundos da Igreja Matriz, e mesmo estando próxima à agitação da rua, cria uma dinâmica totalmente diversa, na qual prevalece a calma e silêncio. O lugar tem o teto oval, paredes de pedra e bancos de concreto nas laterais. Aos fundos uma espécie de altar onde estão colocadas três imagens – este é ordenado com pedras ametista e cristais. Entre esta parede dos fundos e o suporte para a queima de velas, há um espaço vazio onde acumula água, que escorre ao poucos entre as pedras do fundo. O suporte de velas está sempre repleto de luz, seguidamente pessoas entram para fazer uma oração e deixar algumas velas. A entrada da gruta é embarcada por uma armação de ferro coberta com uma planta, que quando florida, promove uma agradável chuva de pétalas brancas. As pessoas percorrem este corredor em silêncio, entram no recinto fazendo o sinal da cruz (a maioria), e depois se colocam em frente das imagens mantendo-se meditativas por alguns minutos (alguns sussurram orações muito baixas). Algumas pessoas ficam posicionadas próximas à saída e entregam bilhetes com orações, como pagamento de promessas ou para alcançar alguma graça. As pessoas que saem recebem os bilhetes e continuam seu caminho.

Algumas pessoas costumam deixar velas ou flores, mas a maioria apenas faz sua oração, benze-se com um pouco de água (em um bebedouro do lado esquerdo). Este breve ritual cotidiano é repetido por muitas pessoas, várias vezes ao dia. A gruta fica no caminho de quem vem do terminal e vai em direção a parte mais central da avenida, e muitas pessoas frequentam a gruta antes de continuar seu caminho, desviando-se, por um momento, do corre-corre do centro para um tempo de reflexão e oração. Falei com algumas delas que disseram que todas as vezes que vão para o centro costumam ir até a gruta rezar, sendo que seria uma atividade já cotidiana, que muito apreciam. Em outro caso, Ângela, que tem um carrinho de churros muito perto da gruta, comentou que vai quase todo dia até lá rezar: “Olha, quase sempre eu vou, é bom, eu peço para ter um bom dia de trabalho e rezar pela família, essas coisas. A vida da gente é tão corrida que quase não dá pra ir na missa, então pelo menos acendendo uma velinha de vez em quando, ajuda né” (Ângela – vendedora de churros).

A circulação de pessoas na parte central da *avenida*, durante o dia, tem um ritmo mais frenético, acelerado e contínuo do que aquele observado durante os finais de tarde e noite. Neste contexto de intenso fluxo de pessoas, alguns lugares se configuram como importantes cenários de sociabilidade. Para citar rapidamente alguns dos empreendimentos que são importantes locais de encontro, descreverei brevemente dois cafés e um bar. Ambos, embora acolham pessoas de diferentes extratos sociais, se assemelham no sentido de se tornarem lugares de destaque no cenário da Avenida, além de que expandem seu estabelecimento para as calçadas através da disposição de mesas e cadeiras ou bancos, sendo que quando circulam, em alguns casos, os transeuntes tem a impressão de cruzar dentro do estabelecimento.

O primeiro café é conhecido por ser frequentado por políticos e pessoas influentes da cidade, que se reúnem para discutir especialmente temas relacionados à política. Este café é frequentado principalmente por senhores a partir de meia idade, somente durante o horário comercial. O espaço físico do lugar é pequeno, possui uma bancada onde os clientes são servidos. Do lado de fora, uma pequena cobertura e bancos em formato de “u”. Os homens ficam sentados de frente para a calçada, observando também o movimento de pessoas que passam pelo local, e interagindo com alguns. O café fica próximo a uma banca de revistas, que tem um importante papel neste contexto específico de sociabilidade, que como disse envolve principalmente uma troca de informações e opiniões sobre os mais diversos assuntos, é um espaço eminentemente masculino e tradicional no cenário urbano chapecoense.

Já o segundo café fica na parte baixa da avenida, e atrai um público visivelmente de classes sociais mais abastadas (fato indicado pelo preço dos produtos oferecidos, entre outras coisas, como a mobília interna e externa, vestimenta dos garçons, etc.), fica localizado muito próximo de duas lojas de roupas de requinte, compondo junto com elas um cenário atrativo para um público específico: pessoas adultas de maior poder aquisitivo. Desde a aparência física do café, até a postura e aparência dos atendentes, demonstra esta característica de “requinte”.

O bar fica localizado na parte mais baixa da *avenida* e atrai um público mais diversificado – e mais popular – sendo que durante todo o dia pessoas se reúnem para tomar cerveja e lanchar. As mesas ficam na calçada e na lateral do bar, permitindo que os seus frequentadores interajam facilmente com os transeuntes. Garçons ficam prostrados em pé, com bandejas nas mãos, prontos a atender os clientes que os acionam. Sempre toca uma música ambiente e o clima é de animação, as pessoas conversam e riem entre si. Em comum,

todos estes estabelecimentos utilizam o espaço público para abrigar seus clientes, permitindo, desta maneira, uma interação entre quem está no bar e quem está na rua, mas se trata efetivamente de um local privado – que oferece equipamentos e serviços pagos, não sendo possível usufruir de seu espaço sem consumir.

Por outro lado, a Praça Coronel Ernesto Bertaso é freqüentada por muitas pessoas, durante manhã e tarde principalmente. Possui equipamentos públicos (bancos, mesas, banheiros) e atrativos culturais e de lazer (galeria de arte – permanente; apresentações periódicas artísticas e de vendedores performáticos); além disso, comerciantes de rua oferecem aos transeuntes possibilidades gastronômicas e de consumo. Desta forma, as pessoas têm a oportunidade de desfrutar momentos de lazer e divertimento, sem pagar mais por isso. Podem, por exemplo, comprar um pastel e um refrigerante com a Dona Sônia (uma senhora que se coloca em uma das esquinas próxima em um pequeno muro, com caixas de isopor e guarda-sol; o murinho é usado tanto por ela quanto pelos clientes para se sentar). O transeunte pode, em seguida, sentar-se em uma das mesinhas disponíveis, comer enquanto conversa com um amigo, depois disso ir até o banheiro (que por sinal está sempre bastante limpo), e/ou usufruir qualquer outra das possibilidades oferecidas na praça.

Durante as manhãs, principalmente pessoas mais idosas se encontram na praça para bater um papo, discutir os acontecimentos recentes, partilhar notícias, ler jornal, entre outras atividades, como tomar chimarrão. O lugar preferencial para estas atividades é a parte de cima da praça, onde há alguns bancos e uma mini-arquibancada. As pessoas quando chegam sozinhas logo se aproximam de alguém ou de um grupo, não necessariamente alguém que conheça anteriormente. Conversei com algumas pessoas que moram perto dali e freqüentam a praça quase que diariamente, outras que vem de outros bairros, fazem alguma atividade no centro (como receber o salário) e depois permanecem por um tempo na praça conversando com algum conhecido. Algumas pessoas também utilizam as mesas e bancos da parte inferior da praça, que ficam ocupadas durante quase todo o dia, e muitas mães levam seus filhos para brincar no parquinho infantil, que também fica nesta parte.

A praça pode ser vista como um espaço de encontro e lazer, assim um dos vendedores de rua que tem ponto na praça afirmou: “É aqui que as pessoas marcam encontro, aquelas que vêm de fora, marcam aqui para a ambulância pegar. É um ponto de encontro, muitas pessoas vêm aqui todo dia, eu mesmo conheço pessoas que vem aqui todo dia” (Natanael – vendedor de mel). Estes encontros, embora não possuam nada de extraordinário, revelam de forma exemplar, as maneiras com que as pessoas usam o espaço público,

permanecendo neste por muito tempo, usando seus equipamentos e desfrutando das possibilidades de encontro que proporciona.

Comércio de rua: pontos, lazer e performance

As calçadas da avenida, especialmente esquinas, são os espaços privilegiados para uso pelo comércio de rua⁴². Estas calçadas abrigam uma variedade imensa de comerciantes, desde vendedores de frutas a carrinhos de venda de churros e é um comércio que, embora seja considerado informal, possui regulamentação própria⁴³. Este tipo de comércio institui uma categoria de uso do espaço específica: os *pontos*⁴⁴ – configurações espaciais que não somente remetem a apropriações espaciais (voltadas para o comércio) como também constituem lugares dotados de significados na rua da cidade, constituindo-se em espaço para trocas e relações de sociabilidade. Embora o comércio de rua esteja permeado por processos, negociações, conflitos e disputas por espaço, que formam uma dinâmica específica de usos do espaço público da avenida, não são estas características que quero enfatizar, mas o seu caráter enquanto agregador de sociabilidades, que aparece de forma mais significativa nos momentos fora do horário comercial ou nos casos dos artistas e vendedores performáticos.

O comércio de rua aparece no cenário da avenida com papel preponderante no contexto do lazer, configurando-se não somente como uma das formas de uso do espaço existentes, mas também como uma atividade que promove a sociabilidade na rua, e que no caso específico de comerciantes performáticos, se configura como atração no lugar. Assim, nos momentos de lazer na avenida, quando as pessoas saem a *passar* pela rua, o comércio de rua sustenta as dinâmicas de lazer, fornecendo, por exemplo, alimentos e entretenimento. No período para além do horário comercial, o comércio de rua pode ser considerado como parte dos equipamentos urbanos de lazer, compondo não somente o cenário, como também as

⁴² Utilizo a expressão comércio de rua, mas os nativos costumam usar também outras expressões como: vendedor ambulante, comércio informal, banca de rua etc.

⁴³ Os vendedores ambulantes são credenciados na prefeitura, o que garante a eles uma permissão “oficial” para vender seus produtos (esta carteirinha é deixada sempre em lugar visível – pendurada no carrinho, na banca ou no pescoço – pois oferece certo status a quem a possui, legitimando o seu trabalho). Esta regulamentação foi realizada através do decreto de lei municipal nº 5.066 de 31 de agosto de 2006. A instituição que os representa e organiza é a Associação Municipal de Vendedores Ambulantes de Chapecó. Entre os comerciantes credenciados há um diferencial para os “pracistas” (os únicos que podem usar o espaço da praça para vender) os demais podem vender na praça somente nos sábados à tarde e domingos e feriados.

⁴⁴ *Ponto* é a denominação nativa para descrever o lugar específico de venda na rua de cada um, significa uma apropriação do espaço público, que pode ser “passado” para outro ou vendido, de acordo com as circunstâncias. O *ponto* é conquistado através do reconhecimento social, principalmente de outros vendedores, e garante ao seu “dono” o direito de usufruir daquele espaço. Cada um normalmente constrói seu próprio ponto, que pode “vingar” ou não.

práticas realizadas na avenida. De um modo geral, este tipo de comércio se insere na dinâmica de lazer principalmente por oferecer serviços que vão de encontro às expectativas dos frequentadores da avenida – como alimentação – e completam o cenário urbano com suas barraquinhas, tendas e bancas. Neste cenário destacam-se dois tipos de comércio preponderantes: aqueles voltados à alimentação e aqueles que têm relação com arte e artesanato. No primeiro grupo estão, por exemplo, os carrinhos de churros, pontos de venda de cachorro-quente, de tapioca, de pastel, vendedores ambulantes de sorvete e algodão doce; no segundo estão as bancas de artesãos e os artistas (aqueles que expõem sua arte na rua e algumas vezes desenvolvem performances ao vivo).

O comércio de rua noturno tem algumas especificidades em relação àquele que também aparece durante o dia, principalmente com relação à estrutura, pois se os primeiros contam com pequeno espaço físico para o preparo do produto (um carrinho de aproximadamente um metro quadrado, no caso dos churros), estes últimos contam com uma estrutura móvel bastante significativa: geralmente são carros adaptados para o comércio, se estabelecem na rua e utilizam a calçada para oferecer cadeiras e mesas para seus clientes. Sua estrutura reflete também o tipo de alimento oferecido, sendo que o cachorro-quente, por exemplo, exige um maior aparato para seu preparo, mais itens e produtos que devem ser preparados com antecedência. Exige mais trabalho, sendo necessárias muitas horas de trabalho antes da venda na rua, o que torna impossível trabalhar por muitas horas, conforme explicou João (vendedor de cachorro-quente à noite na Avenida). Também, os carros adaptados para o comércio de rua ocupam um espaço bem maior que um carrinho de churros, por exemplo, e quando em atividade ocupam duas vagas de estacionamento na rua (enquanto que os primeiros permanecem na própria calçada).

Neste cenário de lazer noturno aparecem outros elementos interessantes para pensar nos usos do espaço público e nos contextos de sociabilidade daí surgidos. Gostaria de fazer um breve comentário sobre os artistas (comerciantes) performáticos. Sua presença na Avenida é mais comum durante o dia no horário comercial. No período de realização da pesquisa observei algumas situações interessantes que considero interessante descrever e, de uma maneira ou outra, exemplificam seu caráter de lazer e agregador de sociabilidades no espaço público.

A primeira situação foi observada em um dia de semana em torno das quatro horas da tarde, tratava-se de um homem baiano, forte, negro, mestre de capoeira, quarenta e sete anos, que passou quase uma semana realizando performances na praça central. Quando

observei o Paulo pela primeira vez, o que me chamou atenção a princípio foi a quantidade de pessoas que estavam em sua volta (contei noventa e três quando cheguei), neste dia realizei uma gravação, sem sua autorização inicialmente, sendo que quando percebeu que eu filmava parou em minha frente por alguns segundos e fez pose para a câmera (ao final fui explicar-lhe meus reais motivos, ele concordou que eu usasse seu vídeo, que já estava acostumado com isso, e que eu poderia usar seu nome verdadeiro). Em sua volta formava-se um círculo, delimitado de tempo em tempo por ele mesmo com água (que saía de garrafa com a tampa furada). As pessoas se aglomeravam movidas pela curiosidade e novidade que aquele homem representava no lugar. Paulo falava muito, contava piadas e interagia com as pessoas. No centro do círculo havia alguns objetos: chicote, bolsas, garrafa de água, meias, etc.; este espaço delimitado era chamado por ele de “escritório”. A sua *performance*, denominada por como seu *show* ou brincadeira, consistia em pequenos truques e pegadinhas, algumas começavam e não terminavam, todas atividades para manter as pessoas no local. Solicitava, inclusive, que as pessoas se aproximassem o máximo possível da marca d’água, com o objetivo de quando sentisse que o momento era propício, apresentar o produto que vendia: um pó natural chamado “flor do Amazonas” feito de “casca, folha, batata, caule e raiz de pau”, segundo ele com muitas propriedades medicinais: energético, antiinflamatório, contra gastrite e úlcera nervosa, emagrecedor, entre outras propriedades. Paulo vendeu vários pacotes, e finalizou o seu show contando histórias de cura com as ervas. Para finalizar sua *performance*, fez mais alguns truques simples usando jornal que foi “transformado” em uma calcinha e terminou a “brincadeira” repentinamente: “Gente eu vou dar um tempo na brincadeira, depois eu vou continuar, falou? Obrigado pra você que parou, eu vou encerrar. Daqui dez minutos eu volto”, começou a guardar suas coisas, as pessoas permaneceram paradas por alguns instantes e algumas pessoas, inclusive eu, se aproximaram para conversar com ele ou comprar. No dia seguinte ele repetiu a atividade, que seguiu os mesmos princípios.

Outro caso que irei comentar brevemente foi uma apresentação de um grupo de indígenas equatorianos que realizaram uma performance na praça. Era um grupo de cinco homens e uma mulher, vestidos tipicamente, com roupas de couro e cocar na cabeça. Colocaram-se diante da árvore central da praça, com sofisticado equipamento de som, movido através de um gerador portátil, os microfones estavam ornados com filtros dos sonhos. O som emitia uma música básica que eles complementavam com voz, flautas e chocalhos. Os homens usavam uma espécie de saia em cima da calça, com tirinhas de couro nas pontas. Todos têm os cabelos compridos e muito lisos, quatro deles usam cocares nas cabeças, que

descem pelas costas e quase tocam o chão; são feitos de penas, couro e sementes. Dois dos rapazes tem o rosto pintado. Aquele que parece ser o líder do grupo não tem ornamento na cabeça e usa uma camisa de time de futebol (do clube brasileiro São Paulo). A mulher fica mais para a esquerda do “palco” e segura nas mãos alguns cds. A sua frente há um pano estendido com peças artesanais, tecidos e mais cds. Caixas são usadas para armazenar flautas e outros instrumentos que estão sendo utilizados no momento. Alguns se aproximam da mulher e ela explica sobre os preços e mostra outros objetos como tecidos e filtros dos sonhos.

Muitas pessoas observam atentas ao grupo, ao final das músicas ouvem-se tímidas palmas. Em frente ao “palco” tem uma caixinha para doações. São poucos os que se aproximam para colocar algum dinheiro na caixa durante a apresentação, e geralmente quem o faz, em seguida vai embora. Ao final da apresentação um homem mais velho que parece ser o líder do grupo convida a todos para se aproximarem e ver as suas coisas. As pessoas se aproximam e tentam se comunicar, por palavras e gestos (o grupo fala espanhol). Muitos compram objetos, e conversam com os índios, perguntando de onde eles são e quanto tempo pretendem ficar na cidade. Pessoas curiosas chegam após a apresentação também se aproximam, e questionam sobre o que está acontecendo. Um casal se aproximou de mim, a mulher, após observar os índios, os objetos e as pessoas ao redor muito atentamente, fala para mim e para seu marido sorrindo: “Eles são índios de verdade!” Nós permanecemos em silêncio, ela sorriu e continuou: “Esse desenho no rosto deles eu acho que é tatuagem, e essas roupas, nossa”. Pouco tempo depois um deles toca uma música, e canta um trequinho, no que a senhora diz: “E eles cantam em língua de índio mesmo!”. Nisso o marido a chama para irem embora, eles se despedem e se afastam. A mulher ainda olha para trás para observar mais uma vez, com um sorriso de satisfação e curiosidade.

Figura 6 – Índios equatorianos em apresentação na Praça Coronel Bertaso interagindo com os espectadores



Em ambos os casos, as *performances* artísticas são utilizadas para atrair o público e posteriormente oferecer seus produtos, neste caso, a sua atividade consiste em atrativo, as pessoas se divertem e se distraem observando seu trabalho, e podem ou não comprar algum produto. Tanto no caso de Paulo, o vendedor da “flor no amazonas”, quanto dos índios artistas equatorianos, as pessoas permaneceram por muito tempo observando-os e sua presença agregou um número considerável de pessoas (principalmente em se tratando de horário comercial). Por outro lado, no caso dos artesãos e artistas, que somente expõe seu trabalho, não há este movimento de atração aos clientes, com exceção de Anthony, caso que será visto adiante, o pintor de quadros que realiza *performances* ao vivo (como ele mesmo denomina sua atividade).

Já os artesãos estabelecem uma maneira de vender que tem relação direta com as posturas que assumem, e com o fato de se tratar de um trabalho artesanal. Neste sentido, conjugam o tempo de “estar no ponto” com o próprio trabalho, pois, a maioria dos artesãos permanece fazendo peças durante o tempo em que estão na rua, e mesmo atividades complementares como a colocação de tererês e a feitura de tatuagens de henna⁴⁵, podem ser

⁴⁵ Os tererês são ornamentações com miçangas e fios coloridos modelados diretamente em uma pequena porção de cabelo, através de tranças e emaranhados; a tatuagem de henna é feita usando uma tinta especial (de origem indiana) que quando em contato com a pele, seca e deixa o desenho por alguns dias, se a área não for umedecida. A tinta é colocada em um pequeno recipiente e com o auxílio de um palito de madeira o desenho é feito, deixando uma camada grossa da tinta. No caso observado, o artesão contava com um catálogo para o cliente olhar e escolher uma imagem (de modo semelhante ao que acontece nos estúdios de tatuagens definitivas). Após a escolha do desenho a pessoa indica onde quer fazer o desenho, caso for preciso, o artesão indica o melhor lugar para tatuar o desenho, ou indica um desenho que fique bom em alguma parte do corpo da pessoa. Observei uma mulher que tatuou a lateral do pescoço, e teve que sair segurando os cabelos para não danificar o desenho, a tinta demora alguns minutos para secar, depois vira uma casquinha e descola, permanecendo uma marca levemente escura por algum tempo. A tatuagem de henna pode servir, em muitos casos, para experimentar como seria ter uma tatuagem verdadeira. O artesão Rafael, inclusive, avisa os clientes que faz também tatuagem definitiva em sua casa, caso a pessoa deseje. Tanto o tererê quanto a tatuagem de henna são ornamentos usados quase que exclusivamente no verão.

consideradas *performances*, que atraem atenção dos transeuntes, constituindo momentos interessantes de interação, nos quais os artesãos passam inclusive, a ter uma platéia, que observa seu trabalho e sua atuação. Foram mapeados seis artesãos na avenida, entre esses entrevistei dois. Um deles, o Rafael, trabalha já há quinze anos com artesanato, já viajou o Brasil inteiro, e tem uma visão interessante sobre o seu trabalho. Por um lado reconhece que o artesanato ocupa uma posição marginal na sociedade, e não é valorizado da maneira que deveria ser. O seu ponto fica em uma esquina, próximo de uma farmácia. Escolheu o lugar pela localização, iluminação e porque não tinha ninguém (o fator da iluminação é importante porque ele permanece muitas vezes até a noite). Rafael considera que o artesão ocupa um lugar intermediário no consumo, as pessoas não saem de casa decididas a comprar um “trampo” (como define seu artesanato), mas pode acontecer de cruzarem com a banca e gostar de alguma coisa. Segundo ele, durante a noite é o momento mais propício para vender, o público é diferente, as pessoas vem para caminhar, estão mais despreocupadas, e por isso mesmo tem mais tempo para observar o seu trabalho. Como afirma Rafael: “Eu gosto de expor a noite, eu vendo bem aqui nesse horário”.

Além dos artesãos, durante parte do período de realização da pesquisa, a avenida contou com um artista carioca expondo em suas calçadas durante a noite, ele chama-se Anthony. O principal atrativo é que pinta seus quadros na rua mesmo, sob os olhos atentos de muitos espectadores. Durante sua *performance* forma-se um grande grupo de pessoas em torno dele, que fica sempre no mesmo local. Na calçada estendem-se alguns desenhos retangulares, todos em mesmo tamanho. Ficam dispostos cuidadosamente um ao lado do outro sob um pedaço maior de papel na calçada, e ao centro várias latas de tinta spray. Um rádio *minisystem* completa o cenário musicalmente e toca uma música internacional. A frente do artista, uma placa em papel menor, no chão assinala o valor de cada obra: R\$ 20. É o preço dos desenhos, que podem ilustrar paisagens naturais, visões do oceano, céu estrelado, pirâmides, desenhos abstratos, entre outros. Outra inscrição aparece ao lado do preço: é o Orkut do artista.

Anthony é artista há 10 anos. Aprendeu a arte de pintar usando tinta spray com um senhor, quem acompanhou pintando alguns quadros, depois disso ficou treinando oito meses em casa – usava o dinheiro que recebia trabalhando como office-boy para comprar tinta – e somente depois disso foi para as ruas expor seu trabalho. Anthony diz que não vende seu trabalho, as pessoas é que compram, porque, segundo ele: “arte não se vende”. Ele não costuma oferecer seus quadros, as pessoas que devem gostar e resolver ficar. Em Chapecó ele

permaneceu aproximadamente quatro meses. Explicou que aqui resolveu colocar um preço mais baixo (ele vende cada quadro por vinte reais, enquanto que em Copacabana, por exemplo, costuma vender os mesmos quadros por cinquenta). Segundo ele, aqui as pessoas são muito desconfiadas, acham que o quadro pode desbotar, estragar com o tempo, ainda mais pelo preço que é relativamente baixo – mas ele afirma que num valor mais alto não venderia nada. Cf. Anthony, as pessoas parecem gostar de assistir a sua *performance*, muitas pessoas se acumulam em frente a esquina que escolheu para ficar, mas dificilmente chegam para conversar com ele. As pessoas assistem, alguns compram, depois batem palmas e vão embora, é raro encontrar alguém interessado em “trocar uma ideia”. Ele também constata que “a avenida é shopping da cidade, já que aqui não tem”, o lugar aonde as pessoas vão para passear, olhar as vitrines, tomar sorvete, e aí quando encontram algum “atrativo” ficam bastante interessados(as). Explicou que não vale à pena expor durante o dia, pois é a noite que as pessoas vêm para a avenida dispostas a parar para apreciar seu trabalho. Nas vezes que ficou durante o dia na avenida, vendeu apenas dois quadros, então não compensa. Posiciona-se sempre na mesma esquina, em frente a uma loja que tem excelente iluminação, e proporciona um belo espetáculo aos transeuntes, que aos poucos começam a se acumular em volta, formando um aglomerado geralmente de trinta a cinquenta pessoas. Ele falou que tem consciência de que sua *performance* é a principal responsável pelas vendas, através dela o seu trabalho é valorizado e reconhecido, “as pessoas gostam de me ver pintando, eu coloco fogo as vezes e deixo queimar, alguns se assustam e dizem para eu apagar, causa espanto, todos ficam impressionados, e este é o objetivo” (Anthony). O pintor de rua permanece na avenida até que há movimento, ou até quando que as tintas acabem.

Figura 7 – Performance de Anthony nas calçadas da Av. Getúlio Vargas



Pode-se compreender estes artistas de rua e artesãos como personagens liminares ou liminóides⁴⁶ que mantêm uma situação de margem social. O que não significa que sejam portadores de uma impugnação geral dessa ordem social a qual parecem dar as costas, ao contrário significa um reconhecimento e uma exaltação do vínculo generalizado que deixa de existir neles para ser colocado em uma situação de parênteses provisório (Delgado, 1999, p. 115).

Todos os artistas (comerciantes) performáticos que encontrei durante a pesquisa eram estrangeiros (facilmente identificados como tal através do sotaque, que justamente pelo fato de o oeste catarinense possuir um sotaque muito marcado, qualquer outro que seja diferente é logo percebido); surgem no *cenário* de um dia para o outro, não sendo possível, apenas pela observação, detectar sua origem e propósitos, portanto, permanecem para os transeuntes como incógnitas, que pode ser percebidos pelos olhares curiosos lançados sobre Paulo (que vende um “misterioso” elixir de ervas e realiza truques excêntricos), ou os índios equatorianos (cuja aparência é suficiente para criar espanto e admiração), ou Anthony (que possui habilidades inacreditáveis e somente “vendo” seu trabalho ao vivo se pode acreditar que seus quadros são mesmo feitos com tinta spray); todos estes personagens (mais comuns nos grandes centros) se tornam em Chapecó mais que novidades comentadas e apreciadas, aglutinam muitas pessoas, transformam o cenário, inserem elementos novos na normalidade

⁴⁶ Delgado (1999) parte de Turner (1974) para fazer esta análise, e afirma que é como se existissem dois modelos de interação humana: o primeiro apresentaria a sociedade como uma ordem estruturada, hierarquizada, entendida como organização de posições e *status*, institucionalização e persistência de grupos e de relações entre grupos; o segundo, pelo contrário, aparece no momento *liminal* e representa um ponto neutro do social, sociedade entendida como comunidade essencial, sociedade sem estruturar-se. Ao primeiro modelo Turner chama *estrutura* e ao segundo *communitas*.

(ou estrutura social) da *avenida*, criando, pelo menos momentaneamente, um espaço liminar (estendendo suas próprias características liminares para o espaço e seu entorno), criando uma espécie de *communitas* momentâneas no espaço público.

A experiência de rua na parte central da *avenida* tem relação direta com estes *pontos* noturnos, e envolve principalmente, o *passeio* por suas calçadas. Juntamente com as sorveterias, os pontos de comércio de rua que fornecem alimentos, os artesãos e artistas, se tornam articuladores de sociabilidades, pois agregam as pessoas, tornam-se referência espacial, e compõe de maneira muito significativa o cenário noturno da *avenida*.

Sobre o passeio na avenida: cenário, points e trajetos.

A parte central da *avenida* é bem iluminada, e além da iluminação pública, as lojas também permanecem com as vitrines abertas e atrativas (algumas, inclusive, possuem sistema de som, que contribui para criar um clima agradável). Esta atividade de caminhar pela *avenida* nesses momentos fora do horário comercial constitui uma atividade que pode ser descrita genericamente como um “passeio” – atividade de lazer bastante disseminada na cidade, que atrai pessoas de praticamente todas as classes sociais e envolve práticas como caminhada, observação de vitrines, consumo de alimentos, frequência a lojas, entre outras atividades⁴⁷. Nesses momentos o número de carros estacionados é significativo, o movimento de carros em circulação é menor (principalmente se em comparação com o movimento de carros no *prolonga*), este movimento se deve principalmente ao fato de que a grande maioria das pessoas vai de carro até a *avenida*.

Considerando esta prática de *passrear*, enquanto uma forma específica de uso, principalmente no período noturno, domingos e feriados, a *avenida* pode ser analisada como uma “praça interbairros”, como aponta Frúgoli Jr. (1992) ao estudar os *shoppings centers*, onde afirma que nos finais de semana principalmente, estes se transformam, congregam pessoas de todos os bairros da cidade em um espaço de lazer e convivência entre os mais diversos segmentos sociais, em uma trama de sociabilidades não isenta de conflitos. Segundo

⁴⁷ Refiro-me ao deslocamento de pessoas nas lojas abertas nesse horário diferenciais, não necessariamente com a finalidade de comprar, sendo que de fato, pude observar muitas pessoas entrando e saindo da loja sem sacolas de compras.

o autor, são em momentos como este, que se sobressai uma “centralidade lúdica” a uma “centralidade do consumo”, pois, as motivações das pessoas não estão no consumo de bens, necessariamente. Na Avenida Getúlio Vargas, este caráter “lúdico” que fala Frúgoli Jr. aparece até com mais ênfase que nos *shoppings*, porque, na avenida, a ampla maioria de lojas não abre nesses dias, mas há movimento (até muito pouco tempo, não se abria nenhuma loja da *avenida* aos domingos, atualmente, abrem algumas lojas de departamentos). A escolha da *avenida* como destino dessas pessoas, envolve outras motivações, entre elas a possibilidade de encontros e de lazer que oferece, conformando, um cenário semelhante aos *shoppings* descritos por Frúgoli Jr. (1992) “cenários onde ocorrem encontros, paqueras, ‘derivadas’, ócio, tédio, passeio, consumo simbólico” (Frúgoli Jr., 1992, p. 78).

A Avenida Getúlio Vargas em toda sua extensão possui lugares diferenciados, que constituem sua importância não somente por seus equipamentos, mas principalmente pelas práticas que os sujeitos estabelecem nesses espaços. Para melhor descrever estes espaços optei por trabalhar com as categorias: *points* e *trajetos*. Ambos possuem relação direta com o espaço, mas principalmente com práticas específicas desenvolvidas pelos sujeitos. Procurando enfatizar os usos do espaço voltados para o lazer, destaco estes espaços como “nódulos” que constituem e dão sentido às redes de sociabilidade que se estabelecem no espaço público da *avenida*.

O cenário noturno da parte central da *avenida* é substancialmente diferente do diurno. Se durante o dia o movimento é frenético, o trânsito flui acelerado, as pessoas caminham apressadas, entram e saem de lojas, etc., a partir do final de tarde até a noite o ritmo do andar das pessoas é outro, são casais de mãos dadas, grupos de jovens, famílias inteiras que circulam despreocupadas pelas calçadas, com ritmo mais tranquilo e lento que aquele observado durante o dia. Pode-se ressaltar aqui que não são pessoas de todas as classes sociais que frequentam este centro durante a noite, ou seja, como um lugar de lazer. Se durante o dia, empresários e faxineiras frequentam o mesmo espaço, nesses outros momentos o grupo é mais direcionado: são aquelas pessoas não tão pobres que não tenham pelo menos um carro para se locomover até a *avenida*, mas nem com tantas condições, o que ampliaria suas opções de lazer (como os bares que oferecem *happy hour* na avenida). Neste “passeio” as pessoas caminham com passos mais lentos, conversam entre si ou com algum conhecido que encontram, observam as vitrines, comem etc. Configurando este local também como importante cenário de lazer na cidade, tanto durante as noites, como tarde de domingos e feriados. Durante os meses de novembro e dezembro esta atividade inclui também a visitação

à praça que é ornada com relação à temática natalina. A própria rua é também enfeitada com luzes, e nesses dias o movimento noturno aumenta significativamente, e nos dias próximos ao natal praticamente todas as lojas permanecem abertas até mais tarde.

Trajetos

Neste passeio noturno, as pessoas se deslocam de maneira a criar *trajetos* - caminhos preferencialmente percorridos. Em muitos casos, os carros são estacionados em locais distantes daquele para o qual a pessoa pretende ir (uma sorveteria, por exemplo), pois mesmo sendo o objetivo principal ir para a avenida tomar um sorvete, o caminho até esta faz parte de um propósito maior, que inclui: caminhada, olhar vitrines, observar o movimento, etc. Algumas vezes, as pessoas não definem previamente aonde vão, e no caminho escolhem este ou aquele lugar (optando, por exemplo, entre comer tapioca ou cachorro-quente). Estes *trajetos* inscrevem no cenário alguns padrões de circulação, que tem como uma de suas características uma trajetória de “ir” por um lado da rua e “voltar” por outro, aproveitando, assim, todas as possibilidades visuais (podendo ver todas as vitrines de lojas) e de encontros (dar uma olhada em quem está sentado em determinada sorveteria ou banco). O *trajeto* do passeio pode ser também pelo mesmo lado da rua, algumas vezes as pessoas querem retornar a determinada vitrine e observar melhor uma roupa ou calçado, e nesses casos, vão e voltam pelo mesmo lado da avenida; em outros casos estão transitando por determinado lado da rua quando algo ou alguém lhes chama a atenção no outro lado, o que faz com que modifiquem sua rota de circulação. Conversando com algumas pessoas, descobri que algumas têm já um caminho determinado, fazem sempre o mesmo trajeto, evitam certos lugares e lojas que não lhes agradam e consomem somente nos mesmos lugares, como afirmou Maria: “Sempre tenho que trazer meus filhos, eles gostam de andar de bicicleta neste trecho, enquanto andam eu e meu marido ficamos sentados, tomamos uma cerveja ou sorvete. Eles adoram e nós também”. Em outro caso, quando conversei com uma mulher que estava acompanhada da mãe, do marido e dos filhos, ela me disse que sempre que eles vão jantar fora, comer pizza ou lanche, antes de ir pra casa “dão uma passadinha” na avenida, gostam sempre de passar por determinadas lojas, que ela gosta de olhar as vitrines, às vezes tomam um sorvete e depois vão embora; como ela disse “já é hábito da nossa família fazer isso”.

Esta atividade de “passear” na avenida é bastante comum entre os moradores da cidade, pelo menos alguma vez ao ano se dirigem até a avenida – na época de festas, por exemplo, o movimento é ainda maior, e alguns, que não costumam ter esta prática também

frequentam o lugar. Assim, “dar uma volta” na avenida se configura como uma importante opção de lazer na cidade, lugar para onde se deslocam muitas pessoas em busca de lazer e sociabilidade. Na cidade de Chapecó se vive a experiência da sociabilidade na rua de maneira intensa, sendo que a sua parte central se caracteriza por um lazer “moderado” (expressão que uso para tentar explicar as dinâmicas produzidas neste espaço em relação ao lazer que aparece no prolongamento), atraindo pessoas de perfil mais familiar – como crianças, casais, idosos, etc., que caminham despreocupadamente pelas calçadas. As vitrines são temáticas, sempre procuram estar sintonizadas com o tempo atual, estimulando o consumo direcionado para determinadas comemorações. Como exemplo do tipo de interação que as vitrines possibilitam, em caso observado, eu estava diante de uma vitrine de calçados, ao meu lado parou um casal e um filho, a vitrine fazia um apelo: “dê um presente que jamais será esquecido!”, o menino que aparentemente estava em fase de alfabetização leu a frase com certa dificuldade, e depois concluiu: “mas sapato não dura pra sempre!”, os pais riram do comentário do filho, e o pai completa: “mas a mamãe gosta de sapatos!”. Este diálogo é apenas um entre os muitos outros presenciados durante observações noturnas na avenida, sendo que o tema mais comum é comentar sobre preços e características dos produtos expostos.

Entre as práticas realizadas na avenida especificamente nestes momentos de lazer que podem ser representados pelas expressões: passear, dar uma volta, caminhar; etc. está a atividade de “observar vitrines”, que embora possa parecer uma simples atitude com motivações consumistas, envolve uma série de comportamentos específicos, que não tem, necessariamente, envolvimento com o consumo (embora este esteja diretamente relacionado com esta prática). A contemplação das vitrines envolve posturas que dão significado às relações que se estabelecem entre as pessoas e as mercadorias. Ao observar as vitrines, as pessoas reagem ao que vêem: aprovam, reprovam, admiram, elogiam, desprezam, admiram-se, comentam, etc. Todas essas reações são expressas através de gestos, posturas e comentários. As pessoas apontam para alguma peça, inclinam-se sobre esta para melhor observar, colocam as mãos em torno do rosto e encostam-se na vitrine para observar algum produto mais afastado, agacham-se para melhor observar os sapatos de um manequim, entre outras expressões faciais e corporais que indicam relações que as pessoas desenvolvem com as mercadorias expostas. As manequins ganham vida através das roupas que cobrem seu corpo, as pessoas fazem comentários como estes, coletados durante a pesquisa e anotados em caderno de notas: “Ela ficou bonita nessa blusa”, “Na verdade essa blusa só fica boa em quem é magra”, “Vou comprar um sapato igual a este que ela está usando”. Todos estes comentários

evidenciam que a manequim não é simplesmente um corpo plástico que serve de suporte para as roupas e sapatos, é um corpo que veste e que usa as roupas, um corpo que é admirado por ser esguio e pela sua beleza. Em outras circunstâncias, as vidraças das vitrines tornam-se espelhos, nos quais as pessoas podem conferir o próprio visual, e em alguns casos comparar a si mesmas com os manequins das vitrines que aparecem ao lado de seu reflexo.

Figura 8 – Vitrines, manequins e transeuntes



Em conversas informais tanto no campo como fora dele, ao questionar as pessoas sobre o que faziam na avenida a resposta sempre eram: *nada*. Ou então as ações vinham com um acréscimo como: *só* caminhar, *só* tomar sorvete, *só* olhar vitrines. A partir destes relatos passei a perceber que no discurso as pessoas costumam tratar a atividade de “dar uma volta” quase de maneira negativa, admitindo que fazem isso devido à falta de opções, que nem gostam tanto de ir lá mas que não tem outra alternativa, que só fazem isso devido a falta de *shopping center* na cidade, entre outros argumentos. No entanto, a partir da observação foi possível perceber que quando na avenida, as pessoas apreciam o momento, interagem entre si,

estabelecem vínculos, etc., em outras palavras: vivenciam o lugar. Embora no discurso não admitam apreciar estar na avenida, ressaltando a falta de opções na cidade, na prática, a avenida se torna lugar de múltiplas sociabilidades. De única alternativa de lazer (como aparece seguidamente no discurso) passa a ser a *escolha* de lazer. Obviamente que há aqueles que não somente criticam, como também não frequentem o espaço. Não é possível generalizar e dizer que todas as camadas da sociedade dêem “voltinhas” na avenida, no entanto, para uma ampla parcela da população esta é talvez a única possibilidade de “sair da rotina”, encontrar pessoas diferentes e se divertir. Mas é claro, os usos do espaço não são homogêneos, as pessoas desenvolvem estratégias específicas de apropriação do espaço, e são essas diferenças que procurarei evidenciar em seguida.

Points

Desta maneira, a partir da observação, identifiquei lugares na avenida que se diferenciam espacialmente pelos usos que são desenvolvidos pelos sujeitos. Estes lugares tornam-se, a partir de prática de apropriação, singulares e possuidores de significados específicos para as pessoas que o utilizam. Procurei identificar alguns destes espaços, com a ressalva de que certamente não representam todas as formas de uso existentes na avenida, mas que foram por mim eleitas como significativas ou exemplares.

Surgem, no cenário da avenida, vários *points* – lugares de encontro de grupos específicos, que transformam espaços comuns através de práticas que estabelecem entre si e com o espaço. Assim, um determinado banco do canteiro central da avenida, deixa de ser somente um banco para se tornar o “banco de encontro”, onde quase que diariamente jovens se reúnem para conversar, beber e estabelecer vínculos entre si e com outras pessoas que também frequentam a avenida (o banco em questão fica nas proximidades de um bar na baixada da parte central da avenida). Neste caso observado, especificamente, os jovens contam com apenas dois bancos (que caberiam seis pessoas sentadas), mas o grupo é dez a 15 pessoas geralmente (algumas vezes mais), sendo que o móvel passa a ter duplo uso: a parte de suporte para as costas vira assento, e a base torna-se suporte para bebidas, bolsas, etc. Os sujeitos se revezam para sentar-se no banco, enquanto os outros formam um círculo em volta, compartilhando cigarros e copos de bebida. Algumas vezes as bebidas ficam no chão, e quando saem do lugar ficam os vestígios pelo lugar: os bancos fora de seus posicionamentos originais, e no chão o lixo resultante da “festinha particular” que realizaram no canteiro central da avenida. Este encontro acontece pelo menos uma vez por semana (no sábado), mas

em outros dias da semana como sexta e domingo, é freqüente encontrar as mesmas pessoas no mesmo lugar, mudando sempre um ou outro, mas mantendo as mesmas práticas. Este grupo permanece voltado para si mesmo, as pessoas se organizam espacialmente em círculo, e embora estejam colocadas em lugar de destaque visual (aparecendo para qualquer um que passe pela rua, de qualquer dos lados, ou na calçada), permanecem de maneira à quase ocultar seus comportamentos – atitude que ao mesmo tempo em que lhes preserva, instiga a curiosidade dos transeuntes, que observam curiosos o grupo.

Há uma quadra de distância outro grupo se reúne quase que diariamente em frente ao prédio que residem (não entrevistei as pessoas, mas posso afirmar isto com segurança porque observei em algumas ocasiões pessoas indo buscar coisas no prédio). São jovens que se vestem de maneira mais despojada (não estão arrumados para sair, como no caso dos jovens do “banco” anterior, ou aqueles que vão ao *prolonga*), e embora o seu *point* fique próximo a uma das mais importantes baladas da cidade, não costumam sair cedo do local e deslocar-se para algum estabelecimento, permanecendo até altas horas no canteiro central. Este grupo em muito se assemelha com o anterior, mas além de contar com bancos públicos para se sentar, costumam trazer cadeiras para acomodar-se. Além disso, neste grupo foi observado algumas vezes o consumo de chimarrão, coisa que não acontece no primeiro. As posturas são semelhantes quanto à formação em círculo, e por ficarem em um lugar menos movimentado em relação a outros trechos da avenida, usufruem de certa tranquilidade quanto ao barulho (permitindo a conversa entre eles).

Não muito longe dali, a calçada em frente a uma loja se transforma em “pista de skate”, criando relações que se estendem também para o canteiro central em sua frente. Um grupo específico de jovens se agrupa a partir de gostos e atividades comuns: são skatistas que através de práticas específicas no espaço, se apropriam deste de forma singular, constituindo lugares delimitados no tempo e espaço, no contexto da Avenida Getúlio Vargas. Foram identificados pelo menos dois *points* dos skatistas na avenida⁴⁸. Um dos *points* fica em frente a uma loja de carros novos e semi-novos (que atualmente se transferiu para o prolongamento), um amplo espaço de calçada no qual skatistas se reúnem a noite e nos domingos para praticar o esporte, treinar manobras, compartilhar com os amigos, se divertir, namorar, etc. O outro *point* fica em frente a uma loja de eletrodomésticos, distante duas quadras do primeiro. Neste ficam skatistas mais experientes (aparentemente mais velhos), o grupo é menor e não se reúne com tanta frequência quanto os primeiros. Lá, uma falha da calçada em frente, criou uma

⁴⁸ Embora se apropriem do espaço também através de *trajetos* (caminhos específicos que percorrem de um lugar a outro, de casa até a avenida, ou mesmo dentro do centro).

espécie de rampa, que é usada para realizar manobras. Estes *points* de skatistas já são socialmente reconhecidos, e atraem jovens de vários bairros da cidade. O surgimento deste *point* está atrelado à destruição de uma pista de skate que havia no calçadão, em uma rua paralela a avenida, local muito próximo ao atual *point* – na época, a administração municipal alegou que o lugar agrupava “marginais” e era ponto de tráfico de drogas, a saída encontrada foi destruir a pista. Segundo Jonas, skatista que entrevistei num domingo à tarde nesse *point*, demonstrou-se indignado com a destruição da pista: “Porque que eles destruíram, não tinha motivo. Tinha gente que ia ali pra andar mesmo, claro que ia uns que faziam uma coisa ou outra, mas a maioria tava lá pra andar mesmo”. Ele mesmo havia começado a andar não fazia muito tempo, havia muitos skatistas na época, que foram, inclusive, os principais sujeitos na conquista da pista (durante a administração anterior): “Depois que acabou a pista, um pouco os skatistas dormiram, eu mesmo fiquei quase um ano sem andar, porque tiraram a pista, eu vinha aqui todo dia, todo final de semana”. A partir deste processo surgiu um movimento social chamado “os sem-pista” – que desfilam no dia sete de setembro e continuam reivindicando um espaço público exclusivo para a sua prática.

Embora locais alternativos para a prática do skate já existissem (sendo que em alguns casos grupos menores realizam as chamadas *trips* – que consiste em sair pela cidade em busca de locais propícios para a prática, como corrimões, calçadas, escadarias), nenhum desses ficava especificamente na avenida, em alguns casos skatistas poderiam transitar por lá, mas não permanecendo. Os skatistas transitam pelo centro e pela Getúlio, permanecendo em muitos casos na praça (na parte do palco) e na escadaria da igreja também. Essas buscas por lugares interessantes para praticar o esporte envolve circuitos pelo centro e também pelos bairros de residência dos skatistas. Em alguns casos, eles compartilham informações sobre bons lugares para andar, pois a partir da destruição da pista tiveram que “achar os lugares pra andar, lá no meu bairro até tem lugar, mas os comerciantes não gostam, uns xingam, daí não da, tem que andar na rua que é perigoso (...) Aqui nunca deu nada. Aqui é que mais anda porque o piso é melhor” (Jonas). O *point* na avenida passou a ser divulgado entre os skatistas que passaram a frequentar o lugar quase todas as noites e especialmente nos finais de semana. E acabou se constituindo em uma importante alternativa de uso e encontro. As pessoas se deslocam para lá sabendo que irão encontrar conhecidos e amigos para compartilhar: “Eu venho sozinho daí me acho com os piá aqui”. A maioria dos skatistas vem dos bairros, alguns vêm de ônibus, outros a pé. De certa maneira, a concentração dos skatistas nesses *points* mais

centrais acaba contribuindo para a divulgação de sua existência para a sociedade em geral, deixando evidente que o grupo é numeroso e precisa de políticas públicas específicas.

Além da pista em si (o espaço de calçada em frente à loja) o *point* se estende para o canteiro central da avenida, onde meninas e skatistas⁴⁹ que não estão “andando” no momento, permanecem conversando, interagindo entre si, bebendo (geralmente bebidas não alcoólicas). Os bancos deste canteiro central são diferentes de todos os outros (inclusive foram os sinais que observei inicialmente e que indicaram um uso diferenciado daquele espaço), possuem várias inscrições de nomes de pessoas e nomes de grupos de skatistas, inscritos com corretivo e canetas. Obviamente, os skatistas somente podem ocupar aquele espaço fora do horário comercial. Sendo durante a noite e domingos os momentos em que há maior movimento no *point*, e não se estende para horas muito avançadas, principalmente porque os jovens skatistas são na maioria adolescentes⁵⁰.

No contexto da avenida as sorveterias se tornam lugares de encontro e sociabilidade, sendo lugares que propiciam que as pessoas possam se conhecer e estabelecer laços, mesmo que não se conheçam anteriormente – embora não seja a regra geral. As sorveterias (incluindo entre estas as máquinas de sorvete italiano⁵¹), algumas de forma mais intensa que outras, se convertem em *points* – lugares de encontro e sociabilidade, muito importantes no cenário da avenida (esta importância pode ser medida também pela quantidade destes estabelecimentos na rua, somente no trecho central são onze). Enquanto *points* as sorveterias agregam pessoas ao seu redor, alguns permanecem no local, sentam nas mesas disponíveis, ou ficam nas redondezas. As sorveterias maiores (entre essas há pelos menos duas redes principais) chegam a contar com dez funcionários, e abrem durante todo o horário comercial e para além deste. As menores contam muitas vezes somente com seu proprietário, que serve e cobra os clientes. Sem exceção, todas contam com espaço para os clientes ficarem nas calçadas, sendo que muitas pessoas permanecem sentadas, até mesmo depois que terminam o sorvete ou lanche. Em outros casos (talvez seja a maioria dos casos) as pessoas compram o sorvete e continuam

⁴⁹ Neste *point* propriamente, não encontrei meninas skatistas, mas mesmo que em número menor, há algumas meninas que andam de skate na cidade.

⁵⁰ Este contexto se transformou significativamente no último mês a partir do fechamento da loja de carros e posterior reforma do espaço, a partir da qual foram instalados “tapumes” de madeira em toda a fachada e calçada que era utilizada pelos skatistas. No período desta pesquisa não foi possível acompanhar os desdobramentos deste fato, nem mesmo o local da possível “migração” do *point*.

⁵¹ Estruturalmente, estas máquinas de sorvete são pequenas sorveterias que oferecem o chamado “sorvete italiano” (um tipo de sorvete que ao contrário da venda tradicional em “bolas”, o sorvete sai de uma máquina especial, e após é colocada uma cobertura caramelizada por cima). As máquinas estão presentes também em sorveterias maiores (que possuem também o sistema de buffet), e servem também milk-shake, outra modalidade de consumo do sorvete. As sorveterias menores também utilizam o espaço público colocando mesas e cadeiras para os clientes.

a dar “voltinhas” pela avenida, sendo bastante comum as pessoas caminharem ao mesmo tempo em que tomam sorvete ou milk-shake. Também é importante ressaltar que o consumo de sorvete é considerado por muitos, mais um dos pretextos para ir para a avenida, a prática de “dar uma volta na avenida” envolve também frequentar estes *points* e usufruir daquilo que oferece: além dos próprios produtos, a possibilidade de encontro com outras pessoas no *point*.

Todos estes *points* – lugares instituídos através de seu uso e práticas, que tem importância no contexto da avenida e exercem papel articulador de sociabilidades – se estabelecem na avenida com características e motivações diversas, no entanto, todos se organizam em espaços públicos, podem ou não estar relacionados a estabelecimentos privados, e constituem cenários importantes para as sociabilidades. Seja agregando jovens em torno de uma pista de skate provisória ou de um “banco de encontro”, estes lugares fazem parte de uma rede mais ampla do lazer na avenida, uma rede que mantém articulações entre si, mas cujos elementos quando tomados individualmente, são dotados de lógica interna. Além dos *points* falei em *trajetos* – caminhos percorridos, espaços transitórios e fluxos. Estes mais dificilmente reconhecíveis e mapeáveis, mas significativos se tomar em conta seu caráter de ligação entre *points* diferentes, além disso, possuem sentido em si mesmo.

4. Prolonga e outros pontos de agito⁵² – as “baladas” na avenida

Enquanto à noite a cidade está “morta”, vazia e sem pulsação, na avenida pulsam emoções e movimento. O contraste é significativo e impressiona. Apenas poucas quadras separam a Avenida de ruas completamente diferentes. Enquanto nas ruas paralelas há poucos carros e pouquíssimas pessoas transitando, na Getúlio o clima é outro. Na Avenida como um todo o movimento de carros é muito maior, há pessoas circulando pela rua e ocupando os canteiros centrais. Há uma variedade de usos dos espaços, desde a sua parte central até o seu prolongamento, ao mesmo tempo em que há uma grande diversidade entre os que frequentam esses espaços e suas preferências por determinados *cenários* e formas de lazer.

Em uma das minhas primeiras incursões ao campo, um sábado à noite, resolvi evitar o trânsito do centro em si e ir pela rua paralela até a Getúlio. Nessa ocasião pude perceber claramente uma distinção entre os usos realizados na Avenida e em outras ruas próximas.

⁵² Sobre a escolha em descrever e analisar os “pontos de agito” da avenida, enfatizando sua característica enquanto lugar de lazer e sociabilidade foram os dados encontrados em campo que apontaram para a importância dessa análise, quando mesmo durante o dia várias pessoas indicavam sua preferência pelo uso noturno daquele espaço: “eu gosto mesmo de vir na avenida de noite, tem o prolonga né, que é bem movimentado”. Eu já conhecia esse tipo de uso da avenida, e minha pesquisa apontou para a necessidade de pesquisar mais de perto essa realidade.

Perto do local que entrei na Avenida havia um grupo animado de pessoas, que aproveitando o canteiro “revitalizado”⁵³ em frente a uma loja de decoração, dançavam, bebiam, tocavam violão e conversavam animadamente. O grupo parecia pouco ligar aos curiosos, que assim como eu, olhavam atentos e em alguns casos paravam para observar a “festinha”. Este fato me causou certa curiosidade, pois percebi que aquele acontecimento também causava estranhamento em outros que circulavam pelo local, pois eles estão em espaços não reconhecidos socialmente como “pontos de agito”, lugar de *movimento*. Este tipo de uso se aproxima dos *points* que aparecem na avenida, descritos anteriormente.

Através de caminhadas, passeios de carro, frequência aos lugares de lazer, conversas informais e entrevistas, foram obtidos dados que compõem um conjunto de informações concernentes à descrição do cenário, identificação dos atores sociais e identificação de regras de sociabilidade (Magnani, 2002). A proposta é realizar uma descrição da conformação dos “pontos de agito”, principais mudanças, surgimento de casas noturnas, bares, etc.; e uma descrição do cenário atual, dando ênfase para as relações de sociabilidade. Na parte central da avenida, caracterizada pelo *passeio* e descrito anteriormente, aparece uma modalidade de lazer bem diferente daquela realizada nos “pontos de agito”, que juntos formam “baladas” na Avenida (e embora haja pelo menos dois estabelecimentos principais, voltados para o lazer noturno) o próprio uso do espaço público forma *cenários* específicos que se configuram como “baladas” ao céu aberto: o *prolonga*, o *final do prolongamento* e o *alpes*.

Descrevendo as baladas: *cenários*, pré-balada e estabelecimentos de lazer

As práticas que hoje se realizam nesses *pontos de agito*, concentrados principalmente no prolongamento da avenida, apareciam há cerca de seis anos atrás, com algumas diferenças, na parte central da avenida, e constituíam uma maneira específica de sociabilidade urbana voltada para o lazer. Quando “o agito ainda era na avenida” (na sua parte central), os carros ficavam estacionados com som alto, muitas pessoas circulavam pelo local, e o movimento de carros na rua era contínuo. Este conjunto de práticas era denominado “bobódromo”, palavra

⁵³ Refiro-me à noção de revitalização como o processo pelo qual espaços públicos passam por reformas físicas, que podem ou não alterar os seus usos designados, convertendo-se ou não em processo de enobrecimento. O trecho referido do canteiro central é diferente de todo o restante, possui revestimento em madeira, assim como bancos e um belo chafariz iluminado, é quase uma fachada da loja responsável por sua reforma, e juntamente com esta cria uma paisagem distinta. À noite essa paisagem é apropriada por sujeitos que reinventam o espaço, quando, por exemplo, transformam a utilidade do chafariz – de objeto de decoração passa a ser objeto de diversão (quando resolvem começar a brincar de jogar pingos d’água uns nos outros). Os bancos se transformam em palcos, quando duas jovens acompanham a música cantando e dançando sobre os bancos.

com certo grau pejorativo indicando que a atividade era de simplesmente “estar na avenida”, observando os carros passarem de um lado para o outro (atividade considerada “boba”). O *bobódromo*, no entanto, causava transtornos para os moradores locais que continuamente reclamavam do barulho. A polícia fiscalizava e multava os carros. Segundo relatos, as pessoas começaram a gradualmente mudar o “ponto de agito” e subir para o prolongamento, onde na época, não havia quase nenhuma residência. Esse movimento fez com que este tipo de uso (que envolve o que denomino de “cultura do automóvel”⁵⁴) se transportasse para o prolongamento e também para o sul da Avenida, onde nasceu o *alpes*.

Este período de transição culminou então com o surgimento de novos cenários, sendo que o lugar denominado *alpes* fica localizado em uma região cercada de estabelecimentos administrativos (prefeitura municipal e sede da Casan, além do Cemitério Municipal) e poucos prédios residenciais, fazendo com que se torne um lugar vazio no período noturno. O *alpes* chegou a ser muito movimento, e onde por um bom tempo se realizou as práticas anteriormente realizadas no *bobódromo*, como ouvir música alta, beber, dançar, encontrar pessoas, namorar, e além disso realizavam-se os chamados “rachas”, nos quais as pessoas, através de seus carros, disputam quem é o melhor, quem é o mais rápido (e ao que tudo indica essa disputa envolve também elementos simbólicos como status e prestígio social). Houve um tempo em que o *alpes* era o principal *point* da cidade, atualmente o *prolonga* aparece como preponderante nas escolhas dos jovens. O enfraquecimento do uso do *alpes* tem ligação direta com a intensificação das investidas da polícia, que se tornaram mais frequentes, culminando com o enfraquecimento das práticas transgressoras (mas que ainda permanecem, mas de maneira mais velada e esporádica). Atualmente é comum encontrar um número reduzido de pessoas neste local durante a noite, que se comportam de maneira diferente daqueles do *prolonga*. Para uma comparação, se o ritmo do *prolonga* é de uma balada do estilo “rave”, no *alpes* a balada é “lounge”. No *alpes* as pessoas ouvem música mais baixa, geralmente levam cadeiras para sentar, ou mesmo utilizam o muro baixo da prefeitura para isso. As pessoas bebem, conversam, fumam narguilê⁵⁵, e ao o que tudo indica, o local devido às condições propícias, é usado como ponto de uso de substâncias ilícitas. Neste local não há circulação de carros, todos ficam estacionados, e quem chega estaciona; quem passa de carro em baixa

⁵⁴ Sobre esta noção de “cultura do automóvel” agradeço ao meu irmão Izaquiel L. Antunes, que no diálogo sugeriu esta análise, que considero pertinente para pensar as relações estabelecidas no *prolonga* e que entre outras coisas envolve uma espécie de culto ao automóvel, que assume um papel de destaque nas sociabilidades, como será visto adiante.

⁵⁵ Objeto de origem marroquina usado para fumar pastas aromáticas e outras “ervas”; é feito de vidro, possui longas mangueiras de saída por onde se fuma, dentro dele há água, e na parte superior uma peça de cerâmica onde é colocado a pasta aromática ou ervas e sobre estas um pedaço de carvão em brasa.

velocidade observando (o meu caso), não está “respeitando as regras” e nesse momento a maioria pára o que está fazendo e também passa a observar o automóvel, como que dizendo: “você não pertence a este *pedaço*” (devido a esta dificuldade, por ser um lugar de sociabilidade mais restrita, não estabeleci vínculos diretos com estes frequentadores no lugar, baseando minhas informações apenas em relatos e impressões obtidas em rápida incursão no local, a lógica da sociabilidade no *alpes* parece ser diferente do *prolonga*, mas não foi possível obter informações mais profundas a este respeito.). Em períodos mais tardios da noite, alguns carros dão voltas no lugar realizando manobras arriscadas como “zerinho” ou “cavalinho de pau”, que consiste em fazer o carro rodar rapidamente, fazendo um giro de trezentos e sessenta graus. De fato, não é considerado lugar preferencial para a maioria, e pode ser um lugar para ir no “final da balada”, ou quando o *prolonga* não está movimentado: “O *alpes* é melhor que tem menos policial, só que não tem muita gente (...) Ali no cemitério é o último lugar que a gente vai, pra se despedir” (Maike). No *alpes* também são realizadas as manobras ilegais que comentei, principalmente porque não há muito policiamento no local (um de meus informantes, inclusive, relatou que há poucos meses um dos membros da equipe da qual faz parte “capotou” o carro no *alpes* ao realizar estas manobras).

Embora possa variar, o movimento noturno da Getúlio é maior nos finais de semana, sendo o seu auge no domingo, e também significativo no sábado, quando quase todas as casas noturnas e bares estão funcionando, neste dia o movimento no *prolonga* é bastante intenso, assim como no “final do prolongamento”, sendo para alguns, espaço de atividades pré-balada, e para outros único destino. Sábado é o dia de “balada” por excelência, principalmente pelo fato de que no dia posterior (domingo) dificilmente alguém trabalha⁵⁶. No domingo o movimento começa muito cedo (no verão em torno das quatro horas da tarde), e o *prolonga* se torna o cenário preponderante: “Todo mundo vem pra cá, não tem outra coisa na cidade, é todo mundo aqui no domingo” (Josi – frequentadora do *prolonga*).

O lazer que denomino aqui de “s sofisticado” é um fenômeno relativamente recente na Avenida Getúlio Vargas. Dentre os empreendimentos que estão associados a este setor, destaco dois: *Chopp de Primeira* e *Asa Delta*⁵⁷. Estes estabelecimentos dão ênfase para o chamado *happy hour*, que atrai muitos frequentadores. Além disso, à noite, se transformam em “baladas”, funcionando até horas mais avançadas da madrugada. Mas as pessoas que frequentam estes lugares, geralmente também frequentam o *prolonga*, a maioria apenas

⁵⁶ É importante ressaltar que entre os entrevistados no prolongamento, todos eram trabalhadores (mas nem todos eram também estudantes).

⁵⁷ Os nomes usados são fictícios.

transitando pelo circuito, observando o movimento, ou seja, “dando voltinhas”, com o propósito de “observar e ser observado”, em uma atividade de *pré-balada*. Estes estabelecimentos, em seu conjunto, oferecem lazer para camadas sociais de maior poder aquisitivo, embora não exclusivamente.

A análise dos usos do espaço público da Avenida Getúlio Vargas apontou para uma diferenciação entre o lazer que se desenvolve na rua – tendo como expoente principal o *prolonga* – e o lazer nos estabelecimentos de lazer, localizados na parte central da avenida. Estas categorias diferenciadas de lazer (na rua e nos estabelecimentos privados) coexistem no contexto mais amplo do lazer noturno da cidade, e mantém relações entre si que podem ajudar a compreender as dinâmicas envolvidas no processo de fruição dos espaços públicos.

As práticas ligadas ao lazer privado estão inseridas numa rede de estabelecimentos ao longo da parte central da avenida (que se configuram em um circuito⁵⁸ composto de vários empreendimentos) dentre os quais optei por detalhar dois, que considero os mais pertinentes para evidenciar as características que o diferenciam do *lazer na rua*. As práticas realizadas nesta mancha se diferenciam das práticas realizadas no *prolonga*, mas principalmente se diferenciam os frequentadores desses espaços, pois ao contrário do *prolonga*, o público predominante destes lugares tem poder aquisitivo de médio a alto. Estes equipamentos fazem parte de uma tendência recente de surgimento de bares/boate na própria Avenida, sendo que há cerca de quatro atrás não havia este tipo de estabelecimento do trecho central da avenida.

No mapa dos trechos da Avenida (ver anexo II) pode-se identificar os estabelecimentos presentes nesta mancha central de lazer na avenida, com seus equipamentos específicos, identificando principalmente os dois que descreverei aqui, identificados com os números 1 e 2. Estes dois estabelecimentos atualmente são as “baladas da moda”, os lugares mais badalados e procurados na noite chapecoense, configurando-se em destinos preferenciais, e embora disputem o mesmo público alvo, conseguem tranquilamente coexistir, sem que algum seja prejudicado com a existência do outro. Esses lugares atraem principalmente jovens, tendo programações variadas, dias específicos para determinados

⁵⁸ A noção de *circuito* envolve o exercício de uma prática ou oferta de serviços através de equipamentos, estabelecimentos e espaços que não mantém relação de contiguidade, por é reconhecido pelos seus usuários em seu conjunto: “A noção de *circuito* também designa um uso do espaço e de equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos –, porém de forma mais independente com relação ao espaço, sem se ater à contiguidade, como ocorre na *mancha* ou no *pedaço* (Magnani, 2007, p. 21). Em uma mancha de lazer as “atividades que oferece e as práticas que propicia são o resultado de uma multiplicidade de relações entre seus equipamentos, edificações e vias de acesso – o que garante uma maior continuidade, transformando-a, assim, em ponto de referência, físico, visível e público para um número mais amplo de usuários” (Magnani, 2000, p. 42-43).

ritmos (como exemplo a “quintaneja”⁵⁹ no *Chopp de Primeira* e a “sextaneja” no *Asa Delta*⁶⁰, dia em que há apresentações do chamado sertanejo universitário), além de programação voltada para os jovens universitários, que quando alunos de determinada universidade pagam um valor mínimo de entrada. Este tipo de programação específica, presente em ambos os lugares, serve para atrair maior número de público ao mesmo tempo em que servem como uma “sutil seletividade”, deixando claro uma preferência das casas noturnas por pessoas de certas camadas sociais, seja através dessas políticas de incentivo ao acesso de públicos específicos (estudantes universitários, por exemplo), seja pelo valor da entrada (que limita o acesso de jovens com menor poder aquisitivo).

No entanto, não há uma clara distinção entre quem frequenta estas boates situadas na parte central da avenida e quem frequenta o outro trecho da avenida: o *prolonga*. De fato, eu conheci muitas pessoas que circulam entre estes lugares, inserindo-se em ambos com total eficácia, dependendo a escolha entre um e outro: a condição financeira imediata, escolhas pessoais, presença ou não de amigos. Ainda, as pessoas circulam entre um lugar e outro, e mesmo nos dias que a programação pessoal é alguma balada específica, se sai de casa mais cedo para uma atividade que eu denominei de *pré-balada*, quando as pessoas vão para o *prolonga* dar uma voltinha, ou “fazer um esquentar” antes de ir para a balada efetivamente. Este momento anterior à “noitada” pode promover encontros inusitados que podem até mesmo culminar com novas companhias para a balada. O “esquentar” serve também para beber antes da balada e entrar “mais animado” na festa – este método também serve para economizar, pois as bebidas dentro das casas noturnas são muito mais caras que aquelas consumidas na rua ou nos postos de gasolina.

Se torna imprescindível descrever mais detalhadamente o contexto no qual se inserem estes estabelecimentos, pois pode contribuir para uma melhor compreensão do fenômeno da sociabilidade urbana no espaço público da avenida. De certa forma estes dois estabelecimentos participam dos dois cenários de lazer aqui descritos, em que separo a parte central da avenida como local em que se desenvolve um lazer mais específico e concentrado – o lazer de final de tarde e início da noite; e outro mais amplo e que se estende até o *prolonga* – o lazer noturno. Pois tanto acolhem aqueles que preferem desfrutar do lazer na avenida em sua porção central, descrita no item anterior, acolhendo as pessoas em final de expediente (com o *happy hour*), e quando o movimento da parte central da avenida acaba, os mesmos

⁵⁹ A expressão “quintaneja” representa uma relação entre música sertaneja e o dia da semana em que o evento acontece: quinta-feira. De forma semelhante se define a “sextaneja” da outra casa noturna.

⁶⁰ Os nomes dos estabelecimentos são fictícios.

estabelecimento se tornam “baladas” propriamente ditas, inserindo-se com destaque no cenário noturno da cidade. Este trânsito entre um cenário e outro (lazer de final de tarde e lazer noturno), impõe uma característica específica a estes dois estabelecimentos.

A partir de observações dos espaços exteriores, pesquisa na internet e frequência às baladas das duas casas noturnas, foi possível identificar alguns elementos para a sua análise. O primeiro estabelecimento a ser descrito é o *Asa Delta*, localizado na parte central da avenida. A casa tem como lema de publicidade a frase: “Voe na noite...na primeira classe”. Estes e outros elementos apontam para um apelo do estabelecimento para atrair clientes específicos, oferecendo ambiente agradável e requinte para quem aprecia um lazer mais “sofisticado”, assim, no próprio *site* da casa noturna aparece uma definição do seu público alvo: “buscamos atender um público exigente e de bom gosto”.

Como já foi explicitado, o *Asa Delta* insere-se no circuito de lazer da cidade de duas maneiras diferentes, atingindo também públicos diferentes. Por um lado, aproveitando-se de seu posicionamento centralizado, promove o chamado *happy hour* de terça a domingo, que inicia a partir das 18h (se estendendo até a meia-noite, quando os clientes se misturam com aqueles que vem curtir a noite na boate). Assim é descrito o momento de lazer de final de tarde oferecido no estabelecimento: “o melhor *happy hour* da cidade no deck de frente para a avenida, na área mais central da Getúlio. Chopp, petiscos e as pessoas mais bonitas da cidade se encontram lá”. Neste sentido, se pode perceber que a localização da casa é estratégica e permite o acesso visual com a avenida. As festas noturnas deste estabelecimento contam com a variedade de espaços, como o Studio – com música eletrônica, o palco (com apresentações ao vivo), o bar e os camarotes. As festas variam o estilo musical, indo desde o rock até música sertaneja, trazendo shows e sediando festas especiais promovidas, por exemplo, por algum curso de graduação de alguma das faculdades da cidade. Também há outros tipos de promoções, como entrada franca para universitários da UnoChapecó (Universidade Comunitária Regional de Chapecó) em dias determinados, privilégios oriundos de convênio entre as casas e o DCE (diretório central de estudantes) da universidade.

A outra “balada” da moda que descreverei é o *Chopp de Primeira*, localizado mais ao sul da avenida. Possui características semelhantes ao *Asa Delta*, embora seu espaço físico seja menor. Desprovido de área externa, o *happy hour* acontece na calçada, onde são colocadas mesas e cadeiras. Este espaço externo é cercado com uma fita, e os atendentes circulam entre as mesas com certa dificuldade. Internamente o lugar também conta com palco,

bar e camarotes. São realizados shows quase todas as noites e há também música eletrônica. O apelo da casa para atrair um público seletivo também aparece no seu site que fala:

Por meio de uma combinação de um ambiente descontraído, climatizado, com uma bela decoração, a melhor carta de bebidas nacionais e importadas, cardápio montado para aqueles que procuram algo a mais, e músicas de qualidade superior. O Chopp de Primeira tem a combinação exata para uma noite incomparável. Você merece sempre o melhor!

Nos dias de maior movimento nas baladas noturnas (quinta, sexta e sábado) as filas se formam em frente aos estabelecimentos antes destes abrirem, criando momentos interessantes de interação “pré-balada”, tanto entre aqueles que estão na fila como entre estes e os que transitam pela rua. Algumas vezes, além da programação específica de cada casa, o movimento das filas pode ser predominante para a escolha de qual balada entrar. A fila é um momento propício para conhecer pessoas e estabelecer contatos, ter um papo que muitas vezes não é possível ter dentro da balada. No caso do *Asa Delta* este momento da fila também possibilita a interação entre quem está na fila e quem está no deque em frente à casa. Aqueles que ficam nos camarotes não precisam enfrentar fila, os “vip’s” passam ao lado e entram direto na casa. A este respeito, é preciso salientar que embora pessoas de camadas sociais diferentes frequentem o mesmo espaço, internamente, as casas criam separações físicas – os camarotes e áreas Vip’s – que criam uma segregação social interna, deixando em destaque aqueles que possuem maior poder aquisitivo – estes desfrutam privilégios de visibilidade dos shows (geralmente esses espaços ficam acima do nível do solo), de atendimento (com garçons e bares exclusivos), de acesso (sanitários, entrada e saída particulares), entre outros benefícios.

A partir deste esboço do cenário, é possível identificar uma complementaridade entre estes estabelecimentos (e outros que existem na região) e os usos do espaço público da avenida, no contexto do lazer noturno. Seja porque aqueles que frequentam estes lugares também frequentem o *prolonga*, percorrendo um “circuito” específico⁶¹, seja porque juntos participam das diferentes “baladas da avenida”. Alguns nas pistas de dança, sentados em mesas e servidos por garçons, outros no *prolonga*, dançando em volta de carros, ouvindo som, circulando pela rua e bebendo cerveja em lata – estão ambos participando de uma dinâmica de sociabilidades que aproxima e afasta os dois cenários simultaneamente. Por um lado aproximam-se por compartilham, pelo menos por instantes, o espaço público da Avenida –

⁶¹ Os circuitos possíveis são infinitos, mas para exemplificar apresento duas situações: 1) casa – avenida (prolongamento) – balada; ou 2) casa – avenida (prolongamento) – balada 1 – balada 2 – prolongamento; etc. Ou seja, as pessoas podem, não somente circular pelo prolongamento, como optar por este como lugar da balada.

espaço que em toda sua extensão, desde seu início ao sul até o final do prolongamento, possui, a princípio, possibilidades de acesso irrestrito. No entanto, por outro lado, se distanciam na medida em que estão relacionados a diferentes padrões de consumo. Foi possível perceber durante a pesquisa que cada uma das “baladas” é palco de sociabilidades baseadas em códigos específicos e não isentas de conflitos. Assim, mesmo que as “baladas da moda” estejam na avenida, são locais de acesso restrito (principalmente pelo valor da entrada que se paga).

Várias questões estão em jogo quando se decide frequentar determinada “balada”, algum dos estabelecimentos descritos ou o *prolonga*. Mas de maneira geral, a escolha pelo envolve elementos como: clima (termo genérico usado para definir a sensação compartilhada no lugar, como as pessoas expressam seus sentimentos – felicidade, excitação, desânimo, etc.); movimento (quantidade de pessoas que estão no lugar, intensidade e dinâmica de circulação); condições financeiras imediatas; presença ou ausência dos amigos, entre outros elementos acionados na escolha do lugar privilegiado para o encontro e o lazer. Mas mesmo para aqueles que frequentam assiduamente as casas noturnas citadas, “dar uma passada” pelo *prolonga* é uma prática imprescindível, sair de casa e ir direto para a fila da balada “não tem graça”, como ouvi em conversas informais. Até porque a “balada na rua” começa mais cedo e as festas dos estabelecimentos começam a partir das onze, ou ainda mais tarde. Nos domingos, como já foi dito, há uma convergência para o *prolonga*, e apesar desta característica de pré-balada, grande parte dos jovens faz deste o lugar reservado para o lazer.

Quando a “balada” é na rua: *prolonga* e final do prolongamento

Como já enfatizado, o *prolonga* é um trecho do prolongamento da Avenida Getúlio Vargas que é usado especialmente por jovens como um lugar de lazer e sociabilidade que congrega uma grande diversidade de usuários, que tem em comum sua a escolha como lugar de encontro e diversão (mesmo que transitório, ou seja, quando se dá “uma passadinha” antes de ir para um show, festa, baile ou balada) e se configura como espaço privilegiado para encontros, lazer, passeio e comemorações relacionadas às torcidas de futebol.

O *prolonga* é usado como lugar de encontro por jovens que seguidamente aí se encontram para beber, dançar, conversar, circular, ouvir música, etc. Também é destino para um *passeio* de carro: os chapecoenses em geral têm o hábito de “dar uma volta” pelo *prolonga* com o intuito de observar o movimento. É para o *prolonga* que se dirigem os torcedores a fim de comemorar alguma vitória de seu time.

Sobre este último aspecto é importante ressaltar que durante a pesquisa de campo, em várias ocasiões, foram presenciados estes momentos de comemoração. As atividades de lazer relacionadas ao futebol incluem também assistir aos jogos em bares (há pelo menos quatro principais) distribuídos em toda extensão da avenida (um no topo sul, dois na porção central, e outro no prolongamento), estes locais disponibilizam telões para os clientes acompanharem os jogos (sendo que há alguns bares que chegam a se identificar com determinados times), e em alguns casos chegam a trancar a rua em frente aos bares devido à quantidade de pessoas no local. No entanto, é após o jogo que se percebe claramente este caráter de lugar de comemoração que assume do *prolonga*. Após o jogo, os torcedores que tiveram seu time vitorioso festejam muito, os carros circulam com músicas do time do último volume, agitam bandeiras, acionam cornetas, beijam suas camisas, etc. No caso de vitória da Chapecoense (time da cidade) a festa é maior e generalizada, mas também há festa principalmente quando o time a vencer é Grêmio ou Internacional (times do estado vizinho Rio Grande do Sul que são preferência em toda a região). O *prolonga* está instituído na cidade como destino preferencial para exibir sua satisfação pela vitória de seu time: todos na cidade sabem que se querem comemorar a vitória, lá irão encontrar outros torcedores com quem poderão compartilhar estes momentos de felicidade.

O surgimento do *prolonga* e do *alpes*, especificamente nos lugares em que estão instituídos (com certo esvaziamento noturno e relativamente isolados de área residencial), demonstra que de uma maneira ou outra nestes espaços há um enfraquecimento do controle e das regras, supõe que sejam lugares mais propícios para as práticas “transgressoras” que realizam-se nestes espaços. Como já foi comentado, estes lugares se originam também a partir das medidas mais rigorosas de controle por parte da polícia na parte central da *avenida* onde havia o *bobódromo*. Estes cenários (*prolonga*, *alpes* e final do prolongamento) podem ser considerados *pontos de encontro*, lugares que por suas características apresentam uma possibilidade imensa de sociabilidades, promovendo encontros os mais diversos, configurando-se como espaço aberto à possibilidade.

A gênese do *prolonga* enquanto uma prática reconhecida socialmente está ligada a um processo que tem etapas bem marcadas: 1º surge o prolongamento enquanto continuação física da avenida; 2º determinado trecho do prolongamento é apropriado por jovens, que aí estabelecem práticas que criam o *prolonga*; 3º o *prolonga* é ressignificado e passa a ter conotações mais amplas, inclusive com os agentes da cidade, que reconhecem aí um lugar importante para variadas expressões, ou seja, que não somente os moradores da cidade em

geral passeiam por ali e dão uma olhada, como se *institucionaliza* o *prolongamento* como o local para que se divirta o torcedor, ou seja, uma prática comum a todos os chapecoenses de torcer para determinados times de futebol é exercida também neste cenário, ou seja, o *prolonga* é apropriado pelos “de fora”. Este reconhecimento envolve, por exemplo, uma ambientação por parte da prefeitura e do time local do *prolonga* para estas comemorações futebolísticas. Inclusive durante a pesquisa, foi presenciada toda uma preparação para uma festa que nunca chegou a acontecer (o time perdeu). Assim, o *prolonga* como lugar transgressor, é por outro lado, e ao mesmo tempo, transformado em *lugar* da sociedade chapecoense. De maneira que coexistem várias “faces” do *prolonga*. Sendo possível (e comum) que pessoas “de fora” – no sentido de que não se inserem na dinâmica do lugar, não compartilham das regras e práticas exercidas – circulem tranquilamente, pois o movimento constante – que cria a dinâmica de interações entre os que circulam e os que permanecem parados – se dá pela pista da direita, onde o trânsito é lento; a pista da esquerda fica disponível para um trânsito mais rápido e ultrapassagens; aqueles frequentadores esporádicos circulam por aí, se não quiserem se inserir na dinâmica de circulação própria do *prolonga*.

Há uma série de representações dos próprios usuários do *prolonga* e dos “outros” como transgressores, mas as práticas exercidas no *prolonga* são transgressões permitidas. Os usuários, ao mesmo tempo em que reconhecem que são vistos como transgressores, consideram sua prática uma expressão de lazer e divertimento, ou seja, não transgressora. Por último este mesmo *lugar* é escolhido para práticas que não são somente de um grupo específico (jovens), mas para um grupo mais amplo (torcedores).

O *prolonga* e a parte central da avenida, descrita no item anterior, guardam algumas distinções que devem ser explicitadas. A começar pela distância entre estes lugares (não desconsiderando a importância que tem o trecho de transição entre esses dois lugares), mas principalmente os usos desses espaços específicos, os classificam de maneiras diferentes na cidade. Eles coexistem e de certa maneira se complementam, tendo um papel articulador de sentidos para a Avenida como um todo. A especificidade do *prolonga* pode ser encontrada justamente nas suas semelhanças e diferenças com a parte central da *avenida*. Para diferenciar estes dois lugares, são acionados no discurso dos usuários termos de oposição como: em cima (*prolonga*)/ em baixo (avenida); movimento/ ausência de movimento (no período noturno); poucas lojas/ comércio intenso (período diurno), entre outros. Assim, o *prolonga* fica “em cima” e se caracteriza por ter comércio pouco significativo durante o dia, mas um intenso

movimento à noite. Como explicam: “a avenida geralmente é lá embaixo, onde tem as lojas” (Carol) ou “o *prolonga* só existe de noite e no domingo, nos outros dias não tem nada” (Josi).

O termo prolongamento é usado para identificar toda uma extensão da Avenida Getúlio Vargas para além da sua parte central. Como o nome indica, refere-se a uma parcela de continuação da rua. No entanto, quando se fala em “ir para o prolongamento” se sabe claramente de que trecho deste se está falando: é o *prolonga*, e envolve não somente um espaço físico, mas também determinadas práticas, que compreendem formas de estar e de agir neste trecho, atitudes e comportamentos que seguem padrões socialmente compartilhados: todos sabem o que vão fazer no *prolonga*, e sabem o que podem esperar do lugar.

A partir de observações e entrevistas, o *prolonga* foi definido como o trecho de maior movimento, compreendido numa extensão de cinco quadras delimitado por dois postos de gasolina: Posto Moreira e Posto Getúlio, em ambos os lados da avenida. Embora seja relativo onde começa e onde termina, pode-se dizer que a direção de início do *prolonga* é no sentido sul-norte. Neste trecho, além dos já citados postos de gasolina, há ainda outros empreendimentos: um bar e restaurante – o Big Bar – que à noite converte-se em uma “semi-balada”, com música ao vivo e pequeno espaço para dança. Embora possua um grande espaço fechado, é a área externa a mais procurada, um lugar aberto para a rua que vai até o limite com esta, permitindo às pessoas que ficam no bar, interagir facilmente com quem circula pela avenida; há também um restaurante, que a noite serve rodízio de pizzas e bebidas e uma sorveteria. Os demais estabelecimentos contribuem apenas com suas calçadas e fachadas que são plenamente ocupadas, pois não abrem à noite. Entre estes a maioria são garagens de carros semi-novos (doze somente neste trecho), as lojas ficam bem iluminadas, os carros à venda sempre muito bem arrumados e limpos, como aqueles que “desfilam” pela avenida.

Como já foi enfatizado, no horário comercial o prolongamento tem um movimento mínimo de pessoas, prevalecendo atividades de comércio e prestação de serviço. Locais como restaurantes, lanchonetes e pizzarias têm seu auge de movimento às noites, sendo que alguns abrem somente neste período. É importante lembrar que estes estabelecimentos aí se instalaram posteriormente à consolidação do *prolonga* como um espaço de lazer, sendo assim, são elementos complementares, que embora contribuam para aumentar o movimento do lugar, não são imprescindíveis para sua continuidade. Já os postos de combustíveis são anteriores, e de alguma maneira, foram preponderantes para a escolha daquele como um dos “pontos de agito” da avenida, pois além de se converterem em importantes espaços de encontro e fornecimentos do combustível para dar as “voltinhas” pelo *prolonga*, dispõe também de uma

série de artigos e bebidas em suas lojas de conveniência; além de que seus banheiros são amplamente usados pelos frequentadores do *prolonga*. Os postos, mas principalmente o posto Moreira, se configura, neste contexto como um lugar central.

Embora o *prolonga* em si independe de estabelecimentos, tanto os postos como os bares servem como suporte e estão inseridos na própria dinâmica do lugar, na medida em que são espaços para consumo e satisfação de necessidades (banheiro), são apropriados e ressignificados em lugares de encontro e sociabilidade. De tal maneira estes estabelecimentos têm importância no contexto, que a partir do fechamento do posto (sempre entre onze horas e meia noite) há um visível esvaziamento do *prolonga*: quando as luzes do posto Moreira se apagam diminui a luminosidade, o brilho e o movimento de carros na avenida, algumas pessoas vão para casa e outras vão para o final do prolongamento, onde a festa continua por mais um tempo (no sábado). A polícia também contribui, em algumas situações, com o esvaziamento precoce do *prolonga*, como quando resolvem realizar blitz.

A dinâmica temporal do *prolonga* segue princípios que o ligam ao tempo do ócio ou tempo do lazer (em contraponto com o tempo de trabalho), a intensidade de movimento está diretamente ligada à aproximação ou distância do final de semana (tempo de descanso por excelência). Assim, os dias de maior movimento são sexta, sábado e domingo, sendo que os dois primeiros seguem uma dinâmica de horários parecida: se inicia em torno das nove e se estende até onze horas, meia noite (e segue até mais tarde no final do prolongamento), no domingo já a partir das quatro ou cinco horas da tarde o movimento começa a aumentar, tendo seu ápice entre oito e nove horas da noite. É preciso lembrar que no domingo o movimento se concentra apenas no *prolonga*. A partir disso, é preciso considerar que, em parte esta dinâmica depende de relações com o trabalho (sendo que o sábado, principalmente, seria o dia ideal para sair, pois o dia seguinte é de folga para a maioria), no domingo o movimento não vai até muito tarde, pois o dia seguinte é dia de trabalho.

No *prolonga* aparece também com papel importante o comércio de rua, principalmente aqueles que circulam pelo lugar, oferecendo certa comodidade para as pessoas, que não precisam se locomover até um bar ou posto para comprar bebida (embora o ato de ir comprar bebida constitua-se também em um momento fundamental para estabelecer contatos e laços de sociabilidade, complementando o ato de “ver e ser visto”). Os vendedores ambulantes de bebida contam geralmente com algum veículo de locomoção (bicicletas, carrinhos-de-mão, etc.), nesses são acoplados caixas de isopor, às vezes seladas com fita adesiva. A bebida mais vendida é a cerveja em lata, mas eles vendem também água e

refrigerante. Além desses ambulantes de bebida, há os *traillers* que ficam estacionados ao longo do *prolonga*, estes vendem os famosos “capetas” (batidas que combinam leite condensado, frutas e bebidas destiladas) coquetéis, drinks e doses de bebidas (whisky, vinho, vodka, etc.). Estes carrinhos têm sua abertura voltada para a rua, e não para a calçada, pois o maior movimento é mesmo na rua. A iluminação é colorida e as bebidas e frutas ficam à mostra, como que para atrair a atenção dos clientes. Os carros que circulam pela avenida podem simplesmente parar ao lado desses *traillers* e pedir a bebida. Aconteceu de o comerciante solicitar que o cliente desse mais uma “voltinha”, enquanto prepara o drink, porque a polícia implica se os carros ficarem muito tempo parados ali. No entanto, a maioria das pessoas costuma levar sua própria bebida em caixas de isopor ou preparando misturas nas próprias garrafas de refrigerantes (bebida conhecida como cuba). Outros levam garrafas de whisky, vinho, ou em casos extremos, como foi observado, cerveja dentro de um balde e bebendo através de mangueiras.

Encontros e sociabilidades no *prolonga*

A busca pelo lazer proporcionado pelo *prolonga* envolve a sociabilidade e o encontro com o outro, características de uma relação que eu denomino como “ver e ser visto”. As relações que se estabelecem no *prolonga* seguem uma série de dinâmicas específicas como: maneiras de circular, circuitos ou trajetos percorridos, posturas corporais, comunicação, entre outros. Estas características refletem alguns códigos compartilhados entre os frequentadores, e informa sobre a sociabilidade que se estabelece entre os sujeitos.

O *prolonga* somente se transforma em *cenário* quando ocupado pelas centenas de pessoas que o frequentam todos os finais de semana (embora seja possível observar aglomerações menos significativas nos outros dias da semana, quando amigos se reúnem para ouvir música, conversar e beber). Falar no *prolonga* remete aos usos específicos do espaço público da avenida, onde principalmente jovens, vivenciam a experiência do encontro e do lazer na cidade. Por se tratar de uma rua, o maior movimento é mesmo de carros, que circulam pelo lugar continuamente – sendo que, enquanto há pessoas no *prolonga*, há circulação de carros, não necessariamente sempre os mesmos (embora haja uma circulação repetitiva, como será visto adiante). Ao olhar de longe o *prolonga*, os corpos preponderantes no cenário são os carros, no entanto, um olhar mais de perto revela outros: as pessoas – na

maioria dos casos são sujeitos mais significativos. As pessoas ficam dentro dos carros, próximos, ao lado, na frente, ou sobre estes; e pode-se dizer que os veículos, neste cenário, cumprem um papel importante nas sociabilidades.

Os carros parados ficam estacionados na rua e nas calçadas (quando possível). Na rua o posicionamento é em fila, já no posto e nas calçadas (principalmente em frente às garagens) os carros ficam estacionados transversalmente, com o porta-malas virado para a rua. Estes lugares são bastante cobiçados, e os primeiros a serem ocupados, devido ao conforto que proporcionam, pois se pode ficar sentado no porta-malas do veículo e apreciar o movimento da avenida. Além disso, este posicionamento faz com que o som do carro seja mais bem desfrutado pelo proprietário do veículo e quem o estiver acompanhando, e melhor exibido para os que transitam pela rua.

As músicas que mais se ouvem no *prolonga* podem ser agrupadas na categoria “batidão”, incluindo todas aquelas músicas com ritmo bem marcado com batidas eletrônicas, normalmente músicas remixadas (ou seja, transformadas através da colagem, transposição de ritmos, misturas musicais, que fazem os Dj’s). Faz muito sucesso os chamados “remix de músicas” que estão na moda (desde sertanejas até músicas de axé), sendo que a maioria dessas músicas são produzidas pelo DJ Rodrigo Campos, muito conhecido no ramo do som automotivo por criar músicas que viram sucesso. Há claramente um setor específico de produção e distribuição das músicas para som automotivo, que revelam uma *rede* de trocas ampla, organizada via internet com possibilidades de conexões a nível até mesmo global. Essas músicas não são comercializadas, são disponibilizadas para download gratuito na internet, mas os direitos autorais do Dj são garantidos através da inserção de frases de efeito nas músicas, que divulgam o nome do Dj ou mesmo o site onde se podem encontrar as suas músicas. Embora haja uma incrível confluência de sons no *prolonga*, podem ser identificados padrões musicais, além de uma repetição de músicas da moda (que entram nos topos das paradas do *prolonga*), que seguem determinadas tendências mais gerais (que aparecem na televisão e nos rádios), mas assumem formas próprias neste contexto: são remixadas.

As posturas indicam facilmente quem é o proprietário do veículo, mesmo que haja muitas pessoas em torno de um carro, um olhar mais detalhado pode identificar o seu proprietário. Seja pela forma com que se “encosta” no carro, seja por portar em suas mãos um pequeno instrumento indicativo: o controle do som do carro. É fundamental ficar com o controle nas mãos para poder controlar tanto o repertório musical, como o volume do som, que é baixado sempre que a polícia passa por perto. A vigilância é fundamental para evitar

receber multas, assim o proprietário e pessoas próximas (namoradas, por exemplo) ficam atentos à presença de viaturas. Estas posturas fazem com que se criem “ondas” de sons: por onde a viatura passa o som abaixa, atrás dela, depois de um tempo breve, o som volta a subir. Em torno dos carros, de acordo com afinidades, se formam grupos de pessoas que se juntam para compartilhar os momentos de lazer. Neste contexto, os proprietários dos carros têm um papel preponderante, principalmente por serem os responsáveis pela música.

As motocicletas normalmente ficam estacionadas próximas, umas aos lados das outras. A maioria permanece sob as motos, sozinhos ou em casais, sentados de frente para a avenida, observando o movimento e conversando entre si. Ficam sem os capacetes, que ficam pendurados nos espelhos (ou no chão servindo como bancos para outras pessoas). Estes agrupamentos de motociclistas se explicam em parte pelas *equipes* existentes (que serão mais bem descritas adiante).

Os carros ficam muito próximos uns aos outros, e devido ao fato de que muitos deles contam com um som automotivo potente, ao transitar pelo *prolonga*, a cada metro rodado se ouve uma música diferente. Sem contar com os próprios carros que circulam com som muito alto também. Todos concordam que para “estar” no *prolonga*, é imprescindível ter um carro com som, ou conhecer alguém que tenha. Ficar “sugando” o som dos outros não é visto com bons olhos. Minha experiência pessoal mostrou que a sensação é de alívio quando se tem uma música alta por perto, que encobre a “confusão de sons” e faz com que o cenário fique mais agradável, mas normalmente é preciso certa concentração para ouvir somente a própria música, mas não é incomum pessoas lado a lado cantando ou dançando músicas diferentes. Além disso, pude observar uma dinâmica interessante de “disputa de som”. Os carros que transitam pela avenida, passam muito perto dos carros estacionados, e quando estes “cobrem” o som dos carros parados, mostra a potência do seu som, mostra que tem um som melhor. Em algumas situações como essa, os donos dos carros parados podem aumentar o seu som para “encobrir” o “intruso”, como afirma Maike, sobre ir para o *prolonga*:

É massa porque se encontra com os amigos, escuta música, toma uma cervejinha (...) também tem a *competitividade* de quem tem o melhor som. Quando alguém aumenta o som mais alto o outro já vai lá e aumenta também mais alto, essas coisas. Passa um carro ali mexido todo mundo fica olhando (Maike).

Outros não ligam e consideram uma falta de respeito circular com som tão alto. Essas disputas são estratégias comuns para verificar quem tem o melhor som, ou o mais potente. Este tipo de batalha é conhecido como “racha de som”, e embora haja eventos específicos

para esta atividade, no *prolonga* acontecem maneiras mais informais de disputa, como aquela descrita acima. Quando algum carro está com o som preponderante no cenário, é comum os outros baixarem ou até mesmo desligarem o seu som, evitando gastar sua bateria em vão, já que não é possível ouvir sua música.

Mas no *prolonga* prevaleça a “exibição” e não a disputa. Os proprietários comentam sobre seu veículo e seu som, os mostram para algum amigo ou conhecido interessado; ou mesmo o fato de estarem estacionados ou circulando com seus carros, é uma maneira de exibição para os outros transeuntes desconhecidos, que observam e analisam tanto o som quanto o próprio carro (aqueles que não possuem carros com som, não fazem questão de estacionar na própria Avenida, e podem deixar em locais mais afastados, em ruas paralelas).

Esta exibição do carro faz parte da “cultura do automóvel”, procurando enfatizar a palavra cultura também no sentido de “cultuar” – processo de transformação e embelezamento do veículo, que envolve sua transformação estética e mecânica, além da incorporação de sofisticados equipamentos de som, que transformam o carro em um potente emissor sonoro. Mas toda esta transformação tem sentido se puder ser compartilhada com outros amadores de carros, exibida publicamente, numa forma de obter reconhecimento social por todo investimento financeiro e de tempo na transformação do carro. Um dos cenários mais propícios a esta exibição é o *prolonga*, local em que os automóveis têm papel importante e compõe juntamente com os sujeitos corpos esculpidos para impressionar, para atrair atenção e causar admiração e reconhecimento. O *prolonga* é de certa forma o palco de um espetáculo que tem um longo processo que o antecede, que vai desde a colocação de rodas (ouvi relatos de pessoas que trocam as rodas especificamente para exibição do veículo no *prolonga*) ou mesmo a limpeza, polimento do carro (também é feito o “pretinho nos pneus”, que os deixa brilhantes e com aparência bonita). A preocupação estética que os sujeitos demonstram com seus carros seguem padrões compartilhados de beleza: carros rebaixados, com rodas de aro maior, películas escuras ou espelhadas, motores turbinados, escapamentos esportivos, entre outros elementos que compõe um visual chamado de carros *tunning* ou transformados⁶². Este tipo de transformação não é permitido pela legislação, pois pode prejudicar o desempenho do veículo, e pode culminar com multas e apreensão do veículo. Por este e outros motivos, são poucos os carros que levam ao extremo estes padrões e realizam todas essas transformações.

⁶² Versão em português da palavra *tunning*, do inglês *to tune* que “significa *sintonização, harmonização* e é usada para indicar que o carro está ‘afinado’ com seu proprietário, portanto, foi personalizado” (Borges e Azevedo, 2007, p. 104).

Alguns utilizam apenas alguns elementos, como rodas e películas, compondo um visual transformado, mas sem exageros, que é muito comum de ser visto circulando pela avenida.

Estas transformações podem ser vistas como estratégias para destacar-se do “comum”, assim como as roupas são instrumentos de reconhecimento social em alguns cenários (como a balada), no *prolonga* ter um carro bonito possibilita ao seu proprietário ser notado e admirado. Como comentou comigo um jovem: “Não adianta só ser bonito e se vestir bem, ter um carro faz toda diferença”, e essa diferença aparece principalmente quando está em jogo é a conquista. Alguns adotam estratégias extremas para “aparecer” e chamar atenção – performances adotadas para destacar-se no espetáculo de circulação, quando aceleram repentinamente ou “queimam os pneus”⁶³. Além disso, algumas vezes presenciei carros do tipo pick-up circulando com pessoas em cima, em pé e dançando (este tipo de carro normalmente conta com um som muito potente). Este tipo de *performance* chama muita atenção, e quem adota essas posturas sabe que está se colocando em uma posição de absoluto destaque no cenário do *prolonga*, e que será notado por muitas pessoas. Em outros casos, pessoas dançam em cima do capô do carro, desta vez estacionado (em conversa com Maike, um jovem do grupo que segundo ele inventou este tipo de prática, fiquei sabendo que tudo começou no carnaval em uma cidade próxima, o carro já estava amassado então o dono do carro foi o primeiro a subir no capô. A atividade passou a ser repetida no *prolonga*, e hoje em dia o capô está praticamente destruído. Depois passaram a subir também no teto. Embora eles tenham sido os criadores desta *performance*, atualmente são muitos os que “imitam” e também estão fazendo isso. Outra coisa que eles inventaram e vem sendo imitada, é invadir a pista pulando e dançando e impedir o trânsito por alguns minutos. Outras posturas excêntricas também são vistas, como danças mais exageradas muito próximo(a)s a rua (como meninos fazendo dancinhas sensuais sem camisa e meninas que dançam “até o chão” rebolando), ou mesmo, em caso mais extremo, um homem que simplesmente baixou as calças e deixou o bumbum a mostra em plena rua, para espanto e diversão geral. Estas atitudes mais “exageradas” são mais comumente observadas no final do prolongamento.

A maioria das pessoas com quem conversei reprovam este tipo de atitude, e justificam que existem outras maneiras de “aparecer”, como por exemplo, ter um carro bonito, bem arrumado e limpo. Um carro “bonito” é aquele que possui rodas de aro maior

⁶³ Essas performances são realizadas principalmente por carros “turbinados” que emitem um som característico e chama bastante a atenção. Outras vezes os carros praticam a “fritagem de pneus”, quando o carro fica parado no lugar “queimando o pneu”, que gira no lugar e faz muita fumaça. Este tipo de manobra é aplaudido pelas pessoas que assistem e consiste em mais uma das estratégias usadas para destacar-se, para “aparecer”, evidenciando entre outras coisas, o seu posicionamento social privilegiado (não é qualquer um que pode ficar gastando pneus à toa).

(personalizadas ou cromadas – chegando, em alguns casos, a custar até metade do preço do veículo que as possui), película escura nos vidros, “saias” laterais e *spoilers* traseiros e dianteiros (peças colocadas na parte inferior da lataria dos carros), e altura mais baixa que o normal (característica que pode ser obtida com a substituição das suspensões originais por outras de ar ou de rosca, ou simplesmente cortando algumas voltas das molas da suspensão – o nível de rebaixamento do carro é medido pela distância do pneu e a lataria). Além disso, durante a pesquisa foi possível identificar outros itens automotivos que servem para embelezar os veículos, como a substituição das maçanetas originais por maçanetas cromadas, item que parece estar na “moda”, pois muitos carros fazem essa modificação, e em alguns casos inclui também espelhos retrovisores cromados.

Além desses itens, os carros estão, geralmente, muito limpos, brilhosos e com “prezinho nos pneus”. Algumas pessoas relataram passar toda tarde de sábado limpando o carro e lustrando com cera. Os carros são importantes no estabelecimento de relações, e servem para dar visibilidade aos sujeitos, sendo que a primeira impressão que os outros fazem de quem circula pelo *prolonga*, em muitos casos, se baseia no veículo que ele dirige. Além dessas características estéticas, muitos carros utilizam adesivos para personalizar ainda mais o veículo. Estes podem aludir a times de futebol, conter frases reflexivas, ou imagens que dizem da personalidade de cada um – como a imagem do “coelhinho da playboy” (revista masculina), Betty Bop e Penélope Charmosa (personagens), mulheres nuas, estrelas, nomes de cursos de graduação, etc. – adesivos que divulgam algum evento festivo da cidade (que podem cobrir todo o vidro traseiro do carro), ou adesivos que identificam a pessoa com determinada *equipe* (no caso destas, alguns dos membros usam também uma espécie de uniforme, camisetas e/ou jaquetas personalizadas).

Essas *equipes* são grupos que tem como fator determinante laços de amizade e gostos comuns. Essas são formadas preferencialmente por pessoas que possuem veículos (carros ou motos) e fazem parte de um mesmo círculo de sociabilidade, compartilham os mesmos espaços. Estas equipes podem participar de campeonatos de som ou rchas, mas não necessariamente. Parece possível afirmar que originalmente as equipes surgiram com esta finalidade, agrupando pessoas com interesse comum em relação aos carros (seu embelezamento, equipamento e transformação, a fim de competir com outros carros em eventos feitos especificamente para este fim). As equipes surgem a partir de laços de amizades: “São amigos que se reúnem, fazem a camiseta, fazem festas juntos, faz uma janta

reúne a equipe inteira. É uma amizade da festa do prolongamento” (Maike). Em entrevista, Rafael, ressaltou algumas características de uma destas *equipes*:

Os piá do Bairro Silva são em cento e cinquenta numa equipe, e quando saem, saem todos juntos. Os mais velhos tem carro, mas tem uns piázinhos que fizeram agora dezoito anos que tem tudo moto (*é uma equipe de som?*) é uma equipe, mas são mais gang, são mais violento, eles só saem pra brigar na verdade, falando a real eles só saem pra brigar (Rafael, *o nome do bairro foi alterado*).

Esta *equipe* não tem o *prolonga* como ponto principal de encontro, não sendo comum encontrá-los todos juntos por lá. Atitudes deste tipo são criticadas por alguns que conversei, mas afirmam que a inserção nestes grupos pode significar também o estabelecimento de uma rede que garante proteção: “Eu tenho amizade com os piá do grupo ali porque lá no bairro é um meio de defesa né, tem os piá da vila que esses tempos atrás queriam me pegar, então eles me defenderam. Então foi mais um negócio de proteção, ainda mais que eu era novo lá no bairro, entende” (Rafael).

Atualmente este tipo de organização se tornou mais comum, com o surgimento de equipes mais diversas, de bairros específicos da cidade, e agregam também motociclistas, que podem ou não participar efetivamente de campeonatos e organizam eventos relacionados “cultura do automóvel”. Em comum os membros partilham de mesmo gosto estético, atribuindo características comuns aos veículos (principalmente adesivos), que os tornam facilmente identificáveis no cenário do *prolonga*. Este tipo de evento, propósito para o qual surgem as equipes originalmente, é bastante comum na região, alguns deles são organizados por alguma equipe experiente, e atraem muitas pessoas que gostam de som automotivo, carros modificados e festa. O que se faz nesses eventos, em muitos aspectos se aproxima das práticas realizadas no *prolonga*. Nesses casos os encontros são realizados em fazendas ou campo de futebol, o lugar é cercado e cobra-se ingresso de entrada.

A circulação pela avenida é feita em ritmo lento e na pista da direita, permitindo para quem transita observar quem está parado, e quem está parado observar quem está transitando. Esta troca de olhares faz parte da dinâmica de sociabilidades que aparecem neste contexto. Mas os contatos não se realizam apenas assim, algumas vezes duas pessoas que se conhecem se encontram transitando de carro e ficam lado a lado andando muito devagar na via e conversando.

Há claramente um circuito de circulação pelo *prolonga*. Este circuito é feito de carro e segue um roteiro de trajeto e de posturas, que fazem parte da dinâmica de usos daquele

espaço especificamente. O trajeto é circular – criando um circuito de vai e vem pela Getúlio – e em alguns casos é repetido por diversas vezes, fazendo a transição entre um *ponto de agito* e outro. Alguns ficam “dando voltinhas” até encontrar algum conhecido para ficar próximo, ou então encontrar alguma vaga para estacionar, mas em alguns casos, o passeio pelo *prolonga* pode consistir apenas nessas voltas pelo circuito (quando as pessoas acabam nem saindo do carro). Os carros que participam dessa atividade de “dar voltinhas” permanecem em sua maioria na faixa da direita e andando devagar, e devido às filas criadas, o trânsito flui lento. Os carros permanecem com os vidros abaixados, alguns estendem um dos cotovelos para fora, os olhares voltam-se para as margens da rua, onde as pessoas estão paradas, também estas observando aqueles que passam – as pessoas paradas também fazem parte do “espetáculo”. No caso de o carro abrigar pessoas no banco de trás, estes ficam nos cantos no banco dianteiro, procurando também observar o movimento externo, ou no caso do carro ter quatro portas, os ocupantes traseiros portam-se de maneira semelhante ao descrito acima (também foram observados alguns carros que circulam com os vidros fechados e com película bastante escura, o que torna praticamente impossível identificar quem está dentro; nessas situações a sociabilidade deixa de existir, pois somente quem está no carro vê o lado de fora).

O circuito de circulação pode se restringir ao *prolonga* ao *prolonga*, o trecho compreendido entre os dois postos de gasolina. Nesta circulação contínua, alguns carros fazem o retorno ainda antes da esquina do outro posto, e retornam no sentido oposto, fazendo o retorno novamente em frente ao Posto Moreira, ou estacionando neste meio tempo (quando encontram algum conhecido ou resolvem dar uma parada). Mas o circuito pode tanto terminar no trecho das cinco quadras como se estender até o *final do prolongamento*. Nesses casos, o trecho entre um e outro lugar é percorrido de maneira bem diferente (este trecho é como um espaço de transição entre um lugar e outro). Ao percorrer este espaço de transição, a velocidade aumenta, os vidros sobem, e as pessoas não ficam mais olhando para fora. Estas atitudes permanecem até chegar ao final do prolongamento, onde o movimento volta a aparecer, e as posturas anteriormente descritas voltam a ser exercidas. O final do prolongamento é também o final da Avenida. Este circuito pode ser repetido muitas vezes, cheguei a ter relatos de pessoas que transitaram sem pausa por quase quatro horas.

O final do prolongamento é outro *fervo* (palavra usada para designar os lugares com muito movimento) pode ser caracterizado como uma extensão do *prolonga*, mas possui algumas especificidades que o diferenciam deste. Seu auge de movimento acontece no sábado à noite, nos outros dias, como domingo, praticamente não há nada no local (concentrando o

movimento no *prolonga*). As diferenças se devem, primeiramente, ao fato de que a região possui muito menos residências, assim o volume do som pode ser mais alto, não causando tantos problemas quanto a isso. Além disso, o estacionamento não é paralelo a via, como acontece no *prolonga*, mas diagonal, trazendo as vantagens anteriormente citadas de quando o porta-malas fica virado para a rua. O final do *prolonga* é menor em extensão, mas mais denso. Os carros ficam mais próximos uns aos outros e a concentração de pessoas é maior. Este trecho possui uma leve inclinação, sendo que no seu lado direito fica localizado um bar bastante frequentado, a Chopperia. Nesta região próxima ao bar não ficam muitos carros estacionados, começando o maior adensamento a partir da próxima esquina, no final da rua e no lado oposto da rua. Como no *prolonga*, em alguns casos o movimento se dispersa para as partes iniciais das ruas transversais. O som ambiente criado no final do prolongamento é mais alto, quase todos os carros possuem som. As pessoas se agrupam muito próximas aos porta-malas abertos com o aparato de som a mostra (alguns carros precisam de suporte para mantê-los abertos), que se transformam em mini-pistas de dança, pequenos territórios exclusivos, palcos para “aparecer” e ser notado por aqueles que circulam de carro pela rua. Se no *prolonga* as pessoas bebem mais discretamente, por assim dizer, deixando as caixas de cerveja no porta-malas ou mesmo comprando somente dos vendedores de rua, no final do prolongamento as garrafas ficam à mostra, pessoas circulam portando-as nas mãos, ou as deixando sobre os carros. As caixas ficam do lado de fora dos carros e podem servir de suporte para sentar ou dançar.

As maneiras com que as pessoas se portam no final do prolongamento, faz com que haja certa rejeição de algumas pessoas por frequentarem o espaço – e acaba havendo uma divisão social também neste espaço, sendo que há uma diferença clara entre os que frequentam o final do prolongamento aos sábados a noite, e aqueles que permanecem no *prolonga*: “Lá no posto ficam mais os bundão, só boy, e lá em cima no companhia fica mais a raça. E lá em cima os boy não vão” (Rafael). Em conversa com três jovens, estas diferenças ficaram bastante claras, mesmo eles ressaltando que “lá também, do lado do posto só fica os pior” (Maicon), parece claro que há uma distinção visível, perceptível principalmente pelos carros que ficam estacionados. O *final do prolongamento*, de certa forma, é um lugar mais “permissível”, a polícia “incomoda” menos. Também é preciso ressaltar que o *ferro* no final do *prolonga* continua até mais tarde, sendo que muitas pessoas que estavam no *prolonga*, a partir do seu esvaziamento (os postos fecham em torno da meia noite), se dirigem para o *final*, onde a festa ainda está quente:

Na verdade começa ali perto do posto, o fervo de noite, daí com o tempo vem a polícia e não pode ficar ali, aí o pessoal vai lá pra frente da [Chopperia] que lá pode, lá não é tão assim (...) Aí o pessoal vai indo. (Maicon).

Esse movimento até mais tarde indica que para muitas pessoas o espaço público se converte em “balada”, ao invés de ir para algum lugar privado se divertir e pagar por isso, as pessoas, pelos mais diversos motivos, preferem ficar no *prolonga*, exercendo uma variedade de formas de sociabilidade, que envolvem o encontro e a relação com o outro. Se há certa seletividade dos frequentadores do *final do prolongamento*, isto não é feito de maneira direta, até mesmo porque se trata de espaço público, é rua, e por isso mesmo, não há restrição de acesso, qualquer um pode circular pelos mais variados espaços. No entanto, as posturas dos chamados “boys” são diferentes, circulam geralmente com os vidros fechados, ostentando suas camionetes “envenenadas”, mas não interagindo abertamente com as outras pessoas:

Os classe alta até passam na avenida, mas passam com o vidro fechado, vão lá de curioso que são. Tem uns loco que passam aí nós fizemos umas brincadeiras assim né: olha o loco ta escolhendo quem vai pegar, passa uns camionetão assim. Fica curtindo todas as mulheres, pode ser o loco mais feio que tem, mas elas tremem as pernas pela camionete” (Rafael).

As posturas dos sujeitos nos contextos de sociabilidade na rua refletem maneiras socialmente aceitas de portar-se nesse espaço público compartilhado. Se ao transitar as pessoas se posicionam de maneira a observar e ser observado, prestando atenção em detalhes como a estética do carro e de si próprios, mantendo uma velocidade que permita o cruzamento de olhares e reconhecer as pessoas com que cruzam, aqueles que ficam parados também agem de maneira que possam ser vistos ao mesmo tempo em que se posicionam para observar o movimento da rua.

Esta sociabilidade de troca de olhares tem como um dos objetivos a *paquera*, formas de relacionamento descritas pelos sujeitos com expressões como: “sair à caça”, “catar mulher”, “paquerar”, entre outros. Este tipo de sociabilidade envolve maneiras específicas de relacionar-se, e engendra formas de “estar” na avenida. As posturas dos sujeitos comprometidos que vão ao *prolonga* são diferentes das posturas dos solteiros. Os casais permanecem, geralmente, próximos e demonstrando ao tempo todo que estão acompanhados. Estas demonstrações de carinho servem também para assinalar aos outros que o seu parceiro não está disponível para ser “caçado”. Já os solteiros assumem, na maioria, posturas que

indicam sua “disponibilidade” ao encontro, isto desde a maneira com que se vestem (principalmente as meninas) até a maneira com que se portam.

No geral todas as pessoas vão bem vestidas ao *prolonga*, mas em alguns casos destacam-se os decotes, saias e blusas curtas, entre outros modelos que valorizam (no sentido de deixar à mostra) o corpo feminino. As meninas ficam sentadas sobre a capota de camionetes, ou nos porta-malas dos carros, com as pernas cruzadas, encostadas nos carros, umas ao lado das outras, assumindo gestos que sutilmente indicam sua disponibilidade para o encontro com o outro. Os meninos, geralmente os responsáveis pela *abordagem* (forma como descrevem a aproximação objetivando a paquera), preferem, na maioria, circular de carro procurando possíveis “alvos” de paquera. É bastante incomum mulheres irem para o *prolonga* sozinhas, essas estão geralmente em grupinhos. Já homens sozinhos são comuns, não raro avistam-se rapazes sentados no capô de seus carros, tomando um copo de cerveja e observando o movimento. Mas os solitários são exceção, e mesmo quem vai sozinho para o *prolonga* procura encontrar alguém conhecido para ficar próximo.

A aproximação com o objetivo de paquera nem sempre se realiza efetivamente, e em alguns casos, pode ocorrer depois de trocas de olhares durante vários finais de semana (como me foi relatado durante a pesquisa de campo, quando uma menina comentou que embora seja difícil acontecer, uma vez “ficou” com um menino que conheceu no *prolonga*, mas somente depois de paquerar por várias vezes, e depois disso nunca mais o encontrou). A situação que normalmente se repete neste tipo de relação é uma abordagem por parte dos rapazes. Estes tomam a iniciativa na paquera, mas somente com um “sinal verde” das meninas. Por exemplo, numa situação observada, três meninas estavam encostadas em um carro estacionado (o proprietário do veículo estava em um bar próximo), por várias vezes carros pararam na rua para falar com elas, nessa ocasião alguma se aproximava mais a fim de conversar melhor, ou as três mesmo (pelo o que pude perceber os meninos que paravam eram conhecidos delas). Também se aproximaram meninos que estavam por perto, mas não tiveram muito sucesso. Um tempo depois parou um carro com um rapaz, conversou com uma das meninas por um tempo e aí as três entraram no carro e foram embora com ele (o pessoal que estava próximo comentou: “o que faz um carro novo!”).

As interações entre pessoas paradas e veículos não está baseada somente na paquera. Quando algum conhecido passa em um carro ou moto, as pessoas que estão paradas acenam e chamam a atenção do conhecido a fim de convidá-lo para ficar junto. Eu mesma tive esse tipo de experiência, quando marcava de encontrar com alguém no *prolonga* ou mesmo quando

cruzava com alguém conhecido que me chamava à atenção. Ou em outros casos, apenas cumprimentava alguém que encontrava no *prolonga*, sem mesmo sair do carro, velhos amigos e conhecidos com quem trocava rápidas palavras ou somente um abraço. Também permaneci muito tempo no *prolonga* em si, e pude criar meu próprio círculo de amizades, fui conhecendo pessoas que foram apresentadas por outras pessoas e assim pude estabelecer contatos mais duradouros.

O perfil dos frequentadores do *prolonga* é muito diversificado, variando características como idade e classe social. No entanto é possível identificar um perfil tipológico baseando-se em observações e entrevistas realizadas: são na maioria jovens (dentro de uma faixa etária flexível de 14 a 30 anos), trabalhadores e de classe média à baixa. Este grupo ilustra a maioria dos frequentadores, mas é possível identificar exceções, como as pessoas de classe média-alta que também circulam pelo *prolonga* no período que denominei de “pré-balada”, ou mesmo pessoas mais velhas e casais com filhos pequenos (até mesmo bebês) que também apreciam vivenciar a dinâmica do *prolonga*. A faixa socioeconômica foi deduzida levando em conta elementos como, por exemplo, os modelos de carros que circulam, roupas e calçados que as pessoas usam, bebidas que consomem, etc. A partir desses dados foi possível verificar algumas repetições de perfis, que apontam para um uso predominante do espaço por parte de pessoas de classes média a baixa, que encontram no *prolonga* um espaço no qual compartilhar com iguais momentos de festa e diversão.

O *prolonga* se constitui, dessa maneira, como uma alternativa de lazer com baixos custos, que permite aos jovens aproveitar o final de semana inteiro gastando pouco. Por se tratar de espaço público, permite sua fruição sem custos; pela oferta de bebida barata nos quiosques e vendedores de rua, assim como a possibilidade de levar sua própria bebida, torna muito mais barato o consumo dessas; por estar localizado centralmente, o *prolonga* não apresenta dificuldades de locomoção, mesmo para aqueles que usam o transporte público. Por uma variedade de motivos, o *prolonga* vem se constituindo como destino preferencial de lazer para muitas pessoas na cidade de Chapecó, que estabelecem práticas de sociabilidade que atribuem sentido aquele espaço e o constituem enquanto lugar.

Os dias de maior movimento são, sem dúvidas sexta, sábado e domingo (com ênfase nos dois últimos). Há pessoas que já fazem do *prolonga* destino certo em todos os finais de semana, como as meninas Carol e Josi que contaram que vão ao *prolonga* de sexta a domingo, sempre: “A gente sai pra dar uma volta porque ficar em casa no domingo ninguém merece”

(Josi). Os momentos de lazer no *prolonga* são apontados como alternativas que se opõe a ficar em casa, sem fazer nada:

A gente trabalha a semana inteira, não sai de casa a semana inteira, então no final de semana a gente quer ver um pouco de movimento (Carol).

Pelo menos a gente não fica o final de semana inteiro enterrado em casa e aqui conhece vários tipos de pessoas (Amanda).

A possibilidade de encontrar outras pessoas é apontada como uma característica importante do *prolonga*:

Se encontrar alguém conhecido, garotas, talvez a gente vá pra outro lugar, fazer alguma outra coisa (...) [a gente vai lá para] Dar risada, se divertir, ver os outros, olhar os caras andando de carro, só pra dar risada mesmo, tomar uma cervejinha, dar uma volta e voltar pra casa (Leonardo).

Tanto os meninos quanto meninas que conversei, apontam que não é comum encontrar alguém para “ficar” no *prolonga*, isto até pode acontecer, mas o foco principal não é este, encontrar alguém interessante, conhecer alguém no *prolonga* é consequência, depende das posturas adotadas, “não viemos disposta a isso, mas se acontecer, aconteceu” (Josi). Estes possíveis encontros são vistos também como uma questão de sorte, mas “é bem difícil acontecer. Geralmente a gente vai, fica um pouco e depois volta pra casa, porque normalmente não acha” (Maicon). Ter carro influencia diretamente na possibilidade de encontrar ou não alguém:

Tem as Maria gasolina que a gente diz, passa um carro com suspensão a ar, que faz barulho, só por estar rebaixado elas quase pulam dentro. Se ver o Sherek andando de carro ali elas pulam em cima, se ver o Brad Pitt a pé elas não dão nem bola. A pé não pega nada, amiga até tem, mas nada mais, com carro já muda a história, não sei porque. Que elas gostas, mas se for ver é bom né, porque se precisar sair, levar pra algum lugar se tem carro leva (Maike).

Como já ressaltai anteriormente, a atitude de aproximação geralmente parte dos meninos, que denominam esta prática como “fazer a abordagem”, maneira para descrever o ato de “chegar” na menina, lhe chamar a atenção. Ao comentar sobre este tipo de circunstância, contaram sobre um evento:

Esses dias a gente abordou um carro que tinha três mulheres, e elas pararam. E isso não é normal. A gente tava de carro e deu sinal de luz, encosta e tal, vamos conversar, e elas pararam... Daí a gente parou também. E isso não é normal acontecer” (Leonardo).

Eles contaram que conversaram com as meninas um tempo, mas não “rolou nada”, na hora da iniciativa ninguém se interessou mesmo. Ao comentar sobre motivações de ir para o *prolonga* e definir o que acontece lá são ressaltados aspectos relacionados à interação entre as pessoas, relação esta que em alguns casos é mediada pelos carros:

Lá o que acontece é aquele negócio da cultura do carro. Todo mundo passeando de carro, mostrando o que tem, e normalmente, não é todas, mas as mulheres dão mais valor pros caras que tem melhor carro e elas já conhecem carro do ano, carro não do ano, carro de marca (Leonardo).

Se por um lado, ter um carro bonito facilita o acesso às meninas, por outro são usadas estratégias complementares para tentar superar esta desvantagem:

(...) não temos carro, por isso que normalmente a gente não pega, entendeu? (...) nós ficamos andando, mas nós usamos outro dom que nós temos que é a conversa, não temos carro do ano, mas somos bem carismáticos (Rafael).

A frequência ao *prolonga* é ressaltada por alguns como falta de alternativa, porque não tem outro lugar pra ir, então as pessoas se encontram lá. De fato, as alternativas são restritas, mas existem: como as baladas e bares que indiquei. É certo que o *prolonga* é um lugar de lazer de baixos custos, mas possui especificidades. Há pessoas que gostam de fazer aquilo mesmo que fazem no *prolonga*, não gostam de dançar ou frequentar lugares fechados. Assim, afirmam que “na verdade não tem outro lugar pra ir em Chapecó que tu possa sentar e escutar um som e coisa sem se incomodar, é só aqui mesmo” (Josi). Além disso, ressalta-se sua condição de ponto de encontro (aquela característica de *pré-balada* que comentei): “Na verdade a gente vai porque não tem outro lugar, é o único lugar, se tu não vai num bailão, ou se tu vai, é um ponto de encontro do pessoal. Geralmente o pessoal se encontra lá depois vai pra festa” (Maicon). A especificidade do *prolonga* é apontada como algo que permanece, pois já faz parte do cotidiano das pessoas, elas se “acostumaram” a frequentar o lugar⁶⁴:

Mas é o que a gente tem pra fazer aí né, pra dar umas voltas e tal. Na verdade, eu acabo chegando à conclusão de ser a melhor coisa que os jovens tem pra fazer, em Chapecó mesmo se tiver o shopping, aquilo que nós fizemos lá, utilizando carro, não vai terminar, e vai sempre ter mais. O shopping é pra outro público, que hoje não ta saindo de casa praticamente (Leonardo).

⁶⁴ Por exemplo, os jovens que se casam e tem filhos, continuam indo ao prolongamento, levam seus filhos, e até mesmo crianças de dois três anos frequentam o lugar, e num caso observado, uma menina de três ou quatro anos, sentada sobre o capô do carro de seus pais, cantava animadamente uma música que tocava, demonstrando estar totalmente adaptada ao ambiente.

As pessoas vivenciam de maneiras diferenciadas o *prolonga*. Alguns frequentam o espaço todo o final de semana, domingo à tarde já estão no *prolonga* guardando lugar (alguns chegam a levar cadeiras e churrasqueiras para a rua), fazem destes momentos parte do seu cotidiano. É comum pessoas comentarem que há amigos que encontram somente lá, nem precisam ligar para combinar de se encontrarem porque sabem que “fulano” vai estar com certeza no *prolonga*. Mas esses deixam claro que sua opção não se baseia no lugar, mas sim nas práticas que lá se instauram: “Eu gosto de ver movimento, não que eu goste da avenida” (Rafael). Os atrativos apontados pelos entrevistados mais recorrentes são representados pelas palavras: pessoas, movimento, encontro, música. É significativa, neste sentido, a fala seguinte:

Também as pessoas de fora ouvem falar de Chapecó que é grande, então todo mundo fala bem, do movimento, que tem bastante gente e tal. Domingo o pessoal quer sair de casa e acaba indo pra Avenida se encontrar, seria um momento para sair de dentro de casa pra respirar um pouquinho diferente, e já olhar as gatinhas passando (...) a gente sai de casa pra procurar gente bonita, conhecer novos amigos, fazer amizades (Carlos).

Carlos não é da cidade, fato que evidencia outra característica do *prolonga*: um lugar de importância regional. É comum encontrar pessoas de outros municípios no *prolonga*, principalmente de cidades vizinhas. As pessoas que estão juntas no *prolonga*, geralmente já se conheciam anteriormente, e chegam juntos ou se encontram lá; em outros casos acontece de encontrar e conhecer pessoas no próprio *prolonga*.

Além destes, há aqueles frequentadores mais esporádicos, que vão ao lugar quando não tem alternativa (estão com pouco dinheiro, não tem nenhuma festa interessante, entre outros motivos). Nesses casos, suas falas são mais críticas, mesmo reconhecendo que vão ao lugar, costumam apontar suas características negativas: “Eu nem gosto muito de ir lá na verdade. Eu vou só porque não tem outro lugar mesmo, acho estranho. Dar umas voltas, e voltar pra casa. Eu não gosto, tu chega e fica parado ali, eu sei lá” (Maicon), ou como diz Leonardo: “Também porque não gasta muito dinheiro. Eu me dá agonia, eu não consigo estacionar o carro lá, ficar lá assim parado”, a alternativa para quem não gosta de ficar parado é circular, nesse meio tempo pode parar “encontrar alguém, algum amigo, aí pára pra conversar”. Esta circulação pode ser feita, inclusive, por um grupo de amigos, dois ou três carros circulando e negociando o melhor lugar para parar, ou decidir ir para outro local. Até mesmo aqueles que não gostam muito de ir ao *prolonga*, assumem que quando tem uma “galera”, um som, tudo fica mais agradável, pois “É um atrativo, ter um som e uma galerinha

junto” (Rafael), até mesmo porque “ficar sugando o som dos outros” é visto como atividade desagradável. Neste contexto a música é um elemento de lazer – ir para a avenida “ouvir um som” é um dos motivos que levam as pessoas para lá. Os carros, neste contexto, têm papel fundamental, pois são os carros, que com seus porta-malas abertos difundem uma variedade de sons pelo lugar. Além disso, o carro é um indicador de status social, classifica as pessoas, seleciona. Como já apontei, rapazes com carros melhores acabam chamando mais atenção das meninas.

Sobre conflitos e eventos violentos

A violência está presente em ambos os cenários (*prolonga*, estabelecimentos de lazer, final do prolongamento⁶⁵). No entanto, aparece como cenário violento preponderante na avenida o final do prolongamento, fato constatado tanto nas falas dos sujeitos como através dos eventos violentos que lá acontecem, especialmente brigas, algumas trágicas. Em uma ocasião, durante a pesquisa de campo, em um sábado à noite, fui para o *prolonga* acompanhada de amigos. Passamos pelo *prolonga* e depois fomos até o final do prolongamento. Lá o clima estava fervendo, muitas pessoas já aparentavam estar visivelmente bêbadas, muito movimento, muita gente, muito barulho. Todos concordaram que o “clima” estava mais agradável no *prolonga*. Voltamos e estacionamos quase em frente ao Posto Moreira. Um tempo depois passaram várias viaturas da polícia em alta velocidade, além de duas ambulâncias. Logo imaginamos que havia acontecido alguma coisa grave. De fato, no outro dia fiquei sabendo que um jovem foi assassinado depois de se envolver em uma briga. O garoto tinha dezessete anos e morava no meu bairro. No dia seguinte, no cortejo funerário que passou em frente de minha casa, havia muitos carros e motocicletas identificados com a *equipe* da qual ele fazia parte, usavam jaquetas e adesivos personalizados. Outro dia, dessa vez no domingo e no *prolonga*, três rapazes passaram no canteiro central em nossa frente correndo atrás de outro que fugia com um capacete nas mãos, um dos que corriam portava uma arma de corte. A polícia demorou muito tempo a aparecer, e quando chegou, a confusão

⁶⁵ Durante o tempo em que realizei a pesquisa aconteceram alguns fatos violentos marcantes. Entre estes um assassinato em frente a uma das casas noturnas citadas anteriormente, um acerto de contas que culminou com a morte de um segurança do local. Em outro caso, uma briga entre jovens que começou dentro de uma casa de shows (na região do final do prolongamento), terminou com o assassinato de um dos jovens, morto pelo pai do outro com um tiro. Outra morte aconteceu em um dia em que não havia policiamento na avenida (os policiais fizeram uma paralisação), neste dia a tragédia parecia anunciada, pessoas circulavam em alta velocidade, e até mesmo em cima dos carros. Um rapaz andava pelo final do prolongamento sem camisa e com uma arma na cintura, andava mostrando sua arma, sem pudor. Após uma confusão entre dois grupos, um dos meninos dói morto com um tiro na cabeça.

já tinha terminado. Neste dia, as viaturas (três ou quatro) circulavam pela avenida em comboio, mas o tempo que levam para percorrer do *prolonga* até o final do prolongamento é suficiente para acontecer muita confusão.

O ambiente que combina consumo de bebidas alcoólicas, encontros entre pessoas de vários locais (que podem possuir “rixas” anteriores), faz com que as confusões sejam quase inevitáveis. O policiamento não é eficaz nesses casos, e volta-se para outro tipo de fiscalização: realiza blitz, parando os carros irregulares (rebaixados, modificados, etc.), aplicando multas, apreendendo veículos, fazendo seus usuários arrancarem películas, etc.

Este pode ser considerado o principal conflito presente no *prolonga*, tendo como sujeitos atuantes os usuários e a polícia, que ultimamente vem intensificando suas ações, realizando blitz praticamente todo o final de semana (sexta, sábado e domingo), além de controlar o volume do som dos carros, fiscalizando e aplicando multas. As pessoas comentam sobre este fato com indignação, e afirmam que esta “pegação no pé” está expulsando o pessoal do *prolonga*:

Eu acho que a liberdade que cada cidadão tem, dentro daquele horário que é permitido pra ele curtir um som, ficar na avenida, acho que tem que ser respeitado. Assim quando é hora de parar é hora de parar, mas isso acaba amedrontando o pessoal e criando mostrando que eles [a PM] são ‘maiores’ ou ‘melhores’ que os outros (Cleiton).

Eles tão chegando e mandando parar, claro que se é exagerado também, acho que tem que ter um limite pra tudo, mas não precisa ser geral assim também não (Carlos).

As blitz são realizadas nos dois sentidos da rua, somente no *prolonga*. Para evitar cruzar com a blitz, as pessoas podem chegar no *prolonga* por acessos alternativos (pelo bairro Líder). Além disso, em casos de pessoas que não tem habilitação, podem pedir para alguém que tenha atravessar a blitz, evitando assim as multas. Quando não há alternativa, o carro é rebaixado ou os documentos estão atrasados, a única alternativa é esperar a blitz acabar, mas mesmo veículos estacionados podem ser abordados pelos policiais. No canteiro central é montado um veículo equipado para já imediatamente emitir a multa, é quase como uma delegacia ambulante, em que ficam oficiais, e para onde são dirigidos os motoristas que infringiram alguma lei para serem autuados.

A principal reclamação das pessoas é em relação ao caráter das fiscalizações, que visam exclusivamente punir irregularidades nos carros, atividade que eles consideram menos

importantes, sendo que, por exemplo, não utilizam o bafômetro⁶⁶ para diminuir a incidência da combinação: consumo de bebidas alcoólicas e direção. Da mesma forma, não inibem atividades ilícitas como a venda de drogas, que pode ser observada facilmente no *prolonga*, embora seja realizada de maneira disfarçada, por assim dizer: os consumidores circulam de carro, fazem um gesto discreto para os fornecedores que ficam normalmente com o carro estacionado; estes levam a droga até o veículo que circula pela rua, a entrega geralmente é feita por meninas, o que faz com que o ato pareça mais um cumprimento entre amigos como tantos outros. Mesmo que seja significativo, estas práticas não envolvem a maioria dos frequentadores do *prolonga*, sendo o consumo de álcool o mais comum.

Comentei anteriormente sobre a não eficiência da polícia em evitar os conflitos violentos. Sobre este assunto as pessoas contam situações em que os policiais se omitem e se posicionam diante das blitz:

Eu considero errado [as blitz], porque todo mundo vem pra cá se divertir de boa, e daí eles vem e começam a incomodar, pra acabar com o final de semana do pessoal, isso é errado. Acho que eles deviam pegar o pessoal que tá roubando que tá fazendo muitas outras coisas erradas né. Olha o que aconteceu domingo passado, a gente tava ali um pouquinho pra frente, tinha uma briga, os policiais ao invés de parar pra atender a briga foram multar um menino que tava parado com som ligado, isso é errado, muito errado (Josi)

Os casos de omissões diante de brigas foram muitas vezes relatados, e podem ser interpretados como evidências de que a presença policial no *prolonga* não visa garantir a segurança de seus usuários e evitar eventos violentos. As ações privilegiadas são aquelas votadas para o controle do volume do som, visando diminuir o barulho e proporcionar aos moradores da região maior tranquilidade. Sendo que a principal ação policial é controlar os mais barulhentos: “Eles chegam no grupo que tá fazendo muito barulho, blitz é mais difícil. O mais que eles vão é no grupo assim, aí pegam o som do carro, acabam com a festa lá” (Maike).

Há, no discurso, vários elementos para analisar este conflito com a polícia. Por um lado as pessoas admitem que a visão de fora (da sociedade em geral) é de que eles estão no lugar errado, que a rua não é lugar para beber e ouvir música. “Porque assim, todo mundo vê esse lugar aqui como um lugar errado, como pra fazer coisas erradas. Mas na verdade não, todo mundo vem por que não tem aonde ir, entende?” (Josi). A falta de alternativas na cidade, comentada na cidade, é novamente acionada como motivação da concentração de pessoas no

⁶⁶ Aparelho usado para medir através do hálito do sujeito a quantidade de álcool ingerida nas últimas horas.

prolonga. E além desta falta de opções, no lugar em que escolhem para encontrar-se, são coibidos pela presença da polícia que aplica multas e acaba criando conflitos.

Ou vai pra avenida do centro, mas lá a gente não pode escutar música, é uma coisa muito família, e tu acaba atrapalhando as famílias que tem lá. Então o pessoal vem pra cá, então é por isso que tem movimento aqui (Carol).

Como já comentei, há cerca de cinco ou seis anos o movimento ou *fervo* era na parte central da avenida, mas devido a protestos dos residentes próximos foi proibido ouvir som, o que culminou com a “migração” das práticas para o *prolonga*. Na época a região não tinha muitas residências, e havia certa permissividade para este tipo de prática. Atualmente, há uma constante fiscalização da polícia, que faz blitz praticamente todos os dias de maior movimento. Este fato causa indignação, primeiramente porque os sujeitos julgam não haver necessidade, e afirmam que estas atividades “estragam a festa”, “atrapalham”, “expulsam o pessoal”; e em segundo lugar porque a fiscalização não é feita de maneira igual para todos, há certa “seleção” de quem é parado na blitz, sendo os principais alvos as pessoas mais pobres (os carros mais velhos e mais simples e as motocicletas). De maneira que na blitz eles param principalmente: “O pessoal que tem pouco dinheiro, sabe assim que eles não vão se incomodar, pessoal que não tem contato com os superiores deles, que tem pouco dinheiro, que não tem muito conhecimento” (Carol).

Foram-me citados casos específicos de pessoas conhecidas que possuem carros transformados irregularmente, mas não são parados na blitz, por serem guardas de trânsito, filhos de policiais ou pessoas com maior poder aquisitivo. Também acontece que em dias de jogo de futebol não há blitz, o que pode indicar segundo informantes, o monopólio dos mais ricos da cidade que querem garantir a festa para os torcedores – isto acontece especialmente em dias de jogos da Chapecoense, time que tem relação com a elite e a administração municipal, culminando com a ausência de blitz. Nessas ocasiões, é preciso reiterar, se ampliam os usuários do *prolonga*, surgem os torcedores, que em tese, não pertencem a extratos sociais específicos.

Em minhas observações também constatei esta seleção durante as abordagens policiais. Na blitz carros sem modificações não são parados (mas eles poderiam conter irregularidades, como motorista sem habilitação, documentos atrasados ou mesmo se tratarem de veículos roubados). Carros mais novos, mesmo que possuam películas visivelmente mais escuras que o permitido, não são parados e passam pela barreira policial. Já carros mais simples e motos, são parados praticamente sem exceção.

No entanto, o movimento no *prolonga* não deixou de existir. Diminui significativamente em dias que tem blitz (devido a isto alguns se deslocam para cidades próximas, como Xaxim). Mas as pessoas já encontraram “macetes” para burlar a blitz, identificaram os locais em que geralmente ficam os bloqueios e se posicionam distantes, ou chegam mais cedo e saem mais tarde, se colocam em lugares fáceis de sair (próximo a cruzamentos, esquinas, etc.). Como disse uma jovem “temos que aprender a conviver com isso, não adianta reclamar, vai continuar igual” (Carol).

Todos os finais de semana centenas de pessoas se concentram na Avenida Getúlio Vargas em busca de lazer e diversão. Esta avenida oferece uma variedade de lugares e opções, desde sua parte central com comerciantes de rua, sorveterias e bares, até casas noturnas. Se formam vários os *pontos de agito* no cenário noturno da avenida, na rua aparecem “baladas”, no *prolonga* e no *final do prolongamento*, onde principalmente jovens desfrutam de momentos de lazer e encontro, criando um fenômeno reconhecido regionalmente e de importância para a cidade.

CAPÍTULO III

Sociabilidades e Lazer no Espaço Público Chapecoense

A Avenida Getúlio Vargas enquanto referencial simbólico possui significações de um espaço público amplamente usado pelos chapecoenses, mas como fora anteriormente demonstrado as pessoas não a *vivenciam* da mesma forma. As diferentes práticas identificadas em toda a sua extensão, desde formas costumeiras do uso do espaço público – como foi registrado no trecho central da avenida – até formas que podemos denominar *práticas emergentes* neste mesmo espaço público. Entre estas estão, por exemplo, as práticas que aparecem nos trechos adjetivados pelos seus usuários de *alpes*, *prolonga* e *final do prolongamento*, nominados respectivamente pelos chapecoenses em geral como *fim da avenida*, *prolongamento* e *final do prolongamento* (esta última denominação é idêntica para os dois tipos de usuários locais que poderíamos classificar de: *usuários das baladas* e *usuários comuns*). Estes lugares são frequentados majoritariamente por grupos de jovens, mas não exclusivamente, que se dedicam prioritariamente ao lazer. São trechos caracterizados e valorizados positivamente através da intensa movimentação de jovens que se reúnem em torno da prática consolidada do *ver* e *ser visto* na arena pública do divertimento. Mas estes trechos assumem sentido negativo para muitos chapecoenses que os consideram lugares de transgressão. Transformando-se assim em espaços tomados como ambíguos em relação ao seu valor social.

Para além das classificações e delimitações encontradas na Avenida Getúlio Vargas, o que queremos ressaltar é a importância da qual se reveste enquanto ícone do espaço público da cidade de Chapecó. Em termos analíticos, no capítulo anterior nossa intenção foi mostrar através da etnografia tanto a emergência de *lugares* – que criam descontinuidades na avenida, presentes nas práticas singulares de seus usuários – como também, neste capítulo, sugerir caminhos analíticos que permitam entender a importância que engloba essa avenida enquanto demarcação simbólica do que representa o espaço público para os chapecoenses.

Todas essas demarcações e classificações criam *lugares* na Avenida que a fragmentam, produzindo por sua vez, descontinuidades. Justamente por ser *cenário* de diferentes modos de sociabilidades, se constitui *o lugar público* dos chapecoenses por excelência. É o envolvente físico e simbólico das diferentes sociabilidades desenvolvidas em

seu seio – independentemente de que sejam no *centro* da avenida, no trecho do *prolonga*, do fim do *prolongamento* ou dos *alpes*. A partir disso pode-se afirmar que os *cenários* criados pelas diferentes sociabilidades presentes na Avenida, ao mesmo tempo em que a fragmentam, a *corporificam*. Ou seja, a avenida é o *lugar do público*: referencial de espaço urbano para os cidadãos de Chapecó, sendo possível considerá-la como *fator englobante* de todas as práticas de sociabilidade que se desenvolvem em seu seio. O que se constata é que embora presenciemos a existência de diferentes *cenários* na avenida que criam *lugares* de sociabilidades, estamos também na presença de uma hierarquização desses mesmos lugares onde a avenida na sua totalidade atua como espaço público, referencial da diferença representado neste estudo pelos seus trechos ou *pedaços* constituintes.

Assim, minha proposta, nesta segunda etapa da análise do espaço público chapecoense é através da descrição e interpretação, extrair regularidades ou discontinuidades, criar estratégias de significado (Geertz, 1988) de elementos urbanos que pertencem a diferentes zonas temporais e espaciais, ou *cenários*, que estão situados e englobados pela avenida, não somente espacialmente como também simbolicamente – pois esta os significa de maneira singular.

A Avenida enquanto referencial simbólico se converte em uma *paisagem urbana*, no sentido dado por Eckert (2008): “nasce da experiência temporal articulada ao movimento da sensibilidade”. A autora, ancorando-se teoricamente em Simmel, conceitua a paisagem urbana como uma pluralidade de relações, de formas socializadoras e de reciprocidade, através das quais os indivíduos atualizam os sentidos coletivos. Em última análise a paisagem urbana é produto do caráter temporal da experiência humana, através das formas de interações dos indivíduos em suas reflexividades e reciprocidades com o mundo, e onde podem interagir com os outros (Eckert, 2008).

Pensando nessa *paisagem* chapecoense e nesses *lugares* constitutivos e constituídos pelas práticas destacados no capítulo anterior, podem-se considerar os seus *sentidos de lugar* (Agier, 1998), significações relativas que distinguem certos espaços no conjunto de uma cidade. Agier (1998), a partir de pesquisa realizada em um bairro de Salvador, conclui que essas significações constituem “fontes das identidades”. E complementa que a referência aos nomes do *lugar* pode ser usada para analisar laços sociais de sentimento e apego ao *lugar*. Os distintos *lugares* identificados na avenida possuem delimitações entre si, denominações específicas que lhe atribuem sentidos e indicam formas de sociabilidade peculiares. O

prolonga não é apenas um *lugar*, possui *sentidos* que o distinguem de outros espaços da cidade, principalmente através das práticas presentes em seu interior.

Além disso, a parte central da avenida incorpora, desde seu surgimento, processos de relações hierárquicas de poder, como propõe Gupta e Ferguson (2000) a: “identidade de um lugar surge da interseção entre seu envolvimento específico em um sistema de espaços hierarquicamente organizados e sua construção cultural como comunidade ou localidade” (Gupta e Ferguson, 2000, p. 34). Como vimos, a consolidação desta parte central da cidade esteve envolvida em processos cujos protagonistas foram as elites políticas e sociais da cidade, que de uma forma ou outra, impuseram a esta parte central uma *identidade* distintiva como *lugar*, que embora tenha sido mantida ao longo dos anos, é constantemente (re)significada pelas práticas em seu interior.

1. Sociabilidades na Avenida: do “passeio” à “balada na rua”

A avenida tem uma característica concentradora, em uma cidade que permanece com um centro único que aglutina os chapecoenses em torno de um referencial espacial central – de tal maneira que se pode “ver Chapecó neste lugar”. Através da análise de cada um dos lugares identificados na avenida pudemos observar como os usuários se apropriam desses espaços da rua criando tanto marcas que os identificam como provocando conflitos e/ou negociações intra e extra fronteira dos *pedaços* criados. Pode se afirmar que existe um *ordenamento* móvel e/ou estável que evidencia como o espaço é usado e (re)significado ao longo da avenida, como foi relatado na etnografia, por exemplo, o uso das calçadas pelos estabelecimentos comerciais na área central da avenida que estendem seu direito de propriedade sobre o espaço público.

Conceber a avenida como *o espaço público* característico da cidade de Chapecó exige problematizar o entendimento deste último desde a antropologia urbana. Delgado (1999, 2007) o considera como um espaço inconsistente, instável e fluido, e com as características de ser ao mesmo tempo acessível a todos e estar sempre se estruturando.

O espaço público é um lugar que se faz e se desfaz, é terreno para uma cultura dinâmica e instável, elaborada e reelaborada constantemente pelas práticas e discursos de seus usuários (Delgado, 2007). No caso por nós analisado, o *prolonga* tem as características de um *cenário* provisório (no sentido de algo que se cria), construído pelos usos e práticas realizadas pelos sujeitos: a maneira com que posicionam seus carros, a forma como circulam, os

aparatos físicos que levam para criar condições de estadia (como cadeiras e bebidas), as posturas adotadas, etc., são elementos que constituem um *cenário* que da mesma forma que se faz se desfaz.

Embora tanto o trecho central da avenida como o *prolonga* possam ser entendidos como espaços públicos, neste último, o cenário criado se arma e se desarma; na área central não ocorre o mesmo fenômeno – ao menos não de forma tão explícita quanto no anterior. No trecho onde aparece o *prolonga* (e também nos trechos do *alpes* e final do prolongamento) não há equipamentos urbanos (como bancos e calçadas largas, como há na parte central) e os estabelecimentos (bares, lanchonetes e postos) servem como suporte material secundário para as práticas, sendo a própria rua palco preponderante no qual os sujeitos organizam suas práticas, que tem como suporte os próprios usuários, seus carros, posturas e os objetos que levam (cadeiras, bebidas, narguilê). No *prolonga* se cria um novo cenário que possui uma dinâmica específica de sociabilidades. Na área central da avenida as regras estão mais explícitas, é um ambiente que preexiste fisicamente, esperando ser vivenciado. Neste trecho os usuários têm um papel menos importante na construção do cenário (principalmente em comparação com o *prolonga*). Os equipamentos urbanos como calçadas e bancos são desfrutados pelos usuários (geralmente da maneira como foi previsto, como por exemplo: as calçadas laterais dão suporte à circulação, enquanto que o canteiro central possibilita permanências). No entanto, quando analisamos o comércio de rua presente neste trecho, percebemos que este altera o cenário da parte central da *avenida*, estabelecendo dinâmicas específicas de apropriação do espaço e sociabilidades que decorrem desta apropriação – sendo especialmente importantes os *pontos* noturnos e os artistas performáticos. Também, como vimos, os próprios usuários também criam o cenário através de aglomerações nos canteiros centrais (os *points*), ou quando levam cadeiras e montam rodas para tomar chimarrão nas calçadas. Mesmo assim, podemos afirmar que nesta parte central o cenário está pronto (pelo menos espacialmente). O *prolonga* por outro lado, não está lá, o cenário aparece a partir dos usos e práticas que aparecem naquele trecho específico da avenida, e que transformam a rua em um lugar de encontro e lazer, em uma “boate ao céu aberto”.

Segundo Torres (1996) o *lazer*, enquanto prática de sociabilidade permite a criação de vínculos entre as pessoas, além de implicar determinadas formas de relação com os equipamentos e espaços urbanos (Torres, 1996, p. 72). Além disso, a autora ressalta que lugares de lazer localizados em regiões centrais das cidades caracterizam-se pela presença de variados grupos, e os diferentes usos do espaço expressam hábitos de consumo,

comportamentos, gostos e valores específicos. A parte central da avenida é um *cenário* muito específico do lazer na cidade, apontando para usos específicos e compartilhados por um grupo mais amplo de cidadãos (não fica focado em determinado extrato social, como jovens está para o *prolonga*). Embora comentasse a pouco sobre uma maior permanência do cenário central criado na avenida, este se transforma substancialmente à noite: o *clima* de circulação se torna mais ameno, tranquilo, desacelerado. Torna-se mais comum a criação de pequenos grupos de pessoas que circulam lado a lado, há uma possibilidade maior de interação, as pessoas estão mais dispostas a observar o seu entorno, sendo que é está uma das atividades constitutivas deste *passeio* pela *avenida*: olhar outras pessoas, o movimento e as vitrines. Neste passeio noturno, as pessoas se deslocam de maneira a criar *trajetos* – caminhos preferencialmente percorridos⁶⁷ – a partir de critérios que podem estar ligado à rede de sociabilidades nas quais os sujeitos estão inseridos, ou mesmo escolhas baseadas em critérios mais imediatos (consumo, encontros, entre outros).

As *trajetórias* destes sujeitos podem ser analisadas segundo Certeau (1994), para compreender como o uso da via pública constitui movimentos que convertem lugares (a princípio sincrônicos) em uma sucessão diacrônica de pontos percorridos. Pensando nestes termos, caminhar se constitui em uma atividade que “*poetiza* a trama da cidade”, sendo ao mesmo tempo um pensar, falar e passar: “O transeunte converte os lugares pelos quais transita em uma geografia imaginária feita de inclusões ou exclusões (...) que os classifica como aptos ou não-aptos, em apropriados, inapropriados e inapropriáveis” (Delgado 2007:71). Os sujeitos não somente transitam pelo espaço como inscrevem neste através de seus *passos*, são as *enunciações pedestres* (Certeau, 1994) através das quais o caminhante ao mesmo tempo em que atualiza o conjunto de possibilidades e proibições apresentadas pela ordem espacial, desloca e inventa novas, e ao caminhar transforma os significantes espaciais, efetivando apenas algumas das possibilidades de caminho. Ao transitar pela *avenida* seus usuários caminham de acordo com escolhas pautadas em outros critérios, não escolhem o caminho mais prático ou fácil, mas geralmente optam por aqueles mais agradáveis ao olhar, com mais possibilidades de encontro, mais movimentados, ou que possuem determinados lugares que apreciam observar.

⁶⁷ *Trajeto* é usado aqui para designar os caminhos percorridos pelos sujeitos ao deslocar-se pelo espaço urbano, podem ser considerados espaços transitórios e fluxos. Não são facilmente reconhecíveis e mapeáveis, mas significativos se tomar em conta seu caráter de ligação entre *points* diferentes. Esta definição se aproxima daquela feita por Magnani (2007) que usa *trajeto* para designar fluxos recorrentes no espaço da cidade e no interior de *manchas*, estando muito relacionado ao deslocamento (p. 20).

Assim como essas concepções de Certeau (1994) sobre o ato de caminhar, que pode ser visto como processo de *apropriação* do espaço – uma *realização* espacial do lugar e que implicam *relações* ou contratos através de movimentos – no contexto do espaço público as pessoas adotam uma espécie de “boas maneiras” nas relações sociais, que permitem a convivência entre desconhecidos (Delgado 2007). Este último pode ser também visualizado em áreas públicas espacialmente mais restritas como é o caso dos bairros, foco do estudo de Mayol (1996) que enfatiza as práticas culturais destacando os *comportamentos* (atitudes, ritmos de andar, modos de evitação ou valorização de determinados espaços públicos, entre outros) e os *benefícios simbólicos* obtidos com esse comportamento (que podem ser observados através da maneira com que se “consome” o espaço público e nos *discursos de sentido* dos usuários sobre suas ações) – estando ambos engajados em uma relação de *conveniência*, que pressupõe um compromisso com a vida coletiva a fim de receber benefícios simbólicos⁶⁸.

Este conjunto de atitudes pode ser entendido como formas próprias de aprendizagem e sociabilidades que as sociedades urbanas desenvolvem em seu interior. Nesta espécie de ordenamento social, os sujeitos não estão associados entre si por laços involuntários, assim como não estão enredados por ordens sociais formais, não compartilham de uma mesma visão de mundo ou sentimentos identitários, constituem pelo contrário formas escassamente orgânicas, mas que possuem um *princípio classificatório* – a partir do qual os transeuntes assinalam intenções, evitam choques, pactuam indiferenças mútuas, em um ambiente dominado pela pura exterioridade, pela relação entre aparências⁶⁹ (Delgado, 2007, p. 133). Portanto, apesar do seu dinamismo e natureza instável, os espaços públicos registram fluxos organizados e identificáveis.

Os *comportamentos* adotados visando a relação de *conveniência* entre os usuários que compartilham o espaço público na *avenida* elucidam também regras compartilhadas sobre como devem ser as práticas e as relações naquele espaço. E estas condutas esperadas, cujo desrespeito não necessariamente culmina com punição, mas em uma desaprovação social, podem ser vistas na forma com que os carros e pessoas transitam (em baixa velocidade), em como se posicionam ao observar vitrines (evitando prejudicar o olhar alheio), não obstruindo

⁶⁸ Mayol (1996) faz um estudo sobre as práticas culturais de usuários da cidade no espaço do seu bairro, mas considero as categorias por ele criadas úteis para pensar o contexto do espaço público de Chapecó.

⁶⁹ Delgado (2007) sugere que no contexto urbano há que considerar o princípio metodológico segundo o qual não existe ordem social em si mesma, independentemente das práticas, ou de ser conhecida e articulada por indivíduos em ação (Delgado, 2007, p. 131).

a passagem uns dos outros, entre outras posturas que indicam um mínimo de preocupação com o outro.

Pode-se dizer que a noção de *trajeto* sintetiza as características básicas do lazer na rua e está diretamente relacionada com o “passar” e o “dar voltas”. Estas práticas que remetem à noção de movimento, criam diferentes e simultâneos *trajetos* no cenário da avenida. O fluxo de carros e de pessoas compõe não somente um *cenário de movimento* (no sentido de lugar agitado e muito frequentado⁷⁰) e de lazer, como constitui parte significativa das práticas realizadas naquele espaço – sendo que o próprio ato de *circular* a pé pela *avenida* é uma prática fundamental deste contexto⁷¹.

Os caminhantes das ruas seguem um código de circulação (Goffman, 1974) que visa organizar as correntes de pessoas que transitam pelo espaço urbano, de maneira que muitas vezes pessoas que circulam na mesma via e na mesma direção procuram manter um ritmo de caminhada semelhante e uma distância relativa entre si e os outros, que permite identificar grupos que transitam juntos. Estabelecem-se desta maneira “pautas de conduta”, procedimentos e protocolos adotados pelos sujeitos, uma espécie de sentido comum prático que permanece continuamente explicitando, descrevendo e assinalando contextos sociais, que são por sua vez organizados pelos seus participantes (Delgado, 2007, p. 135).

Estes apontamentos são especialmente úteis para pensar as relações que se estabelecem na parte central da Avenida Getúlio Vargas em Chapecó, onde atividades como “passar” – palavra usada para designar uma série de práticas realizadas no contexto da avenida em sua parte central e que como vimos, tem seu ápice fora do horário comercial – envolvem “pautas de conduta” específicas que regem as maneiras com que as pessoas usam e circulam pelo espaço público. Nesta parte da Avenida, o lazer se caracteriza como “moderado”, atraindo pessoas de perfil mais familiar – como crianças, casais, idosos, etc., que caminham despreocupadamente pelas calçadas. A *avenida* oferece a possibilidade de encontros, momentos e sensações que tem relação com atividades tranquilas: passear, dar voltas, caminhar, tomar sorvete, etc., além da atividade de “observar vitrines”, que embora possa parecer uma simples atitude com motivações consumistas, envolve uma série de comportamentos que não tem, necessariamente, envolvimento com o consumo, mas aciona

⁷⁰ Lembrando que o *movimento* é uma categoria relativa, os critérios acionados pelos frequentadores da *avenida* para indicar movimento não são os mesmos usados pelos que frequentam o *prolonga*, que consideram que apenas lá existe *movimento* (como concebem), mesmo que na *avenida* haja, efetivamente, movimento.

⁷¹ Para ressaltar: na *avenida* caminhar é a prática predominante, sendo que circular com os carros não é comum, apenas quando com o objetivo de deslocamento. Já no *prolonga* a circulação com os carros toma outro sentido e passa a fazer parte das práticas, sendo que caminhar no *prolonga* não é comum.

sensações, desejos, sentimentos e questões mais subjetivas, não somente de contemplação. Assim como Featherstone (1992) comenta que fazer compras no interior de *shoppings centers*, galerias e lojas de departamentos, raramente é uma transação meramente econômica, calculada e racional, mas, na maioria das vezes, uma atividade cultural, de lazer, na qual as pessoas se transformam em platéias que se movimentam através do espetacular “panorama imagético” das vitrines, planejado para mostrar suntuosidade e luxo, beleza e sonho; de tal maneira que esta atividade pode se tornar uma *experiência* (Featherstone, 1992, p. 43 *apud* Canevacci, 1993, p. 31).

Além das pessoas que se deslocam para a *avenida* com a intenção de passear, há outras que se deslocam com propósitos de frequentar *points* específicos, lugares que foram identificados na etnografia e que se diferenciam espacialmente pelos usos que são desenvolvidos pelos sujeitos. São lugares de encontro de grupos específicos, que transformam espaços comuns (como o canteiro central) através de práticas que estabelecem entre si e com o espaço. Esses *points* têm importância no contexto da avenida e exercem papel articulador de sociabilidades. Organizam-se no espaço público, podem ou não estar relacionados a estabelecimentos privados, e são significativos não para todos os usuários da *avenida*, mas para aqueles que frequentam determinado *point*. A principal diferenciação entre *point* e os “pontos de agito” (como o *prolonga*) é que os primeiros são espaços específicos apropriados por grupos menores e que usam espaços mais reservados, ou espaços não reconhecidos socialmente como dotados de *movimento*. Estes lugares podem constituir-se, ao menos momentaneamente, em *pedaços*, caracterizados por serem frequentados por grupos mais restritos, que compartilham certos gostos e fazem parte de uma mesma rede de relacionamentos. Utilizo a noção de *pedaço* elaborada por Magnani (2007), que o define como “espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade” (Magnani, 2007, p. 20). O *pedaço* é “resultado de práticas coletivas – entre as quais as de lazer (...) ao mesmo tempo em que é condição para o seu exercício e fruição”⁷² (Magnani, 2000, p. 13).

⁷² O próprio Magnani (2000) aponta para a possibilidade de certa “adaptação” do conceito de *pedaço* quando usado para pensar realidades diferentes daquela no qual surgiu – a periferia. Nos centros urbanos, o *pedaço* agrega pessoas que não se conhecem, mas “se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modos de vida semelhantes”.

Na categoria *pedaço* podem-se agrupar os diferentes *points* da avenida descritos anteriormente, que incluem o uso do canteiro central da avenida por pequenos grupos de jovens que aos finais de tarde até altas horas da madrugada, permanecem, por exemplo, em pequenos grupos organizados em círculos, compostos por bancos (do local) e cadeiras, onde conversam, tomam cerveja ou chimarrão. Este tipo de grupo não cria uma dinâmica de relação com os demais transeuntes, seu posicionamento no espaço público é para “dentro”, criando uma sociabilidade mais íntima (em contraposição àquela que aparece no *prolonga*, por exemplo). De maneira semelhante podemos analisar os *skatistas* e a forma peculiar com que usufruem do espaço público da avenida, criando lugares alternativos para a sua prática, culminando com a criação de *points* reconhecidos pelos skatistas da cidade. Neste caso o que unifica os frequentadores é principalmente a prática do skate, e a partir desta se originam outras afinidades como o compartilhamento de um vestuário comum: o estilo skatista de se vestir, que permite a sua diferenciação social e reconhecimento pelos seus pares.

Além dos *points*, foram identificados “pontos de agito” ou “baladas na rua” – denominação escolhida por mim a fim de identificar determinadas formas de apropriação do espaço público, que ao mesmo tempo em que se referem a usos amplamente compartilhados, estabelecimento de laços mais fluidos e relações momentâneas e imprevisíveis (características que se opõe à noção de *pedaço* abordada anteriormente, e aproxima da noção de *mancha* – espaço mais aberto que acolhe um número maior e mais diversificado de usuários, possibilitando encontros não previsíveis⁷³) são lugares socialmente reconhecidos – identificados por muitas pessoas, mesmo as que não os frequentam – e com regras e códigos compartilhados (características que o aproximam da noção *pedaço*).

Entre os jovens, o lazer Cf. Magnani (2000) pode ser considerado um contexto importante para as relações de sociabilidade, no qual se expressam referências de identidades individuais e coletivas. O mesmo autor (1992) sustenta que os espaços urbanos são heterogêneos, ocupados pelos mais diversos grupos, e podem se tornar *lugares* de trocas de relações e, ao mesmo tempo, espaços de lazer para os jovens, através da sua apropriação simbólica, configurando *pedaços*, pontos de referência que entre outras coisas pressupõe o uso de códigos comuns. Entre as características essenciais do *pedaço* está o compartilhamento de certas referências identitárias, de maneira que congrega pessoas que compartilham gostos, tem símbolos e hábitos comuns. Os trechos identificados na avenida congregam sujeitos que

⁷³ Magnani, 2007, p. 20.

compartilham vários elementos identitários, gostos e práticas, e criam um cenário que de uma forma ou outra reflete valores compartilhados de uma cultura juvenil (Feixa, 2004).

Muitas das formas de apropriação que aparecem nesta etnografia estão relacionadas com *jovens* que aparecem neste contexto como os sujeitos preponderantes, tanto nos *points* que aparecem na parte central, como nos *alpes* e *prolonga*, são eles que se destacam, criando dinâmicas e práticas próprias de sua idade, ligadas a elementos como: festa, encontro, namoro, curtição, balada, entre outros. Os estudos sobre juventude, no campo das ciências sociais, foram marcados por concepções de juventude como período de preparação para a vida adulta e como categoria criada pela sociedade moderna (Abramo, 1994). Ao discutir juventude Dayrell (2004) fornece os pressupostos para pensá-la como uma categoria socialmente produzida, contrariando a noção de juventude como etapa de preparação, o autor procura compreender juventude para além de uma etapa da vida, procurando considerar os diferentes modos de ser jovem, neste sentido pode-se falar em *juventudes*, constituídas conforme contextos socioespaciais, culturais e econômicos.

Magnani (2007) ao analisar as maneiras com que os grupos de jovens urbanos, suas práticas e comportamentos, vêm sendo analisados pelas ciências sociais, traz dois temas que aparecem mais significativamente: as *tribos urbanas* (termo cunhado por Maffesoli (1987) usado para indicar a emergência de pequenos grupos voláteis, com diferenciações claras e que se contrapunham ao homogêneo da sociedade moderna); e as *culturas juvenis* (maneira com que o antropólogo espanhol Feixa (2004) procura explicar as formas com que as experiências juvenis se expressam coletivamente através de estilos de vida distintivos, que podem ser identificados pelo consumo de determinadas marcas de roupa, músicas, formas de lazer, etc.) (Magnani, 2007, p. 17-18). A proposta de Magnani (2007) para pensar estes agrupamentos urbanos é utilizar a noção de “*circuitos de jovens*”, privilegiando a sua “inserção na paisagem urbana por meio da etnografia dos espaços por onde circulam, onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, além dos parceiros com quem estabelecem relações de troca” (Magnani, 2007, p. 19). A sua proposta procura articular um enfoque nos comportamentos e nos espaços, atentando para a sociabilidade em detrimento do enfoque nos estilos de consumo e expressão (à maneira das “*culturas juvenis*”); e privilegiando as permanências e regularidades, ao invés de enfatizar a fragmentação e nomadismo, presente na perspectiva das “*tribos urbanas*” (Magnani, 2007, p. 19). Pensando a partir destas colocações de Magnani (2007), parece pertinente pensar nos trechos da avenida apropriados física e simbolicamente pelos jovens: *prolonga*, final do prolongamento e *alpes*, como partes constituintes de um

circuito de lazer que abriga uma variedade de práticas e expressões. E estes *points* ou *pedaços* não por acaso se instituem na Avenida Getúlio Vargas, pois, como já apontamos, é esta a rua que possui a significação espaço urbano referencial para os cidadãos de Chapecó, sendo uma espécie de *fator englobante* das práticas de sociabilidade que nela se desenvolvem. Assim, este *circuito* é significativo, pois abriga até mesmo práticas consideradas transgressoras, que, no entanto, se instituem no espaço público mais significativo da cidade.

Outro tipo de apropriação que aparece na parte central da avenida é a organização dos *pontos* do comércio de rua – apropriações de espaços específicos voltados para a prática comercial. O espaço público pode ser concebido como de todos os espaços o mais abstrato (de infinitas virtualidades, de cenários que se fazem e desfazem), mas é também o mais concreto – aquele no qual se desenvolvem estratégias imediatas de reconhecimento e de localização – onde emergem *organizações sociais instantâneas* (Joseph 1995 *apud* Delgado 1999). É um espaço diferenciado, isto é, territorializado. O *comércio de rua* pode ser compreendido como uma das ações práticas e simbólicas que o organizam espacial e temporalmente, que o nomeiam, que o submetem a oposições, justaposições e complementaridades, que o qualificam, hierarquizam etc. No contexto da parte central da *avenida*, os *pontos* não somente remetem a apropriações específicas do espaço (voltadas para o comércio) como também constituem lugares dotados de significados, constituindo-se em espaço para trocas e relações de sociabilidade. O *comércio de rua* aparece no cenário da avenida com papel preponderante no contexto do lazer, configurando-se não somente como uma das formas de uso do espaço existentes, mas também como uma atividade que promove a sociabilidade da rua, e que no caso específico de comerciantes performáticos, se configura como atrativo e opções de lazer mais pontuais.

2. Ver e ser visto: sobre as dinâmicas de sociabilidade no *prolonga*

Os *cenários* ou trechos visualizados e descritos anteriormente podem ser considerados como *agrupamentos* definidos por Delgado (2007) como resultados inerentes ao espaço público, que se caracteriza por um ordenamento constante, cujos resultados ou finalidades não são possíveis de serem conhecidos, porque nunca chegam a se cristalizar. Neste cenário surgem *agrupamentos* provisórios, territorializações no espaço público.

São nos espaços da cidade *usados* transitoriamente, sejam públicos ou semi-públicos, que aparece aquilo que tem sido definido como especificamente urbano: “o imprevisto, o

surpreendente, o oscilante” (Delgado, 1999, p. 33). Nesta dissertação foram enfatizadas essas organizações no espaço, que surgem a partir de usos, apropriação ou territorializações, que embora transitórias e fluidas, são dotadas de lógica e códigos que podem ser identificados através da observação⁷⁴ e que foram agrupados em categorias como: *points* e *trajetos*, que de uma maneira ou outra indicam formas de uso do espaço público no contexto da *avenida*, e que, embora tenham caráter provisório (como o *point* dos skatistas que já deixou de existir) se revelaram importantes quando da realização da etnografia.

O lugar desta pesquisa, de forma mais ampla, é a rua, âmbito que possui características relacionadas ao *fora*⁷⁵ (Delgado, 2007), no qual prevalecem a casualidade e a indeterminação como constituidores das relações. Neste âmbito do público a vida social realiza dramaturgias baseadas na total visibilidade, sem a necessidade de *autenticidade*, ou seja, nas relações em públicos não é esperado que os sujeitos se revelem tal qual fazem no âmbito do *dentro* (espaço privado), mas que realizem uma *atuação*. De maneira que o espaço público pode ser visto como um lugar “de e para a exposição” (Delgado 2007:33). Este ponto de partida para a análise das sociabilidades que aparecem no *prolonga* se revela fértil para compreender as maneiras com que os sujeitos *atuam* neste espaço de *visibilidade*.

Em relações que se estabelecem em lugares como este – constituídos no espaço público e neste caso, tendo como principal objetivo o estabelecimento de sociabilidades – os sujeitos reclamam serem “reparados ou ignorados” não em função daquilo que realmente são ou crêem ser, mas em função daquilo que *parecem* ou *esperam parecer* (Delgado, 2007). Neste cenário se estabelece uma negociação constante entre *aparências* que fazem dos atores da vida pública uma espécie de exibicionistas, que tem por objetivo *mostrar-se* (Delgado, 2007, p. 37). O *prolonga* pode ser interpretado como uma trama de *negociação de olhares*, onde se produz uma ordem que consiste em “aparecer parecendo”, na qual os sujeitos não somente observam o que ocorre em seu entorno de forma passiva, mas não deixam de interpretar e classificar o que passa diante de seus olhos e sabem que também estão sendo constantemente observados (Delgado, 2007, p. 137) em um *cenário* no qual as *aparências* condicionam critérios de julgamento mútuo, através da dinâmica do *ver* e *ser visto* – como optamos por denominar.

⁷⁴ Já foram apontados anteriormente os problemas pertinentes à pesquisa em espaços públicos, na qual a observação tem papel preponderante.

⁷⁵ Delgado (2007) define as categorias de *dentro* e *fora* as relacionando à oposição fundamental de *público* e *privado* – estes termos podem ser distinguidos principalmente a partir do critério acessibilidade – enquanto que o *dentro*, o âmbito privado, está relacionado à ideias, sentimentos e condutas que se mantêm reservados; o *fora*, o público, reúne tudo que se mostra, é objeto de percepção e opinião dos outros; ambas são consecutivamente, expressões extremas de secreto e exposição total (Delgado, 2007, p. 30).

Desta forma, é possível compreender que o usuário do *prolonga* não somente observa como também conceitualiza e julga as ações e os *personagens* e, a partir disso, elabora resultados de suas percepções. As relações que se estabelecem no *prolonga* podem ser entendidas como *dramaturgias da vida pública* nas quais não há papéis ou status fixados em um organograma social, pelo contrário, sua configuração é dada por uma “ambiguidade crônica e generalizada” (Delgado, 2007, p. 40). Para compreender as relações no espaço público em termos de *drama*⁷⁶, pode-se usar a noção de *externalizações* (Goffmann, 1974) através das quais os sujeitos dão advertências de suas predisposições, da intenção de fazer ou não alguma coisa⁷⁷. Além disso, deve-se atentar para as *relações* dessas *ações* espontâneas neste espaço feito de imprevistos e acidentes (Delgado, 2007), neste *espaço de aparição* (Arendt, 1998) eminentemente constituído pelo discurso e ação dos sujeitos, o lugar onde “eu apareço diante dos outros como outros aparecem diante de mim, onde os homens não existem meramente como outras coisas vivas ou inanimadas, se não que fazem sua aparição de maneira explícita” (Arendt, 1998, p. 220-221 *apud* Delgado, 1999, p. 122).

No *prolonga* os sujeitos adotam posturas e realizam práticas que podem estar condicionadas justamente por este caráter de *visibilização mútua* próprio das práticas que aí se estabelecem. Ou seja, sabendo que serão continuamente observados em sua aparência (roupas, calçado, cabelo, maquiagem, acessórios), formas de agir, o que consomem, que músicas ouvem, de quem estão acompanhados, que carro possuem etc. Estes são todos indicadores que compõe aquilo que eles: *querem parecer e parecem ser* para os outros (que por sua vez também adotam estratégias semelhantes). Neste contexto marcado muito mais pela intuição e insinuação do que pelo conhecido propriamente – conforma um consenso de aparências e apreciações, que embora se constitua em um cenário instável, não é totalmente indecifrável (Delgado, 2007).

Alguns dos comportamentos adotados pelos jovens no *prolonga* são repetitivos e indicam, entre outras coisas, como a sociabilidade (ou pelo menos a sua possibilidade) influencia as posturas adotadas, sociabilidade dada pela dinâmica entre as interações que

⁷⁶ Enfoque semelhante é adotado por Eckert e Rocha (2008) em estudos dos itinerários urbanos e das formas de sociabilidade “das intrigas e dos dramas que configuram o teatro da vida cidadina” (p. 4).

⁷⁷ Quanto à metáfora teatral de Erving Goffman, segundo a qual o espaço público é um espaço dramático, um cenário sobre o qual os sujeitos desenvolvem papéis predeterminados, Delgado (1999) aponta que levando em conta esta premissa, é preciso considerar que o que se representa no espaço público é algo muito vulnerável aos acidentes e imprevistos, e o ator da vida pública “percebe e participa de séries descontínuas de acontecimentos, sequências informativas desconexas, materiais que não podem ser juntados para fazer deles um relato consistente, se não, quando muito, *sketches* ou vinhetas isoladas dotadas de certa congruência interna” (Delgado 1999:184). A espontaneidade do transeunte inscreve ações, mais que atuação ou simulações “como na arte da *performance*, onde os executantes nunca são atores, mas *atuantes*” (idem), de modo que também não há roteiro, mas *ação*, e uma ação que não se produz ou atua, mas que *acontece*.

denominei “ver e ser visto”. Esta situação é evidenciada, por exemplo, pelo direcionamento do olhar para a via de circulação: as pessoas ficam sempre posicionadas na direção da rua, observam atentamente o intenso movimento de vai-vem de carros e pessoas (podendo facilmente interagir com quem circula); entre outras posturas que indicam o papel preponderante da visibilidade mútua neste *espaço de aparição* que é o espaço público.

Esta *comunicação visual* possui pressupostos e códigos compartilhados que norteiam as interações observacionais: o tempo de duração do olhar e a maneira que é “lançado” podem significar muitas coisas. As trocas de olhares simultâneos no *prolonga* podem caracterizar, por exemplo: indiferença ou nada de especial quando são trocas rápidas ou cruzamentos de olhares, relação que mais comumente aparece; podem indicar um sinal de interesse quando alguém permanece por alguns segundos a mais com o olhar fixo (ou seja, quando as pessoas se “encaram”), ou mesmo de rejeição de alguma atitude do outro – a interpretação do significado do olhar se dá na relação e pelo contexto do momento. Um desvio sutil de olhar pode ser suficiente para demonstrar seu desinteresse por alguém, ou mesmo dissimular e fingir que não viu o outro.

No *prolonga* se estabelece uma rede ininterrupta de *sociabilidade dispersa*, feita de formas mínimas de mútuo conhecimento e onde atua uma “autogestão de usos e perspectivas plurais, uma reciprocidade generalizada que entrelaça encontros, *encontronazos* e evitações” (Delgado 2007, p. 37). Ou seja, as pessoas se conhecem minimamente (através das aparências possíveis de serem acessadas pelos sentidos) e podem desenvolver relações mais próximas, como quando, principalmente os meninos, “fazem a abordagem” – interpelam as meninas de alguma maneira, se aproximam e procuram estabelecer diálogo. Estes *encontros* somente são possíveis devido ao *movimento*: é através dele que se baseiam as práticas no *prolonga*, mesmo os que permanecem parados (estacionados) mantêm uma relação contínua com o movimento na via (observando e sendo observados por quem circula).

Os *trajetos* percorridos pelos sujeitos no *prolonga* não somente fortalecem o caráter de mobilidade do espaço público, como também estão inseridos em uma prática específica: “dar voltas”, que não consiste apenas em circular de carro pelo *prolonga* e pelo final no prolongamento (sendo que há um constante trânsito entre estes dois), mas também utilizar determinadas posturas, compartilhadas por todos como as maneiras mais adequadas de circular, premissas que acenam a possibilidade de contato com o *outro*, formas de *externalizar* (Goffmann, 1974) suas intenções (ao não seguir alguma dessas premissas também se deixa claro outros interesses). Sendo que os critérios comumente utilizados são: 1) manter os vidros

do carro abertos, permitindo um *contato visual* com quem está do lado de fora, bem como um *contato sonoro*, permitindo que quem esteja no carro ouça a trilha sonora externa, e também que o som interno seja expandido para fora; 2) a velocidade deve ser lenta, normalmente menos de vinte quilômetros de hora, justamente para permitir estes contatos e garantir que se estabeleçam relações entre quem circula e quem está parado; 3) preferencialmente o trânsito lento deve ficar na pista da direita, deixando a pista da esquerda livre para uma circulação mais rápida⁷⁸.

A partir destes apontamentos é possível considerar que o *prolonga*, pelas próprias características inerentes de estar no espaço urbano: se torna lugar *de e para* o intercâmbio comunicacional, constituindo-se em uma coletividade cujos membros aceitam pautar suas ações a partir de acordos mínimos, que tornam este espaço coletivo, palco para uma vida social intensa. Delgado (2007) refere-se a um sentido prático que cria pequenas unidades sociais de caráter situacional e reguladas por “normas endógenas” em um “exterior urbano” – com todas suas características fluidas, móveis e provisórias – as pessoas procuram e encontram lugares provisórios que consideram próprios, no sentido de apropriados, através de “formas de cooperação automática entre corpos e aparências” (Delgado, 2007, p. 50).

O *prolonga* é um desses lugares apropriados provisoriamente que está organizado a partir de práticas e usos que instituem inclusive, um mínimo código de circulação que assegure a boa fluidez das relações, criando uma *ordem oscilante* (Delgado, 2007, p. 41) que previne, de certa maneira, excessos e contratempos. Assim, neste campo de *visibilização* mútua, os sujeitos *atuam*, criam relações e regras de coexistência que permitem, entre outras coisas, uma convivência entre pessoas relativamente estranhas umas às outras, mas que partilham certas referências que os aproximam (como o *gosto* musical).

No entanto é preciso considerar que este “ver e ser visto” está permanentemente envolvido em uma seleção do olhar, pois os sujeitos reconhecem apenas aquilo que lhes convém, sendo que no *prolonga* também acontece uma “invisibilização” (Arantes, 1997) principalmente daqueles sujeitos “marginalizados” como os coletores de material reciclável ou até mesmo comerciantes de rua, que são vistos, mas não reconhecidos como sujeito pela maioria, que os enxerga apenas como prestadores de serviços ou aqueles que atrapalham o trânsito. Mas apesar destas ponderações, o *prolonga* se configura como um espaço de lazer democrático, pois possibilita a fruição de momentos de lazer e diversão a baixos custos, permitindo uma participação ampliada, não excluindo, a princípio nenhum segmento social.

⁷⁸ Estes *trajetos* podem ser feitos, quando possível, com o carro em “ponto morto”, ou seja, sem marcha engatada, usufruindo do declive da via para circular.

Por exemplo, embora os veículos tenham grande importância nestes cenários noturnos, sustentando não somente maneiras de *estar* como também sociabilidades específicas que se desenvolvem a partir deles, não há impedimentos para que pessoas que não possuem carros frequentem o *prolonga*, seja indo junto com algum amigo que tenha carro, ou mesmo indo de ônibus até o centro e a pé até o *prolonga* (é muito comum encontrar no trajeto centro-prolongamento grupos de jovens à pé).

A Avenida quando apropriada em caráter temporário por estes grupos de jovens, como no caso do *prolonga*, passa a ter outras regras – diferentes daquelas que instituem a rua como espaço da impessoalidade, da individualização, do anonimato, da lei e também da marginalidade e do perigo (Da Matta, 1985)⁷⁹. Nessas situações, é permitido no *prolonga* uma aproximação entre desconhecidos, se estabelecem sociabilidades entre jovens de distintas regiões da cidade, que compartilham um espaço que permite uma visibilização mútua e abrem a possibilidade de interação. No *prolonga*, contrariamente ao que foi identificado por Frúgoli Jr. (1995) em estudo sobre o centro de São Paulo – onde as características comuns dos grupos de jovens que ocupam o centro da cidade é a proveniência de regiões periféricas – em Chapecó, o *prolonga* é um cenário aglutinador de jovens das mais variadas regiões da cidade (e até mesmo de outros municípios), sendo que, a princípio, acolhe pessoas de vários extratos sociais⁸⁰; por outro lado, de maneira semelhante à análise de Frúgoli Jr. (1995), o *prolonga* apresenta as mesmas características de pertencimento grupal marcado pelo consumo e uso comum de territórios e trajetos bem demarcados na cidade. Mas apesar disso, as pessoas selecionam seus pares, estabelecem critérios pautados nas mais variadas razões para definir suas relações; o *prolonga* recebe pessoas de todos os bairros (de praticamente todas as classes sociais), mas os sujeitos possuem marcas de distinção (Bourdieu, 2007) que os classificam⁸¹.

Neste jogo entre *aparências* os carros são elementos aglutinadores de sociabilidades, dotados de carga semântica, conferem status às pessoas, e servem como marcadores das diferenças. As pessoas não somente circulam pela avenida em seus carros, elas “desfilam”, mostrando-se e exibindo-se aos demais frequentadores, sujeitando-se à observação e

⁷⁹ Se bem que as características de *marginalidade* e *perigo* aparecem nestes cenários de jovens (*prolonga*, *alpes* e *final do prolonga*) se considerarmos, por um lado, que as representações externas desses espaços remetem a práticas transgressoras, por outro, os fatos violentos acompanhados durante a pesquisa de campo, também assinalam este caráter de perigo eminente.

⁸⁰ Lembrando que, como assinalado na etnografia, o *prolonga* pode se constituir em uma atividade pré-balada para pessoas que frequentam estabelecimentos de lazer privados.

⁸¹ Bourdieu (2007) propõe uma definição estrutural das classes sociais na sua relação, sendo que não podem ser definidas somente por uma variável ou propriedade, ou soma de propriedades, “mas pela estrutura das relações entre todas as propriedades pertinentes que confere seu valor próprio a cada uma delas e aos efeitos que ela exerce sobre as práticas” (Bourdieu, 2007, p. 101).

juízo do outro. Assim, da mesma maneira que o corpo “toma forma” com roupas e ornamentos que as pessoas usam; seus carros transformam-se fisicamente, através de incrementações em sua aparência com elementos externos e internos (além de os manterem impecavelmente limpos), sendo que podemos considerar estas “fabricações” de corpos e de carros, maneiras que permitem reconhecer e atribuir status às pessoas, definir relações ou evitações, estabelecendo critérios de seleção para as sociabilidades⁸². Além disso, as músicas também compõem a *aparência* das pessoas, sendo marcadores complementares das hierarquizações que fazem os sujeitos no contexto do *prolonga*, pois, as pessoas não apenas ouvem músicas, também fazem questão de compartilhar com os outros, emitindo-as em ondas sonoras altíssimas – podendo ser mais um critério de classificação das pessoas. Também através da participação nas *equipes*⁸³, os sujeitos se inserem em redes de sociabilidade restritas que lhes fornecem *marcas de identidade* usadas como demarcações da diferença e de pertencimento a grupos específicos. Como foi assinalado, não é possível reduzir a experiência corporal do *prolonga* aos corpos dos sujeitos, pois a sua *aparência* corporal se complementa, também, através de outros elementos: carros, músicas, companhias, e os sujeitos se inserem no cenário diferenciando-se uns dos outros a partir destes elementos, ambos constituintes da sua *aparência*.

Maluf (2002) ao discutir corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas considera que *corpo* “deixa de ser mero objeto da ação social e simbólica, receptáculo da inscrição de símbolos culturais e objeto a ser modelado pelas representações sociais e coletivas, e passa a ser agente e sujeito da experiência individual e coletiva” (Maluf, 2002, p. 96). A autora constata uma centralização do corpo na produção acadêmica recente que envolve uma série de fenômenos contemporâneos, entre eles, o surgimento de novas identidades urbanas, formadas por grupos de jovens que compartilham um mesmo referencial estético corporal. De tal maneira que inserir elementos na pele ou na carne (a autora se refere ao uso de tatuagens e *piercings*), usar determinadas roupas ou tipos de cabelos não se reduz a marcar símbolos no corpo, remete também à constituição de um determinado sujeito, “uma determinada corporalidade, que constrói uma determinada pessoa” (Maluf, 2002, p. 96).

O tema do corpo e corporalidade embora não seja tema central desta dissertação, torna-se importante porque permite estabelecer práticas de distinção e fixação de estilos, que

⁸² Esta análise é semelhante a que aparece em Borges e Azevedo (2007), sendo que sua leitura foi inspiradora nesse sentido.

⁸³ Ver capítulo dois, p. 103.

em muitos aspectos modulam a sociabilidade nesses contextos, além de que, o próprio corpo da pesquisadora foi o veículo dessa inteligibilidade (Toledo, 2007)⁸⁴, de maneira que,

(...) o *corpo* não pode ser visto tão-somente como mais um aspecto a ser incluído na agenda de temas, mas sim uma via metodológica para se alcançar um acesso novo ao objeto, pois é potencialmente conteúdo e forma, objeto e método de observação, uma primeira síntese (ou totalidade) que se apresenta ao pesquisador na imediatez do encontro com os fenômenos estudados (Toledo, 2007, p. 258-259).

No *prolonga* é possível identificar claramente um referencial estético corporal que, de um modo geral, pode sintetizar-se na expressão: “estar bem arrumado”. A maioria das pessoas usa suas melhores roupas, melhores calçados, maquiagem e acessórios (no caso das moças), cabelos penteados e arrumados com gel (no caso dos rapazes). Ou seja, todo um estilo montado para um evento considerado uma “balada”, e justamente por isso, as pessoas se vestem como se estivessem frequentando um destes espaços. Gostaria de relatar um fato que aconteceu durante a pesquisa. Um casal de amigos passou em minha casa para irmos juntos ao *prolonga*. A moça quando chegou comentou: “vocês não vão com a gente?”. Esta pergunta baseou-se simplesmente na maneira como eu estava vestida: não usava (como ela) salto alto e maquiagem carregada, mas uma roupa mais confortável e maquiagem leve, que para ela não indicava claramente que eu estava indo para a “balada” *prolonga*. A pergunta saiu de uma forma muito natural, não em termos de reprovação, mas de constatação. Este fato evidencia, mais uma vez, a maneira como as pessoas compartilham determinados referenciais estéticos que se tornam importantes no *prolonga*.

Pode-se dizer que as dinâmicas do *ver* e *ser visto* constituem a condição dominante na sociabilidade dos jovens nos *cenários* de lazer noturno. Nestes, como foi dito, se colocam em jogo aparências constituídas pelos corpos dos sujeitos, pelas posturas e percursos adotados (*trajetos*), maneiras de se colocar e se aproximar do outros, músicas que ouvem, etc. Neste contexto de *ver* e *ser visto* as pessoas criam estratégias que podem ser interpretadas em termos de um *ritual* – formado, principalmente, pelas dinâmicas de circulação – no qual há distinções claras nos papéis assumidos por homens e mulheres. No universo masculino, o viés privilegiado neste *ver* e *ser visto* é o carro, ou seja, mais que a beleza corporal, se privilegia a propriedade de um carro bonito, equipado, potente etc., condição que lhe permite destacar-se

⁸⁴ Toledo (2007) adverte para que se tome cuidado ao delimitar a dimensão do *corpo* como temática que não se agregue como mais um dos temas ou metáfora metodológica usada para ordenar o fenômeno que se estuda, correndo o risco de reificá-la como um descritor de pesquisa pronto para os dados etnográficos. Além disso, refletir sobre o tema do *corpo* não deve ser visto como uma “soma” à pesquisa, fortalecendo o seu “caráter antropológico” (Toledo, 2007, p. 258).

e ter prestígio. Há uma preparação ritual do carro, que pode iniciar com as transformações realizadas e finalizar nas maneiras com que passeiam com seus carros, ou seja: neste *cenário* o carro se torna extensão do corpo de seu proprietário. As pessoas, principalmente os homens, se expõem através do carro, criando uma dinâmica de competição – quando circulam de carro pelo *prolonga* estão competindo com os outros e se exibindo para as mulheres. Neste jogo de aparências, as mulheres, em sua maioria, permanecem totalmente expostas, sendo os próprios corpos colocados em jogo, que assim como os carros, são produzidos para este ritual, no qual elas também competem entre si. No caso destas práticas analisadas, parece ser um ritual eminentemente masculino (no qual os carros assumem papel central) e no qual as mulheres participam de maneira paralela, como alvo ou motivo dessa exibição, como nos casos em que os homens circulam exibindo seus carros e suas mulheres ao mesmo tempo⁸⁵.

O *prolonga* é um cenário no qual as relações se baseiam nas *aparências*, naquilo que as pessoas *parecem ser* (Delgado, 2007). No cenário do *prolonga* estas relações são compostas pelas aparências simultâneas de *corpos* e *carros*, ambos suporte para as classificações que os sujeitos fazem uns dos outros. É nesta troca de olhares que se constitui a parte mais importante da dinâmica de sociabilidade no *prolonga*. Os jovens utilizam, neste contexto, seus corpos e seus carros como *marcas de identidade*⁸⁶, que indicam quem são e o lugar que ocupam no espaço social estruturado (Bourdieu, 2007), sendo que a percepção dos sujeitos uns sobre os outros, e a consequente construção da *aparência* dos sujeitos, se pauta tanto em elementos visuais (carro e corpo), como elementos sonoros: a música.

Concluimos, a partir disso, que tudo o que atinge os sentidos do outro é *aparência*, tudo que extrapola o próprio indivíduo e que atinge o grupo – aqueles que participam do *prolonga* – forma a superfície aparente de cada um. A preocupação com a maneira com que serão vistos pelos outros não envolve somente o cuidado com corpo ou carro, a música também aparece como elemento importante na construção dos sujeitos neste contexto de visibilidade chamado *prolonga*.

Pode ser identificado certo *gosto*⁸⁷ comum quanto às músicas, sendo que as agrupei na categoria “batidão”, que engloba principalmente músicas remixadas (transformadas) que

⁸⁵ No contexto do *prolonga* essa polarização dos universos: masculino e feminino pode ser tomada como representativa da maioria, não significando que não há exceções, como relações homoeróticas ou casos de inversão de papéis, quando as mulheres assumem o papel de proprietárias exibicionistas de seus carros.

⁸⁶ As identidades (individuais ou grupais) não são singulares, mas construídas ao longo do tempo, relacionais, instituídas por discursos, práticas e posicionamentos, elementos que podem estar em relação de complementariedade ou ser antagônicos (Hall, 2000).

⁸⁷ Bourdieu considera que os *gostos* fazem parte de distintos *níveis culturais* (legítimo, médio e popular), sistemas que se diferenciam através dos seus públicos, pela natureza de suas obras e pelas ideologias político-

seguem as tendências atuais (as músicas da moda são remixadas, principalmente sertanejas, e além disso, há um Dj específico que é praticamente o mais tocado no *prolonga*). Ao considerar a fluidez da cultura (Hannerz, 1997)⁸⁸ é possível identificar a música como elemento unificador das práticas no *prolonga*, mas que transborda o *local* e tem configurações mais amplas – pois estão inseridas em um contexto de produção nacional, com possibilidades de ampliação para o nível global, e estabelecem uma rede de trocas via internet capaz de ligar o sujeito globalmente, e fazer com que simultaneamente pessoas de lugares completamente diferentes possam ouvir as mesmas músicas, em *cenários* semelhantes ou não. Além disso, se estabelece um diferencial entre os jovens que se mantém conectados ou desconectados (Canclini, 2005) desta rede, abrindo um campo de possibilidades (Velho, 1994) mais amplo aos primeiros, que normalmente são aqueles que apresentam novidades. Ou seja, embora as pessoas compartilhem de parâmetros semelhantes para a escolha das músicas (sendo valorizado manter-se atento aos *hits* do momento) é ainda mais valorizado aqueles trazem as novidades de maneira inédita, porque como disse um rapaz: “depois que todo mundo tá ouvindo já não tem mais graça, eu gosto de me diferenciar” (Jonatas). Quando uma música toca muitas vezes se torna enjoativa, ou seja, em alguns casos se passa alguém com uma música que todos já “enjoaram” (de tanto ouvir) podem reagir mal e criticar o responsável pela emissão.

Os jovens do *prolonga* também compartilham um *gosto estético* referente à moda do vestuário (que se estende para a estética dos carros, com classificação da aparência do veículo como bonito ou feio, sendo possível identificar também uma moda ou padrão). Quanto ao vestuário, é claramente identificado um padrão visual, que dentro de certo grau de variação, mantém semelhanças entre si. Assim, o consumo pode ser indicativo de estilos mais compartilhados (padrão visual e musical semelhantes), mas também de pertencimento de frações de classe específicas (Featherstone, 1995), pois embora compartilhem estilos, alguns usam roupas de *marca* e outros não, mas na *aparência* todos se assemelham. Segundo Featherstone (1995) há uma relação entre imitação e diferenciação, os estilos e marcas da moda são passíveis de imitação (surgem roupas e calçados “falsificados” ou de “imitação”) que servem de pistas para classificar os outros. O autor utiliza Bourdieu para argumentar que:

estéticas que os expressam, e coexistem na sociedade capitalista organizando a distribuição dos bens simbólicos e materiais, esta coexistência é atestada pelo fato de que “os mesmos bens são, em muitos casos, consumidos por distintas classes sociais. Então, a diferença se estabelece, mais do que nos bens de que cada classe se apropria, no modo de usá-los” (Bourdieu, 1979 *apud* García Canclini, 2005, p. 78).

⁸⁸ Hannerz (1999) concebe a cultura como “fluida, não atemporal, e que, no que diz respeito às identidades, não é nada óbvio que aquilo com que as pessoas se identificam seja o mais durável” (Hannerz, 1999, p. 153).

(...) os sinais das disposições e esquemas classificatórios que revelam as origens e a trajetória de vida de uma pessoa manifestam-se também na forma do corpo, altura, peso, postura, andar, conduta, tom de voz, estilo de falar, senso de desembaraço ou desconforto em relação ao próprio corpo, etc. Assim, a cultura é corporificada, e isso não é uma questão de quais roupas são usadas, mas também de como são usadas” (Featherstone, 1995, p. 39-40).

Poder-se-ia supor que, por compartilhar o mesmo espaço, práticas, certa moda e certo tipo de músicas, os jovens que frequentam o *prolonga* possuam uma identidade compartilhada, um mesmo universo de significados (Velho, 1994), principalmente referente às músicas há claramente um compartilhamento de gostos comuns, e a moda indica a repetição de padrões que estabelecem os modos mais corretos ou atuais de se vestir. Porém o *prolonga* não é homogêneo, embora aí estejam em relação uma quantidade enorme de elementos que os definem como integrantes deste *pedaço*, são utilizados justamente estes elementos (músicas e moda) para criar diferenciações entre esta juventude. Quanto à música está a diferença entre estar ou não atualizado, que termina sendo um signo em termos de conexão. No caso das roupas o uso de certas marcas indica determinado status, fato que pode ser pensado através do conceito de distinção de Bourdieu (2007). É principalmente através destes elementos (roupas e música) que se criam distinções que indicam um posicionamento dos sujeitos em diferentes lugares da estrutura social, diferenças que aparecem não tanto pelo tipo de música que ouvem, mas pela forma como se relacionam com as novidades musicais, não tanto pelo estilo de roupas que usam, mas pelas marcas nestas estampadas. Ou seja, que a distinção se estabelece, não tanto pelos bens que as classes sociais utilizam, mas pela maneira que os usam (Bourdieu, 2007). De maneira a exemplificar: vários extratos de jovens se encontram no *prolonga* para beber e se divertir, mas enquanto uns consomem whisky com energético, outros bebem cachaça com refrigerante.

Destas questões destacadas se originam outras que dizem respeito à relação local-global, pois consideramos que mesmo uma cidade média como Chapecó está inserida em redes e incluída em um sistema global, sendo necessário utilizar um enfoque relacional e situacional (Homobono, 2000). Embora estejamos analisando lugares de uma realidade local – realidade chapecoense – e, inclusive, com uma representação do que significa espaço público, indicado pela construção de cenários em sua avenida central, também pode-se dizer que os jovens do *prolonga* participam, de uma forma não dissociada, do par local-global. Embora o próprio *prolonga* tenha estas características já descritas na etnografia (essas formas de

diferenciação principalmente através da música e da roupa), vemos que há a busca de um repertório que extrapola essas características absolutamente locais. Estes dois elementos – músicas e moda – em maior ou menor escala não são definidos localmente, tem relação com processos mais amplos a nível global (em muitos casos, não há muita distinção entre o que um jovem usa para vestir-se e consome em termos musicais em Chapecó ou São Paulo ou outra grande metrópole mundial). Nestes termos, o *prolonga* está envolvido em uma *cultura juvenil* específica, mas que compartilha configurações globais, que definem expressividades coletivas de estilos, consumo e formas de lazer (Feixa, 2004 *apud* Magnani, 2007).

Os jovens não usam qualquer roupa, mas aquela que *circula* no mercado da moda, que aparece nas novelas. Ao mesmo tempo consomem uma música que não somente se produz nos lugares metropolitanos, mas que, inclusive, estão pautadas na permanente inovação, circulação, renovação, inovação (características que a distanciam da música sertaneja tradicional). Neste sentido, são importantes os apontamentos de García Canclini (2005) sobre os *sentidos culturais* que, segundo ele, atualmente se pautam e se organizam “cada vez menos nos romances do que nas telenovelas, não tanto nas universidades quanto na publicidade” (Canclini, 2005, p. 215) criando uma combinação de *midiatização* e *interconectividade* que acentuam processos de fragmentação e descontinuidade. As descontinuidades influenciam as *culturas juvenis* que, “diante das dificuldades de saber o que fazer com o passado e o futuro consagram o presente, consagram-se ao instante” (idem, p. 218). Nesta *cultura do instantâneo* aparecem a moda e a música como elementos absolutamente passageiros, instáveis e inconstantes, que se transformam com uma velocidade incrível, e que criam também novas dinâmicas de consumo.

Estas formas de consumo relacionam-se de uma forma ou outra com os processos globais a partir dos quais a sociedade oferece aos jovens uma intimação para que se *globalizem* enquanto consumidores e trabalhadores (García Canclini, 2005). De maneira geral, o presente e o futuro dos jovens apresentam-se como uma “paisagem desencantada”, mas que os atinge de maneira diversa, de acordo com o modo pelo qual se conectam ou ficam desconectadas. No *prolonga* as disparidades em relação ao acesso ou não à rede global não aparece de forma tão nítida, mas as maneiras com que usufruem da conectividade em relação às músicas espelham suas práticas, suas relações e sociabilidades; os jovens *informatizados* (para usar um termo de García Canclini) assumem posições privilegiadas na circularidade das informações e no *cenário* específico do *prolonga*, podendo ser considerados os mediadores da relação global-local. Estas reflexões corroboram a afirmação do autor de que apenas alguns

jovens terão acesso à informática enquanto que “a maioria se limitará à televisão, aos discos e vídeos piratas (...) [criando uma crescente] disparidade entre os informatizados, os entretidos e os outros (García Canclini, 2005, p. 212).

3. Entre permanências e discontinuidades – o paradoxal (no) espaço público

Embora através da etnografia tenhamos apontado no espaço público da Avenida Getúlio Vargas: permanências, rotinas e continuidades; percebemos, por outro lado, que estas estão articuladas em um jogo de instantaneidades, oscilando entre continuidades e discontinuidades – em uma constante circulação entre global e local. Pois até mesmo os bens consumidos pelos frequentadores do *prolonga* têm relação com processos mais amplos (basta observar os pés dos jovens para identificar pelo menos cinco marcas mundiais de calçados, que quer sejam “originais” ou “falsificados” estão inseridos em um mesmo “universo de significados” e são marcadores de diferenças localmente). E isto acontece justamente porque “a cidade tende a ser o lugar onde as relações de longa e curta distância coexistem, e onde as pessoas interagem mais intensivamente a partir das combinações dessas relações” (Hannerz, 1999, p. 153). Todas essas demarcações e classificações encontradas, que fazem da Avenida um espaço descontínuo e fragmentado, evidencia não somente a heterogeneidade de suas sociabilidades, mas também que é um espaço constituído de *lugares* que se justapõe e coexistem.

Vimos que nos diferentes espaços da Avenida surgem contextos de sociabilidade dos mais diversos tipos, que podem ser articulados em termos de apropriações do espaço público. Aparecem *cenários* na *avenida*, lugares de encontro e lazer, que do *passeio* à *balada* são formas de uso da Avenida, representativos da dinâmica mais ampla de uso do espaço público na cidade de Chapecó. É neste contexto que surge o *prolonga* – lugar transgressor em essência, mas que se institui socialmente como prática – local de encontro de jovens e que parece reproduzir algo de uma “cultura do automóvel” presente não somente em Chapecó, mas também em outros lugares como a Vila Olímpia (SP), área estudada por Borges e Azevedo (2007)⁸⁹ e na qual aparecem dinâmicas muito semelhantes às encontradas por esta etnografia, nas os carros tem papel importante.

⁸⁹ Na Vila Olímpia, há um posto de gasolina que se converte em “balada” a partir dos usos que se estabelecem no local. De maneira semelhante ao que acontece no *prolonga*, no caso analisado pelas autoras, o posto se tornou

Embora durante toda a etnografia o espaço público fora permanentemente marcado, delimitado, diferenciado; destacando a criação de identidades físicas e territorializações, pode-se dizer que coexistem elementos que se referem a um espaço público mais global, emergente. Nestas marcas que apontariam para a fragmentação desse público, também não deixam de participar elementos mais englobantes e, estes aparecem de maneira mais explícita quando analisamos o cenário *prolonga*.

O *prolonga* aparece como um paradoxo de tudo aquilo que foi identificado. Falamos que em Chapecó há um único centro, sendo a avenida ícone, símbolo e sinônimo do público, e que todo aquele que se sente partícipe do espaço público tem que estar na avenida. No entanto, há também simultaneidades que extrapolam estas fixações e localismos. Estas constatações terminam por corroborar as maneiras com que os autores trabalhados definem o espaço público, ressaltando a sua fluidez, ambiguidade, cenário do imprevisível, de fluxos, etc. (Delgado, 1999, 2007; Hannerz, 1998, 1999; Homobono, 2000). No caso analisado, o fluido não estaria tanto no sentido dos encontros e desencontros, mas em termos de permanências e discontinuidades das coisas: por exemplo, os jovens do *prolonga* não ouvem qualquer música, mas aquela que *circula*, não usam um tipo de moda local, mas a *moda fashion*. Neste contexto ninguém quer ser visto como atrasado, todos querem estar atualizados. Em seus valores, em seu universo, nas relações que se estabelecem entre eles, estar atualizado é fundamental; para estar no grupo se exige esta sintonização (fato que pode ser visto na maneira com que aqueles não tão velozes na atualização das músicas são criticados ou “zoados”).

Gostaríamos de finalizar a dissertação ressaltando que há várias formas de pensar e analisar o *prolonga*. Uma delas foi focar nas suas características enquanto sociabilidade na rua, destacando a dinâmica de *ver* e *ser visto* no âmbito de visibilidade e comunicação visual do espaço público. Também foram apontadas, minimamente, as relações local/global, e nesse contexto urbano, cabe ressaltar as relações de forças que permitem ou não sua existência, ou seja, mais uma vez aparecem fricções, em constantes negociações que colocam em relação conflito e tensão. Assim, se por um lado se pensou o *prolonga* em termos de comportamentos e práticas, por outro se pode pensar o *prolonga* em termos de lugar de vigilância e controle.

referência como espaço de lazer e encontro de pessoas que tem em comum, principalmente, o fato de serem proprietários de carros “tunados”. Além disso, a Vila Olímpia se torna “um lugar propício para as pessoas se mostrarem, circularem, sempre convidando a população frequentadora para mais um passeio – seja indo *ao encontro* dos iguais ou *de encontro* aos diferentes (Borges e Azevedo, 2007, p. 114 grifos das autoras).

O motivo de vigilância por parte da polícia no *prolonga* não está ligado apenas ao fato de que as pessoas ouvem música com volume muito alto. Os seus frequentadores em muitas ocasiões, falaram que “os de fora” vêem o *prolonga* como transgressor, como um “lugar que se fazem coisas erradas”, ao mesmo tempo em que a percepção dos praticantes do *prolonga* é de que eles se divertem, encontram os amigos, tomam uma cerveja e olham o movimento, trazendo entre outros argumentos o fato de trabalharem durante a semana e no final de semana querer “ver um pouco de movimento” (Josi).

A este respeito são interessantes os apontamentos de Eilbaum e Villalta (2002) de que as hierarquizações do espaço público por parte do poder do estado (especialmente agências policiais) acabam por criar *zonas* que são qualificadas como espaços de risco ou perigosas. Estes espaços podem ser classificados como “zonas de vigilância e proteção” ou “zonas de vigilância e controle”. Os primeiros supõem um tipo de vigilância onde a presença policial serve como prevenção do delito e da desordem e ao mesmo tempo a proteção daqueles cidadãos definidos como objeto do cuidado policial. Neste contexto o espaço público se torna um cenário propício para o desenvolvimento de operações a partir das quais a polícia impõe sua presença nas ruas, definindo zonas e populações que requerem mais proteção que outras. As zonas de vigilância e controle são considerados âmbitos de “marginalidade”, e o controle sobre elas se exerce não somente sobre seu uso como também sobre sua população – estes lugares são essencialmente aqueles “abertos”, como as ruas. As autoras ainda apontam que muitos desses espaços podem funcionar como “zonas de tolerância” dentro das quais, a partir de regras informais, se estabelecem acordos entre a polícia e os usuários de determinado espaço.

Pode-se dizer no *prolonga* a prática policial indica que este é considerado simultaneamente zona de *vigilância*, *proteção* e *controle*, pois as atividades são tanto preventivas (como quando os carros com som alto são abordados), há a intenção de “proteger” os moradores locais (ao controlar o volume do som, por exemplo), como também aparecem medidas de *controle* mais direto, como as blitz, que além de imporem sua presença, estabelecem que aquele local está propício à delitos⁹⁰, os policiais agem no sentido de coibir ações transgressoras, especialmente relacionados com transformações não permitidas nos carros. Mas também a ação policial está pautada em interpretações que levam em conta força

⁹⁰ Não são realizadas blitz com a intenção de fiscalizar o consumo de álcool por parte de motoristas, sendo que somente depois do término da pesquisa de campo a cidade passou a contar com bafômetros móveis – o anterior ficava na delegacia central porque só funcionava com energia elétrica – e como já foi explicitado, o consumo de álcool no *prolonga* é muito disseminado, mas não é possível saber se medidas coibitivas desta prática irão interferir nas dinâmicas do *prolonga*.

e poder dos sujeitos envolvidos, assim não é todos genericamente que são parados nas blitz, havendo uma seleção não democrática da fiscalização. A *vigilância no prolonga* envolve a circulação contínua de viaturas policiais, que algumas vezes circulam em comboio, aparentemente com o objetivo de evidenciar sua presença. Justamente pelo caráter transgressor que possui, o *prolonga*, assim como o final do prolongamento são constantemente monitorados pela polícia, e embora os usuários reclamem dos “exageros” por parte dos policiais e questionem os critérios adotados para punições, se torna necessária sua presença, para própria segurança dos seus frequentadores⁹¹, e esta relação é negociada continuamente. Em muitos casos o *prolonga* pode ser considerado uma zona de tolerância, que estabelece, por exemplo, que o respeito às regras está atrelado à presença da polícia: o volume do som é diminuído quando a viatura se aproxima e volta a subir novamente quando esta se afasta.

O espaço urbano, por sua oposição aos cercados e imposições, não é fácil de controlar. Isto não significa dizer que não existem medidas por parte do poder político de alguma modalidade de controle panóptico. Mas estes dispositivos nunca atingem êxito total, devido em parte, ao fato de que não se aplicam sobre um público passivo, maleável e dócil, mas sobre elementos moleculares que desenvolvem artimanhas, maneiras de escapar diante da mínima possibilidade (Delgado, 1999, p. 35). No *prolonga*, embora o controle seja constante, as pessoas já se adaptaram à vigilância e acabam por criar táticas para “escapar” da blitz ou evitá-la, sendo fácil desviar da barreira policial e acessar o *prolonga* pelas ruas contíguas. Também considerando o seu caráter de “zona de tolerância”, manter-se dentro de determinados parâmetros aceitáveis de “fazer festa” garante aos usuários que não serão interpelados pelos agentes da vigilância e controle.

Ao retomar a gênese do *prolonga* enquanto uma prática reconhecida socialmente colocada no segundo capítulo, onde foi enfatizado como o *cenário* foi ressignificado pela sociedade chapecoense a partir de sua *institucionalização* como local de destino das torcidas, que se apropriam do cenário e se mesclam aos seus usuários cotidianos. Além disso, algumas pessoas *passeiam* pelo *prolonga*, com o intuito de apenas olhar, ou seja, não se inserem na dinâmica descrita anteriormente da *visibilização mútua*, privilegiando as práticas que

⁹¹ A presença policial além de indicar a existência da possibilidade de acontecerem delitos, também indica a tolerância que existe, pois as pessoas continuam aí, embora vigiadas. E a necessidade de presença policial se mostrou de forma muito clara quando durante uma paralisação policial se instaurou “o caos” no *prolonga*, as pessoas circulavam sobre os carros (sentados nos capôs e nas partes traseiras de camionetes), carros circulavam com o porta-malas aberto e com pessoas neste, o volume das músicas era altíssimo, sujeitos circulavam armados, motoristas dirigiam enquanto bebiam, entre outros exageros que culminaram com nada menos que um assassinato em plena rua, no final do prolongamento.

sintetizei na expressão “ver e ser visto”, apenas observam os frequentadores do prolonga assumindo posturas de espectadores. No entanto, permanece relacionado ao *prolonga* o caráter “transgressor” dessas formas de uso do espaço público. Este lugar, embora instituído pelo público, está inserido em uma fronteira delicada entre *tolerância* e *controle*, coexistindo ambos em uma negociação não totalmente explícita entre os usuários do prolonga e os *agentes* da cidade (conotação ampla que engloba agentes de decisão política e econômica que não estão totalmente explícitos). No cotidiano, se estabelecem entre esses usuários e a polícia negociações tácitas e acordos sutis nos quais ambas as partes cedem em certa medida.

O *prolonga* está, por um lado, instituído como *cenário* na (e da) cidade devido à sua antiguidade (já existe de maneira significativa há cerca de seis anos), por outro é reconhecido socialmente: é local de encontro definido, delimitado, com nome próprio e práticas comuns que acabam por fazer dele um *lugar* reconhecido por praticamente todos os moradores da cidade. Por outro lado é “transgressor” por natureza: centenas de pessoas se encontram para “invadir” a rua (de maneira tal que dificultam o trânsito na via); os carros são exibidos e admirados (parados ou circulando); cada um quer ouvir o *seu* som, de maneira que se instaura uma confusão de músicas (confusão que é constituidora da *musicalidade* do *prolonga*); acontecem, portanto, uma série de práticas transgressoras ao espaço público, se cria uma inusitada e movimentada “boate a céu aberto” que, embora seja “transgressora” é permitida.

Para esta discussão, parece pertinente a tese de Da Matta (1993) quando se refere à tradição brasileira, que se constitui de uma lógica que salienta o *ambíguo* e o *intermediário*, sendo um sistema tematizado por mediações, ou seja: relacional (Da Matta, 1993, p. 146). No caso brasileiro, uma sociedade que está a meio caminho entre holismo hierárquico e individualismo liberal, um sistema social no qual se *institucionaliza o intermediário* “como um modo fundamental e ainda incompreendido de sociabilidade” (p. 147) que institui entre outras coisas: a mulata, o cafuzo e o mameluco (no sistema de classificação das raças) e o quintal, a praça e o beco (no sistema espacial). Assim, segundo Da Matta, não se pode restringir o *intermediário* (e o ambíguo) a um lugar negativo no sistema. Por suas características de lugar *intermediário* (constituído, por um lado como lugar transgressor, mas que desfruta de certa permissividade), estaria o *prolonga*, como um lugar intermediário e ambíguo que se *institucionaliza* na sociedade chapecoense.

Aparecem, no espaço público apropriações singulares, com regras privadas. O conflito presente extrapola uma relação de ilegalidade (pelo fato de que as pessoas fazem transformações não permitidas nos carros), está ligada a apropriação “indevida” de um espaço

público, a polícia entra em conflito com os usuários exatamente pela disputa entre o que é público e o que é privado, há um jogo de poder entre regras públicas e transgressões ao público.

Instaura-se assim um jogo de ambigüidades: o *prolonga* é uma “boate ao céu aberto”, mas é permitida; ou seja, que este *status quo* do *prolonga* se mantém com uma permanente negociação com o “outro”. É um lugar totalmente ambíguo, porque não está claramente posicionado: não é público ou privado, transgressão ou não-transgressão; as mesmas pessoas que o caracterizam como transgressor também participam e fazem uso do *prolonga* (como quando as torcidas se encontram lá para comemorar; e estes usuários casuais também se dirigem ao *prolonga* somente para olhar, não estão interessados na dinâmica relacional, mas querem olhar: é como uma forma de controle através do olhar). De alguma forma estas relações indicam as ambigüidades do *prolonga*, que não se organizam em oposição, mas em coexistência, simultaneidade e complementaridade.

O *prolonga* é, assim, um campo difuso do poder, cujas relações hierárquicas podem ajudar a compreender o processo pelo qual adquiriu uma *identidade* distintiva como *lugar* (Gupta e Ferguson, 2000). Assim como poderia ser classificado como um lugar totalmente de transgressão e, portanto, indesejável, acaba se configurando no lugar em que as torcidas se expressam publicamente (ao invés de permanecerem restritas aos espaços esportivos estendem-se para a rua). As torcidas também podem ser lidas como transgressoras, mas aí neste espaço público também são permitidas. O espaço não é constituído apenas pela relação entre “invasão” e repressão, há agentes que estão indiretamente definindo esta permissividade.

Mas as relações não aparecem claramente hierarquizadas, prevenidas e determinadas. Não envolve sujeitos bem definidos: os invasores, os repressores, os usuários casuais. São todos personagens imbricados em ambigüidades, pois, mesmo estes usuários esporádicos “bem comportados” ao mesmo tempo em que frequentam o lugar, participam das representações mais amplas das forças hegemônicas, políticas e econômicas da cidade, que de maneira implícita estabelecem lugares de maior permissividade para que o “transgressor” use.

De fato, esse mesmo lugar caracterizado pelo “outros” como lugar de transgressão é também reconhecido pelos agentes representantes da hegemonia (que podem intervir definindo, por exemplo, que em dias de festa das torcidas não haja blitz) como um *lugar*. O cidadão quando assume o papel de torcedor abandona os princípios de *conveniência*, as pautas de conduta no espaço público, extrapolam os códigos do público: gritam, insultam uns aos outros, participam de conflitos, ou seja, aparecem comportamentos que saem do

convencional. Estas torcidas e este tipo de comportamento é respaldado pelos grupos hegemônicos, e se instaura a permissão nesse local. O *prolonga*, o *alpes* e o *final do prolongamento* são lugares transgressores não somente porque se consomem bebidas e drogas, mas também porque transgridem as regras de *conveniência* e pautas de conduta: eles destoam do que é considerado “estar no espaço público” – que em muitos sentidos se afasta dos comportamentos esperados em uma balada.

Assim, essas práticas são autorizadas, mas nem sempre. Se o *prolonga* é considerado “contaminado” pela transgressão, por outro lado, dele também participam as torcidas. Há formas de mediações não muito claras desse social, mediações ambíguas que fazem parte desta coexistência. Há uma negociação em termos relacionais (Da Matta, 1993) de modo que o *prolonga* pode ser pensado, em relação às outras forças sociais da cidade, procurando o lugar que ocupa neste contexto mais amplo, da cidade como um todo. Em princípio, se pensarmos o *prolonga* em relação à avenida central aparecem antagonismos que remetem a relação do *prolonga* nesse conjunto geral, no paradoxo que se instaura de sua *transgressividade e permissividade* nas relações simultâneas de controle e de reconhecimento.

Como apontamos anteriormente, o *prolonga* surge como um cenário constituído pelas práticas dos seus próprios frequentadores, sendo possível o categorizar como *cenário provisório*, que se arma e se desarma materialmente. No entanto, simbolicamente o *prolonga* permanece. Há uma desmontagem em termos físicos, o movimento é substituído pela ausência, o silêncio substitui a musicalidade, mas em termos de reconhecimento entre seus usuários, o *prolonga* continua sendo *prolonga*, já adquiriu um valor para além das práticas que aparecem em seu cenário, é referencial e evocativo de uma imagem: é um *lugar*.

Considerações Finais

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isto que me alegra, montão (Guimarães Rosa, 1963, p. 24).

Nesta dissertação pôde-se perceber como a Avenida Getúlio Vargas, enquanto referencial simbólico, possui significações que a qualificam como o espaço público chapecoense por excelência. Através da etnografia desta avenida foram identificadas demarcações e classificações que criam *lugares*, produzindo um cenário fragmentado por diferentes modos de sociabilidades. No entanto, para além dessas delimitações procuramos ressaltar a importância da qual a Avenida se reveste enquanto símbolo do espaço público de

Chapecó. Na avenida foram encontrados *cenários* específicos de sociabilidade que foram descritos e analisados levando em conta a premissa de que por estarem neste espaço público, estão qualificados simbolicamente pela avenida enquanto *fator englobante*.

Durante esta etnografia foram enfatizadas as práticas e usos que atuam no sentido de criar demarcações e *lugares* singulares. Também foi apontado que na cidade de Chapecó, apesar de se tratar de uma cidade média com importância regional, se mantém as características urbanas de centralidade única, permanecendo o centro histórico como principal aglutinador comercial e econômico da cidade, sendo que aí, e mais especificamente em sua avenida central, se estabelecem sociabilidades e encontros muito significativos para a construção dos próprios sentidos desta avenida e do espaço público.

Assim, procuramos destacar permanências, rotinas e continuidades neste espaço público. O *prolonga* se mostrou um *cenário* bastante fértil para perceber que essas permanências oscilam entre continuidades e descontinuidades. Apontamos, neste sentido, para a circulação global-local, e como elementos cotidianos como a música e a moda estão envolvidas em redes de circulação mais amplas, para além de localismos.

Finalmente, aparecem outros enfoques sobre o *prolonga*, para além de suas características enquanto lugar de sociabilidade na rua caracterizado pela dinâmica do *ver e ser visto*, e das relações local/global evidenciadas, pareceu pertinente ressaltar as relações de forças que permitem sua existência, que estão em um jogo permanente de ambiguidades, porque o próprio *prolonga* é ambíguo e intermediário, não está claramente posicionado. Identificamos nesta característica de indefinição do *prolonga*, a maneira com que este *cenário* se organiza no espaço, imerso em ambiguidades que coexistem e se complementam.

O *prolonga* encarna um paradoxo do espaço público, não pode ser classificado como um lugar totalmente de transgressão – embora este caráter seja evidente – porque é apropriado por setores mais abrangentes da sociedade chapecoense, sendo reconhecido socialmente. Esta negociação implícita entre permissão e repressão é definida por agentes hegemônicos (forças sociais da cidade) em uma relação cujos integrantes não estão claramente definidos. O paradoxo aparece justamente nestas *transgressividade* e *permissividades* simultâneas que envolvem relações ao mesmo tempo de controle e de reconhecimento. No entanto, os aprofundamentos destas relações terão que ficar para próximas pesquisas.

Como apontamos anteriormente, o *prolonga* surge como um *cenário provisório*, que se arma e se desarma materialmente, mas permanece simbolicamente, sendo referencial evocativo de um *lugar*. Para certa juventude, é o *cenário* de encontro e balada, é destino

preferencial nos momentos de lazer (preferência pautada em termos também da falta de opções), e está permeado por práticas e representações pautadas em termos de transgressão. No entanto, para além de seu caráter transgressor, assume outras configurações na sociedade chapecoense, como quando é destino das torcidas; e apesar de transgressor é permitido pelas forças hegemônicas da cidade (agentes sociais, políticos e econômicos), que ao mesmo tempo em que não desenvolvem políticas específicas para a juventude que possibilitem a ampliação do seu “campo de possibilidades” (Velho, 1994), optam por permitir que os jovens se divirtam naquele espaço. Neste sentido considero pertinente a leitura que faz García Canclini (2005) ao falar que a sociedade indica para os jovens que há pouco lugar para eles, ao mesmo tempo em que demonstra a si mesma não ter capacidade suficiente para rejuvenescer-se e de escutar aqueles que poderiam de fato transformá-la (García Canclini, 2005, p. 210). Não quero dizer com isso, que o *prolonga* se explica pela ausência de políticas de juventude na cidade, como foi demonstrado durante a etnografia o *prolonga* se instaurou a partir de práticas coletivas, mas a sua permanência envolve relações de poder que oscilam entre permissão e controle.

O caráter “transgressor” do *prolonga* condiciona as representações dos sujeitos e também as posturas da polícia – instituindo o *prolonga* como uma zona de vigilância e controle. Pensando esta ambiguidade que articula permissão e transgressão em termos relacionais (Da Matta, 1995), pode-se usar a metáfora do *jogo* para pensar as relações que se estabelecem no espaço público. Da Matta (1989) define *jogo* como um paradigma da dinâmica democrática, pois somente pode existir quando os jogadores fazem um pacto (não entre si, mas com as regras). A analogia que Da Matta faz entre *jogo* e espaço público pressupõe que o último seja constituído por *regras*, representado como *vazios* nos quais as pessoas podem exercer sua liberdade, domínio para ser apropriado por alguém, vazios que todos podem usar, mas que ninguém pode controlar.

Estas proposições de Da Matta (1989) podem ser úteis para analisar este espaço público em termos das negociações anunciadas entre os agentes da cidade e que, entre outras coisas, instituem o *prolonga*. É preciso lembrar que no Brasil o universo público é sempre tratado como uma questão política, de maneira que o Estado em constante negociação com determinados atores, atua impondo regras de maneiras diferentes de acordo com o status social dos indivíduos e sua capacidade de pressão. O espaço público se encontra, nesses casos, repleto de conotações sociais que ao mesmo tempo em que restringem seu uso para alguns, facilitam sua apropriação por outros (Da Matta, 1989, p. 24). O público configura-se como

um campo de interpretações, onde algumas dominam as outras em função da força e poder de quem as sustentam. São nestas confrontações do espaço público que aparecem os *valores* que se traduzem em formas de uso e demarcações do espaço, relações de poder que atravessam o espaço e criam relações que definem as formas de uso e circulação. Pensar nestes termos envolveria uma pesquisa mais ampla, que fosse além da observação do próprio *prolonga* e que buscasse as vozes desse *jogo*.

Referências Bibliográficas

ALBA, Rosa Salete. *Espaço Urbano: os agentes da produção em Chapecó*. Chapecó: Argos, 2002.

ABRAMO, H.W. “Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil”. In: *Revista Brasileira de Educação*, nº 5, 1994.

ALTHABE, Gerard. “L’ethnologie urbaine: ses tendances actuelles”. In: *Terrain. Carnets du Patrimoine Ethnologique*, núm. 3, 1984. Mission Patrimoine Ethnologique. Paris, p. 3-4.

AGIER, Michel. “Lugares e redes: as mediações da cultura urbana” in *Além dos territórios*. A.M. Niemayer e E. Pietrafesa de Godoy (orgs.). Campinas: Mercado de Letras, 1998.

ANTUNES, Camila Sissa. “Retornando à Vila: novo olhar teórico sobre antigos dados de campo” in *Revista Mosaico Social*, Revista do curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, Ano IV – n. 4 – 2008.

ANTUNES, Camila Sissa. Homogeneidade *versus* Heterogeneidade? – conflitos, transformações e dilemas habitacionais na Vila Cachoeira. Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

ARANTES, A. “A guerra dos lugares: fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano de São Paulo”. In: C. Fortuna, A. Arantes (org.). *Cidade, cultura e globalização*. São Paulo: Celta Editora, 1997.

ARENDT, Hanna. *La condición humana*. Barcelona: Paidós, 1998.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares. Introdução a uma antropologia da modernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. Obras escolhidas, vol. 1.

BODEMER, Klaus. “Entre la globalización, la fragmentación y el renacimiento. Las ciudades latinoamericanas a comienzos del siglo XXI”. In: *Iberoamericana III*, n. 11, 2003. p. 91-95.

BORGES, Ana Luiza Mendes e AZEVEDO, Clara de Assunção. “A mancha de lazer na Vila Olímpia” in José Guilherme Cantor Magnani e Bruna Mantese de Souza (orgs.). *Jovens na metrópole. Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. – 1. ed. – São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007, pp. 83-116.

BORJA, Jordi. “Cidadanía y espacio público”. In: *Reforma y democracia*, n. 12, 1998. [on line] Disponível em: http://www.cccb.org/rcs_gene/ciudadania_espacio_publico_cast.pdf.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

Cadernos do CEOM, nº 4. Ed. Especial. Chapecó/SC. Agosto, 1989.

CALDEIRA, Teresa P. do Rio. *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. Tradução Cecília Prada – São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CASTELLS, Alicia Norma González de. ; GUIMARÃES, Ana Cristina Rodrigues ; ANTUNES, Camila. S. ; CASTELLS, E.J.F. ; REIS, M. J. ; GODOY, C.P. . A comunidade Sertão de Valongo (Porto Belo, SC): Ervas de Chá, Plantio Agroecológico de Bananas. In: Godoy, Clayton Peron; Rabelo, Marcos Monteiro. (Org.). *Comunidades Negras de Santa Catarina: narrativas da terra, ancestralidade e ruralidade*. Florianópolis: IPHAN, 2008, p. 59-71.

CASTELLS, Alicia N. G. de. *O estudo do Espaço na Perspectiva Interdisciplinar*. In: *Antropologia em Primeira Mão*, Nº 47, 2001.

CASTELLS, Alicia N. G. de. “Vida Cotidiana sob a Lente do Pesquisador: O valor Heurístico da Imagem” in *Antropologia em Primeira Mão*, 1999.

CASTELLS, Manuel. *Problemas de investigación en sociología urbana*. Madrid: Siglo XXI, 1979.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 10ª ed. 1994.

CLIFFORD, James. “Sobre a autoridade etnográfica”. In: J.R. Gonçalves (org.). *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 2002.

DA MATTA, Roberto. *Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DA MATTA, Roberto. “A propósito de micro-cenas e macro-dramas: notas sobre a questão do espaço e do poder no Brasil” in O’DONNELL, Guillermo “Situaciones: micro-escenas de la privatización de lo público em São Paulo” con comentarios de Roberto Da Matta e J. Samuel Valenzuela in *Working Paper #121*, May 1989. Disponível em: <http://nd.edu/~kellogg/publications/workingpapers/WPS/121.pdf>. Acesso em maio de 2009.

DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DAYRELL, J. *Juventude, grupos culturais e sociabilidade*. 2004. Disponível em www.fae.ufmg.br:8080/objuventude/acervo/textos%5CABA2004.html. Acesso em 04 de abril de 2009.

DELGADO, Manuel. *Sociedades movedizas. Pasos hacia una antropología de las calles*. Barcelona: Anagrama, 2007.

DELGADO, Manuel. “Naturalismo y realismo en etnografía urbana. Cuestiones metodológicas para una antropología de las calles” in *Revista Colombiana de Antropología*, Volumen 39, enero-diciembre 2003, p. 7-39.

DELGADO, Manuel. *El animal público. Hacia una antropología de los espacios urbanos*. Barcelona: Anagrama, 1999.

DURHAM, Eunice. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1973.

DURHAM, Eunice e CARDOSO, Ruth. “A investigação antropológica em áreas urbanas”. *Revista de Cultura Vozes*, 67 (2). Petrópolis, Vozes, 1973.

DURHAM, Eunice R. “A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas”, in: CARDOSO, Ruth (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

ECKERT, Cornelia. “As variações ‘paisageiras’ na cidade e os jogos de memória”. In: *Iluminuras 20 - Paisagens urbanas e as dinâmicas da cultura*. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.iluminuras.ufrgs.br/artigos/2008-20-variacoes-paisageiras.pdf>>

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho. “A cidade como sede de sentidos”. In: *Iluminuras 20 - Paisagens urbanas e as dinâmicas da cultura*. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.iluminuras.ufrgs.br/artigos/2008-20-a-cidade-como-sede-sentidos.pdf>>

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. *A vocação do etnógrafo na cidade*. RBSE. Revista brasileira de sociologia da emoção, João Pessoa, v. 3, n. 9, p. 329-351, 2004.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho. “Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana”. In: *Iluminuras*, vol. 4, n. 7, 2003. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/viewFile/9160/5258>>

EILBAUM, Lucía e VILLALTA, Carla. “Zonas diferenciales en el espacio público: clasificaciones, distinciones y jerarquias” in FILC, Judith (coord.). *Territórios Itinerários Fronteras*. Buenos Aires: Ediciones Al Margen / Instituto del Conurbano – Universidad Nacional de General Sarmiento, 2002.

FEIXA, Carles. “Los estudios sobre culturas juveniles en España – 1960-2004”. In: *Revista de Estudios de Juventud*. Madri, n. 64, mar. 2004.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FEIXA, Carles. *La ciudad en la Antropología Mexicana*. Lleida: Universitat de Lleida, 1993.

FRÚGOLI JR, Heitor. “O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia” in *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2005, v. 48 n° 1 p.133-165.

FRÚGOLI JR, Heitor. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Cortez / Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

FRÚGOLI JR, Heitor. “A questão da centralidade em São Paulo: o papel das associações de caráter empresarial” in *Revista Sociologia Política*, Curitiba, 16, p. 51-66, jun. 2001.

FRÚGOLI JR, Heitor. *São Paulo: espaços públicos e interação social*. São Paulo: Marco Zero, 1995.

FRÚGOLI JR, Heitor. “Os shoppings de São Paulo e a trama do urbano: um olhar antropológico”. In: S.M. Pintaudi e H. Frúgoli Jr (orgs.). *Shopping centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Tradução Luiz Sérgio Henriques. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GARCÍA CANCLINI, N. “México 2000: ciudad sin mapa”. In: *Medio Ambiente y Urbanización*. Buenos Aires, Instituto Internacional de Medio Ambiente y Desarrollo (IIED América Latina), ano 10, n° 43-44, jun./set. 1993, p. 111-124.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

- GEERTZ, Clifford. *The anthropologist as author*. Stanford: Stanford University Press, 1988.
- GOFFMAN, Erving. *Relaciones en público. Microestudios de orden público*. Madrid: Alizanza, 1974.
- GOFFMAN, Erving. *The presentation of self in everyday life*. New York: GardenCity, 1959.
- GOLDMAN, Marcio. “Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica”. *Etnográfica*, Vol.X (1), 2006, pp. 161-173.
- GÓMEZ, Jairo Montoya. “Palimpsestos estéticos y espacios urbanos: de la razón práctica a la razón sensible” In **Antropolítica**, Niterói, n. 6, p. 7-22, 1. sem. 1999.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. “Os museus e a cidade” in J.R.S. Gonçalves, R. Abreu, M. Chagas (orgs.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.
- GUIMARÃES, A.C.R, ANTUNES, C. S. “(Re)pensando uma metodologia: a experiência de aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais”. In: Castells, Alicia Norma González de; Godoy, Clayton Peron Frando de; Rabelo, Marcos Monteiro; Reis, Maria José. (Org.). *Ecos e Imagens do Patrimônio Imaterial: Inventário Nacional de Referências Culturais do Sertão de Valongo*. 1 ed. Florianópolis: IPHAN, 2008, p. 171-186.
- GUPTA, Akhil e FERGUSON, James. “Mais além da ‘Cultura’: espaço, identidade e política da diferença” In: Antônio A. Arantes (org.). *O espaço da diferença*. Campinas, SP: Papyrus, 2000.
- HALL, Stuart. “Quem precisa de identidade?” In: *Identidade e diferença: as perspectivas dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HANNERZ, Ulf. “Entrevista: os limites de nosso auto-retrato. Antropologia urbana e globalização”. In *Mana* 5(1): 149-155, 1999.
- HANNERZ, Ulf. *Conexiones transnacionales. Cultura, gente, lugares*. Madrid: Cátedra, 1998.
- HANNERZ, Ulf. “Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional” in *Mana* 3(1):7-39, 1997.

HANNERZ, Ulf. *Exploración de la ciudad: hacia una antropología urbana*. Trad. I. Vermont e P. Villegas. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

HASS, Mônica; ALDANA, Myriam; BADALOTI, Rosana Maria. “O Plano Diretor de Chapecó (SC) e a possibilidade de um pacto social à luz dos princípios do Estatuto da Cidade” in *Ciências Sociais Unisinos*, volume 44 n°. 3, p. 208-219, set/dez 2008.

HOMOBONO, José Ignacio. “Introducción: de la antropología social a la antropología urbana” in *Zainak*. 19, 2000, 7-12.

HOMOBONO, José Ignacio. “Antropologia urbana: itinerários teóricos, tradições nacionais e âmbitos temáticos na exploração do urbano” in *Zainak*. 19, 2000b, 15-50.

JACOBS, Jane. *Muerte y vida de las grandes ciudades*. Barcelona: Península, 1973.

JOSEPH, Isaac. “Introduction: Paysages urbains, choses publiques” in *La ville sans qualités*. Paris: Éditions de l’Aube, 1998.

JOSEPH, Isaac. “Reprendre la rue” in *Prendre place: espaces publics et culture dramatique*. Paris: Recherches, Plain Urbain, 1995.

KEMPER, R.V. “Urban anthropology: an analysis of trends in US and Canadian dissertations” in *Urban Anthropol.* 22: -215, 1993.

LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, Aracaju, SE: Editora UFS, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos – O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Introdução. Circuitos de jovens”. In: José Guilherme Cantor Magnani e Bruna Mantese de Souza (orgs.). *Jovens na metrópole. Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. – 1. ed. – São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007, pp. 15-22.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Conclusão. Fechando o Circuito”. In: José Guilherme Cantor Magnani e Bruna Mantese de Souza (orgs.). *Jovens na metrópole. Etnografias de*

circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. – 1. ed. – São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007b, pp.245-253.

MAGNANI, J. G. C. A rua e a evolução da sociabilidade. *Os Urbanistas* (Revista Digital de Antropologia Urbana), ano 1, v. 1, n. 0, outubro de 2003. Disponível em <<http://www.osurbanitas.org/>>, Acessado em janeiro de 2007.

MAGNANI, J.G.C. “A antropologia urbana e os desafios da metrópole” In *Tempo Social*, USP, São Paulo, p. 81-95, abril 2003b.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 17, n. 49, Jun. 2002.

MAGNANI, José G. C. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole” in: MAGNANI, J.G.C. e TORRES, L.L. (org.) *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Fapesp, 1996.

MAGNANI, J. G. C. “Da periferia ao centro: pedaços e trajetos”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 35, 1992, pp. 191-203.

MAGNANI, José G. C. *Festa no Pedacço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAIHOLD, Günther. “Medios e Identidades” in *Iberoamericana*. América Latina, España, Portugal: Ensayos sobre Letras, historia y sociedad. Notas. Reseñas iberoamericanas, ISSN 1577-3388, nº 6, 2002. p.83-87. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es>. Acesso em: dezembro de 2008.

MALUF, Sônia W. “Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas”. *Esboços - Revista do PPG História da UFSC*, Florianópolis, n. 9, p. 87-101, 2002.

MARCUS, G., CUSHMAN, D. “Ethnographies as Texts”. In *Annual Review of Anthropology*, 11, 1982, pp. 25-69.

MARCUS, G. e FISCHER, M. *Anthropology as culturas critique*. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

MARTÍN-BARBERO, J. “Cidade virtual: novos cenários da comunicação”. In: *Comunicação e Educação*, São Paulo, (11): 53 a 57, jan. abr., 1998.

MAYOL, Pierre. “Primeira parte: morar” In: Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

NAS, P.J.M. “Urban Anthropology” in *Human Evolution*, Vol. 12 – n. 1-2 (93-96), 1997.

OLIVEIRA, Marcelo Nahuz de. “Avenida Paulista: a produção de uma paisagem de poder”: In Antonio A. Arantes (org.) *O espaço da diferença*. São Paulo: Papirus, 2000.

OLIVEN, R.G. “Por uma antropologia em cidades brasileiras”. In: G. Velho (org.) *O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

PASTOR, Begoña Garcia. “De la antropología a la antropología urbana” in: *Gazeta de Antropología*. N° 24, 2008. Disponível em: http://www.ugr.es/~pwlac/G24_50Begoña_Garcia_Pastor.html. Acesso em fevereiro de 2009.

PETROLI, Francimar Ilha da Silva. “Um ‘desejo de cidade’ um ‘desejo de modernidade’ Chapecó, 1931-1945”. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

RABINOW, Paul. “Representações são fatos sociais: modernidade e pós-modernidade na antropologia”. In: P. Rabinow. *Antropologia da Razão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

REIS, Simone e VILLELA, Ana Laura Vianna. *Requalificação do centro histórico e cultural de Chapecó*. Monografia (Conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Comunitária Regional de Chapecó, 2005.

REIS, M. J. ; BAUERMANN, L. e ANTUNES, C. S. “Patrimônio imaterial e agroecologia: os saberes e as práticas agrícolas em Valongo”. In: Castells, Alicia Norma González de; Godoy, Clayton Peron Frando de; Rabelo, Marcos Monteiro; Reis, Maria José. (Org.). *Ecos e Imagens do Patrimônio Imaterial: Inventário Nacional de Referências Culturais do Sertão de Valongo*. 1 ed. Florianópolis: IPHAN, 2008, p. 137-169.

SANJEK, Roger. “Urban Anthropology in the 1980s: a world view” in *Annu. Rev. Anthropol.* 19, 151-186, 1990.

SASSEN, Saskia. Ciudades en la economía global: enfoques teóricos y metodológicos. *EURE (Santiago)*, Santiago, v. 24, n. 71, 1998. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0250-71611998007100001&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 15 Feb 2009.

SENNET, Richard. *El declive Del hombre público*. Barcelona: Península, 1974.

SIMMEL, Georg. “Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal”. In: G. Simmel. *Sociologia: Simmel*. São Paulo: Ática, 1983.

TOLEDO, Luiz Henrique de. “Pós-facio. Corporalidade e Festa na Metrópole”. In: José Guilherme Cantor Magnani e Bruna Mantese de Souza (orgs.). *Jovens na metrópole. Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. – 1. ed. – São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007, pp. 255-266.

TORRES, Lilian de Lucca. “Programa de Paulista. Lazer no bexiga e na avenida paulista com a rua da consolação” in *Na Metrópole. Textos de antropologia urbana*. JCC Magnani e LL Torres (orgs.), São Paulo: Edusp, 1996.

TURNER, V. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

VELHO, Gilberto. “Trajetória individual e campo de possibilidades”. In: G. Velho. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VELHO, G. e MACHADO DA SILVA, L.A. “Organização social do meio urbano”. In: G. Velho. *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

WHYTE, W.F. *The street corner society*. Chicago: University of Chicago Press, 1943.

WIRTH, Louis. “Urbanism as a way of life” in *American Journal of Sociology*, 1938.

WIRTH, Louis. *The Ghetto*. Chicago: University of Chicago Press, 1928.

ZOLET, Vitorino B. e SILVESTRIN, Alvério (org.) *Zolet: 50 anos fotografando Chapecó*. Uma coletânea de mais de 500 fotos. Chapecó: Ed. do Autor, 2006.

ZUKIN, Sharon. “Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder” In: Antônio A. Arantes (org.). *O espaço da diferença*. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

ANEXO I

(mídia DVD)

Documentário: *Do passeio à balada: sociabilidade no espaço público*

Produção: Camila Sissa Antunes

ANEXO II



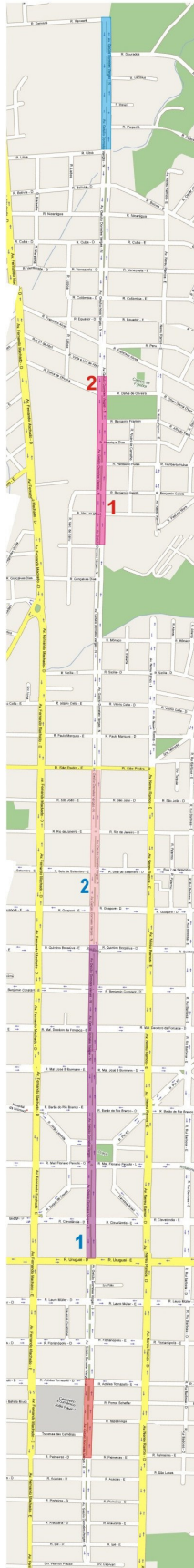
Vista do final do prolongamento (sentido norte - sul)



Vista da parte central da *avenida*



Calçada e transeuntes na parte central da *avenida*



Vista do início do trecho do prolongamento em que à noite aparece o *prolonga*



Vista do trecho do prolongamento em que à noite aparece o *prolonga*

LEGENDA:

- 1 Casa Noturna Chopp de Primeira
- 2 Casa Noturna Asa Delta
- 1 Posto de combustíveis Moreira
- 2 Posto de combustíveis Getúlio
- Trecho "Alpes" ou Topo Sul
- Parte Central da Avenida
- Continuação da parte central
- Prolongamento
- Final do Prolongamento

Fonte: <<http://maps.google.com.br>>. Fotografias da autora.